

**BIBLIOTÉCA
DE CULTURA CATOLICA**

APOLOGETICA

III

P a d r e J . C A B R A L

**JESUS
CRISTO
REI
DOS REIS**

1934

**LIVRARIA CATOLICA
RUA RODRIGO SILVA, 7
RIO**

A "LIVRARIA CATOLICA" de maio de 1932 para cá inaugurou no Rio de Janeiro a sua seção editorial catolica, que até então não existia.

Os esforços para o bom desempenho dessa missão, estão sendo gradativamente compreendidos pelo meio catolico nacional, e pelas inumeras casas livrescas de nosso Paiz, descrentes então, das possibilidades do livro catolico.

Esta má impressão passou, graças aos esforços da LIVRARIA CATOLICA, que proseguirá no seu desiderato de afastar das mãos dos bons catolicos os livros máos que são espalhados por outros editores.

E para melhor estandartisação do livro catolico daremos esta bela coleção em a BIBLIOTECA DE CULTURA CATOLICA.

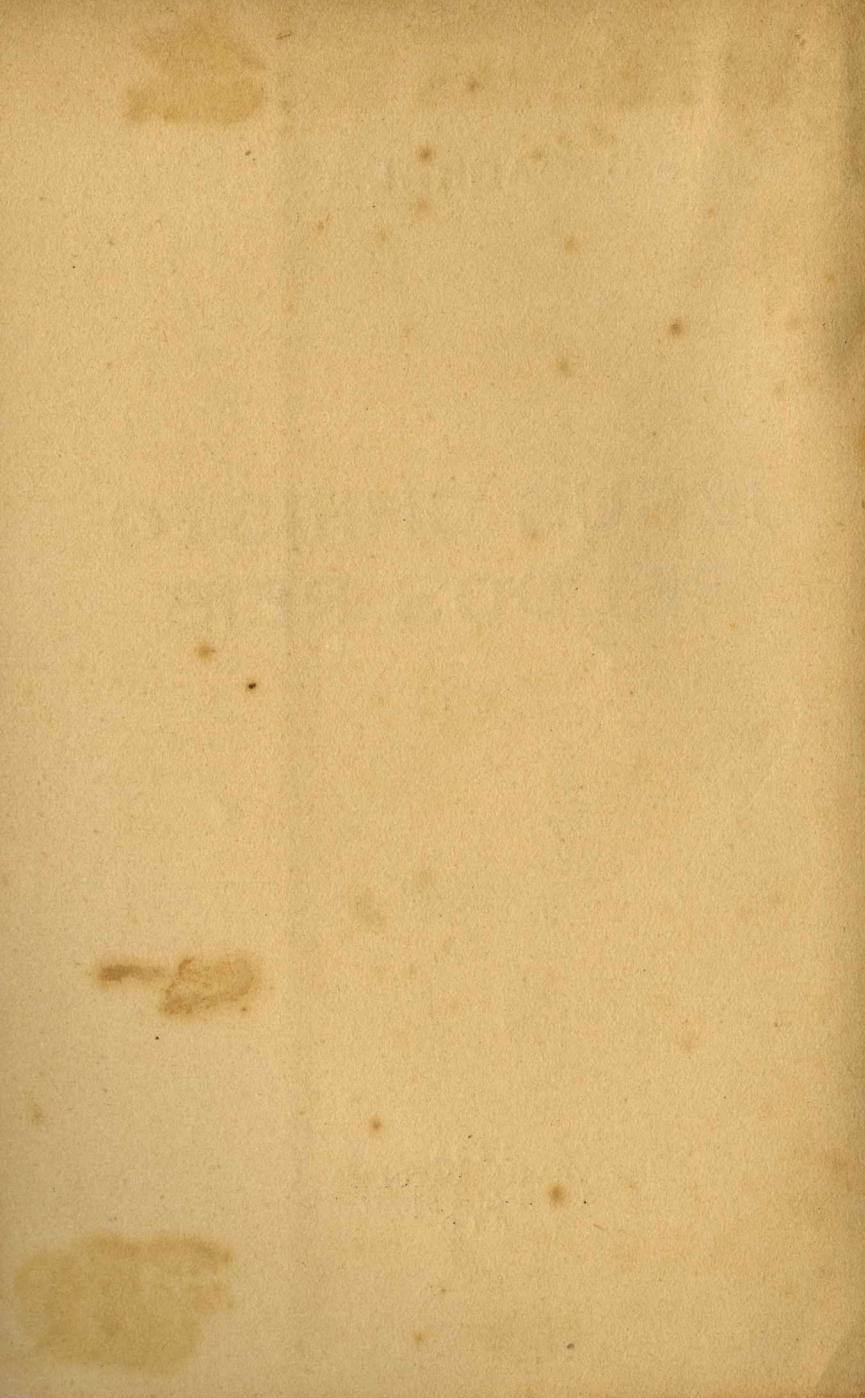
Cabe agora aos bons e verdadeiros catolicos auxiliarem esta obra meritoria dando a sua preferencia as nossas edições, e a nossa casa
LIVRARIA
CATOLICA

Padre J. CABRAL

**JESUS CHRISTO
REI DOS REIS**



1934
LIVRARIA CATOLICA
Rua Rodrigo Silva, 7
RIO



Os espirito cultos de
A. B. Barbiers Avanca

homenagem minha
de P. J. Cabral

Rio, 3-5-38

JESUS CRISTO — REI DOS REIS

COMEMORAÇÃO DO XIX CENTENARIO
DA REDENÇÃO DO GENERO HUMANO

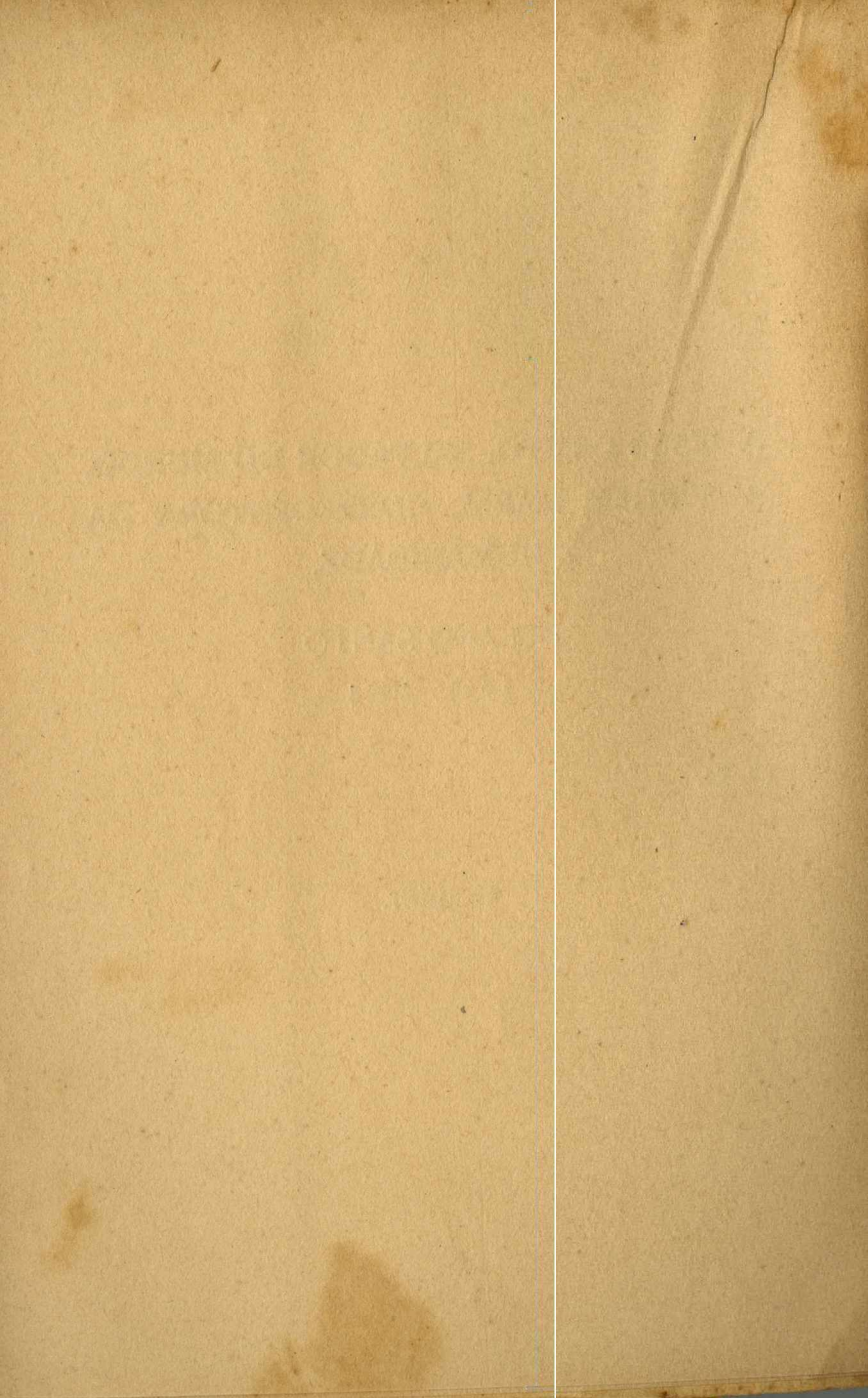
**A JESUS CRISTO, SALVADOR DO MUNDO,
A' VIRGEM MARIA, CORREDENTORA DA
HUMANIDADE,**

NO ANO SANTO

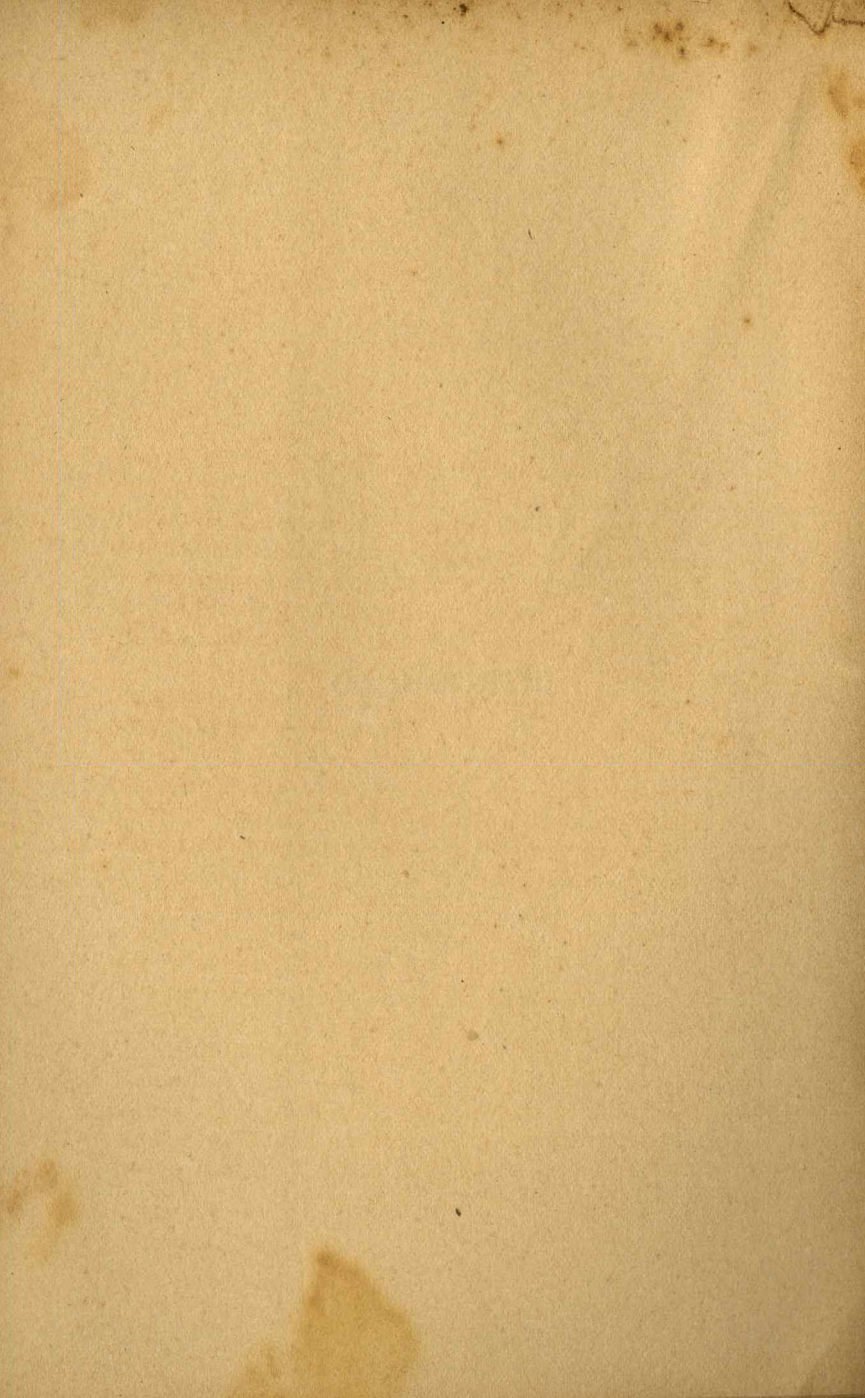
— 1933 - 1934 —

O. D. C.

O autor.



INTRODUÇÃO



Faz dezenove seculos que, nas terras de Israel, surgiu mais um profeta.

O aparecimento de um novo profeta era cousa comum entre os hebreus, povo cuja historia se achava entretecida de prodigios e de acontecimentos maravilhosos e extraordinarios. Taumaturgos, enviados de Deus, ungidos do Senhor e videntes marcavam as diversas épocas da historia do povo eleito.

Apesar disso, porém, o novo rabino conseguiu despertar a atenção geral e impôr-se á consideração publica e ao respeito de seus adversarios. E' que em sua pessoa se cumpriam muitos dos antigos oraculos e se realizavam as profecias atinentes á vinda do Messias. E ele mesmo, como profeta, se apresentava maior que todos os antecessores...

O novo rabi era diferente dos demais filhos de Abraão. Seu olhar penetrante via o que se passava no recesso das consciencias. A pureza de seus costumes era tal que sua conduta ficava acima das suspeitas e das maledicencias.

Os milagres, que operava a cada passo, eram tamanhos, que excediam os prodigios dos taumaturgos dos seculos passados. Não veio destruir a Lei de Moisés, mas procurou aperfeiçoar a regra dos costumes e limitar certas concessões feitas á dureza de coração do povo de Deus.

Ensinava com autoridade propria e impunha preceitos em seu proprio nome.

Os outros profetas annunciavam seus oraculos por estas palavras: "Diz o Senhor Deus..." Jesus, porém, o fazia em seu proprio nome: "Eu vos digo..."

Verdadeiro abismo de poder, sabedoria e virtude separava a Jesus de Nazaré de todos os homens, que encheram a historia de Israel.

O novo profeta, posto como sinal de contradição no seio de seu povo, recebeu provas de extremo carinho e de insopitavel odio.

Tudo disseram dele; combateram-no por todas as formas: enfrentaram-no onde quer que se apresentasse.

E esses extremos de amor e de odio se prolongam através dos seculos.

Negaram-lhe, primeiro, sua natureza divina; contestaram-lhe a dignidade de Filho de Deus. Declararam-no um impostor, que pretendeu fazer-se Deus.

Mais tarde, quiseram-no despojar da natureza humana: não passava de um espetro, sob a forma humana...

Por ultimo os falsificadores da historia trataram de apagar os traços indeleveis da passagem de Jesus de Nazaré sobre a terra.

E a tudo isso resistiu e continúa a resistir o Filho de Deus.

O novo mestre em Israel veio combater aquilo a que o homem está mais apegado, aquilo que, de certo modo, lhe constitue parte do proprio ser:

Prégou a abnegação de si proprio e exigiu sacri-

fícios de cousas até então consideradas de necessidade absoluta á humanidade.

Impugnou os prazeres da carne e as satisfações da sensualidade, ensinando aos homens as renunciias generosas da castidade perpetua.

Ao amor dos bens temporais, á estima dos tezouros do mundo, Jesus opôs a pobreza voluntaria, que vende tudo quanto possui e dá aos pobres... por amor de Deus.

A' soberba da vida, á estima de si proprio, ao amor da propria excellencia, Jesus opôs a abnegação do proprio eu, e as provações arduas da obediencia perfeita.

Esta doutrina, tão contraria aos interesses da natureza e aos sentimentos da humanidade, conseguiu triunfar de todos os obstaculos erguidos no correr de dezenove séculos.

Foram dois os meios empregados por Jesus, para implantar a Nova Lei: o ensino da verdade e o poder do exemplo.

Após tantos séculos, é Jesus o maior dos mestres, o maior dos legisladores e o maior dos soberanos.

E' o primeiro dos mestres, porque a sua doutrina é a mais perfeita, a mais sublime e a mais completa de quantas, até hoje, foram ensinadas aos homens.

A revelação cristã criou nas almas o sentido do sobrenatural, e inspirou os devotamentos sublimes dos martyres, dos anacoretas e dos confessores da fé.

E' o primeiro dos legisladores, porque instituiu a religião cristã, que reformou os costumes da sociedade, dissipou os preconceitos do paganismo, e esta-

beleceu uma nova ordem de cousas, fundada sobre os valores morais.

E' o maior dos soberanos, porque o seu dominio absoluto se exerce sobre a vontade e sobre a intelligencia de todos os homens.

Ao passo que os monarcas da terra exercem sua autoridade sobre os atos externos dos suditos, Jesus legisla e impera sobre as consciencias.

O mundo cristão celebra, ufano, o XIX Centenario da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Convidando os fiéis á celebração condigna dos altos misterios da Redenção do genero humano, o Sumo Pontifice dirigiu, á cristandade, a bula **Quod nuper**, da qual reproduzimos o trecho infra:

“A proposito se mostra ser para utilidade de todos, o recordar aqui, brevemente que seja, a sucessão destes beneficios divinos, dos quais nadem, a bem dizer, a civilização que desfrutamos e de que nos gloriamos.

Primeiro, a instituição, na ultima Ceia, da Santissima Eucaristia, confiada aos Apostolos, que se vêem elevados á ordem sacerdotal por estas palavras: “Fazei isto em memoria de mim.” (Luc. XXII, 19; I Cor. XI, 24); a Paixão de Jesus Cristo, a sua Crucificação e Morte pela salvação dos homens; a Virgem Maria, constituida, ao pé da Cruz do seu Filho, Mãe de todos os homens; depois, a admiravel Ressurreição de Jesus Cristo, condição e penhor seguro da nossa propria ressurreição; logo a colação aos Apostolos do poder de perdôarem os pecados; o verdadeiro primado de jurisdição dado e confirmado a Pedro e aos seus sucessores; enfim, a ascensão do Senhor,

a vinda do Espirito Santo e a seguir a triunfal e prodigiosa prégação dos Apostolos”.

Queremos tambem prestar nossa homenagem ao Salvador do mundo, neste ano jubilar e centenario da Redenção.

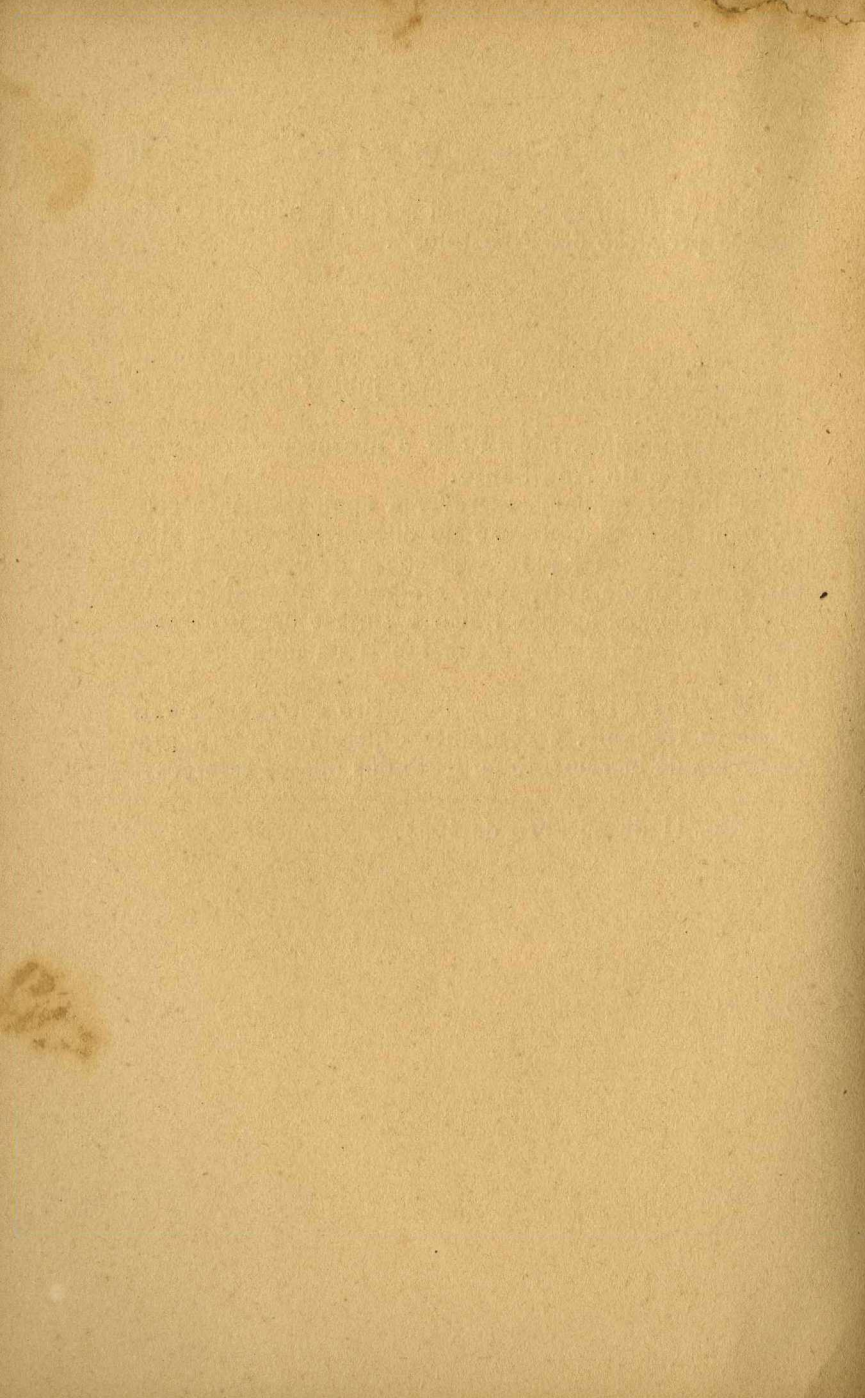
Estas paginas constituem o nosso concurso para a celebração do Ano Santo.

Não pretendemos escrever a apologia da fé cristã, nem fazer a exposição do dogma catolico. Faltanos talento e lazer para a execução de obras grandiosas, quais as de Hettinger, Moigno e Monsabré.

Intentamos apenas traçar a sintese das principais verdades, que formam a substancia da doutrina catolica.

A' alma cristã do povo brasileiro entregamos este modesto trabalho, e confiante esperamos que a graça divina dê incremento ao fruto dos nossos esforços.

Rio, 11 de outubro de 1933.



A EXISTENCIA DE DEUS

Entre as verdades elementares e os primeiros principios, que constituem a base da crença religiosa, a existencia de Deus ocupa, incontestavelmente, o primeiro logar.

A existencia de um Ser eterno, infinitamente perfeito, criador do céu e da terra, senhor absoluto de todas as cousas, que as governa segundo sua providencia, é a verdade fundamental, sobre que repousam a religião, a moral, a familia e a sociedade inteira. (1)

A religião é absolutamente inutil, se não existe Deus, a quem se prestam obsequios.

As regras da moral perdem toda energia e toda razão de ser se Deus, pela sua santidade infinita, não estabelecer a distinção entre o bem e o mal; se a soberana autoridade divina não tornar a moral obrigatoria, esta perderá toda força; finalmente, se não houver uma justiça infinita, que castigue o mal e recompense o bem, as leis eternas deixarão de ser respeitadas e observadas pelos homens.

A familia e a sociedade compreendem um conjunto de direitos, deveres e relações multiplas, que exigem a pratica constante de numerosas virtudes.

(1) Hilaire — La Religion Demonstrada — Luis Gili, Editor — Barcelona, 1914.

Se o conhecimento da existencia de Deus não sustiver as ambições humanas e não coibir as paixões desordenadas, a anarquia completa reinará no seio das familias e nas relações de ordem social.

A razão humana não pôde compreender a natureza de Deus e sua vida íntima; porém, é capaz de estabelecer a certeza de sua existencia e conhecer algumas de suas perfeições infinitas. Não conseguimos atingir a Deus diretamente e percebe-lo pelos nossos sentidos, mas as perfeições das criaturas nos levam a admitir a existencia da perfeição suprema. Dos efeitos manifestos chegamos a concluir e estabelecer a existencia de uma causa, embóra não a possamos atingir materialmente. Assim tambem, da existencia das causas secundarias passamos a confessar a existencia de uma causa primaria: Deus, o Criador.

Por isso definiu o Concilio do Vaticano: "O Deus unico e verdadeiro, nosso Creador e nosso Senhor, pôde, por meio das creaturas, ser conhecido com certeza, mediante a luz natural da razão humana".

Não admira que a Igreja assim se expresse, pois Platão já dizia que a existencia de Deus é uma verdade tão antiga e universal que só a perversidade dos homens exige que ela seja provada.

Para demonstrar que ha Deus podem ser empregados argumentos de três especies: metafisicos, fisicos e morais. Os argumentos metafisicos são tirados da propria natureza das cousas. Os fisicos baseam-se, em geral, na ordem que reina no mundo e, em particular, nas operações dos seres irracionais. As provas morais fundam-se na existencia da lei moral e no consenso unanime de todos os povos. (2)

(2) Thiago Sinibaldi — "Elementos de Philosophia" — Coimbra, 1906.

Reproduziremos, em síntese, os principais argumentos que provam a existencia de Deus, verdade fundamental da religião.

* * *

O consenso unanime de todos os povos, em todos os tempos e em todos os lugares, admite e afirma a existencia de um ser supremo, infinito e necessario.

Cicero disse com razão: “Não existe povo algum, por inculto e selvagem, que não tenha fé em Deus, embóra não lhe conheça a essencia”.

Esta observação do grande orador romano põe duas razões em evidencia: a crença universal, em primeiro logar; a excusa dos erros e das superstições, em segundo logar.

O sabio naturalista Quatrefages deixou testemunho precioso: “Obrigado pelo meu ensino a passar revista a todas as raças humanas, procurei o ateismo, tanto entre os povos mais selvagens, como entre os mais civilizados. Não o encontrei em parte alguma, a não ser em algum individuo ou escola muito limitada, como se viu na Europa, no seculo passado, e como se vê ainda no presente”. (3)

Viajantes, que percorreram as selvas africanas, as ilhas do Pacifico, as brenhas da Asia e os aldeamentos da America, deixaram todos testemunhos das crenças religiosas dos aborigenes.

Outro tanto podemos dizer das nações civilizadas, quer antigas, quer contemporaneas.

As ruinas mais notaveis, que as civilizações passadas nos deixaram são templos famosos e idolos colossais. Assiria, Babilonia, Persia, Egito, Grecia e

(3) Quatrefazes — L'espèce humaine — Paris, 1877.

Roma ostentam, ainda em nossos dias, vestígios indeleveis de povos que acreditaram em Deus.

Demonstrar as crenças religiosas das modernas nacionalidades cultas é excusado, pois seria provar um fato evidente.

Ha quem, por motivos inconfessaveis, apresente explicações capciosas desta verdade incontestavel e proponha razões inaceitaveis. Dizem alguns que foram os sacerdotes os inventores da idéa de Deus. E' inveridica esta asserção, pois o sacerdocio é posterior e consequencia da admissão de um principio superior a tudo creado.

A ignorancia tambem não pôde explicar este fato, uma vez que os maiores sabios são quase sempre, os mais fervorosos crentes.

As paixões humanas não seriam capazes de estabelecer um dogma que as coíbe e contraria.

A existencia de Deus não pôde ser incluída entre os preconceitos, visto como estes não se estendem a todos os tempos, a todos os povos, a todos os homens. Demais, a ciencia e o bom senso, cedo ou tarde, se encarregam de dissipar os preconceitos das intelligencias vulgares.

A politica dos soberanos e a astucia dos homens do governo não podem ser consideradas como autoras da idéa de existencia de Deus. A historia não regista o nome de algum principe que haja decretado que Deus existe. O que vemos é simplesmente o contrario: os principes temporais procuram confirmar sua propria autoridade, invocando a autoridade divina.

Devemos concluir que, se o consenso unanime da humanidade afirma a existencia de Deus, é que Deus existe realmente.

A existencia da lei moral constitúe uma prova da existencia de Deus. Existe uma lei moral, absoluta, imutavel e universal que prescreve o bem e proíbe o mal, que domina e se impõe á consciencia de todo genero humano.

A consciencia atêsta que dependemos de uma lei superior, alheia á nossa vontade e ás nossas conveniencias, e que, a despeito de nossos esforços e de nossos interesses, não nos podemos subtrair ao seu dominio. Tanto isso é verdade, que o homem fica satisfeito, quando pratica uma ação boa, e experimenta pezar e tristeza, quando comete um crime.

Apesar de todas as aberrações e de todos os erros, ha certo numero de principios considerados verdadeiros pelo comum dos homens. Honra, principio, direito e dever, bem e mal, virtude e vicio são noções universalmente admitidas por todos.

A necessidade imperiosa de fazer o bem e evitar o mal constitúe uma lei geral, que todos os povos admitem e procuram pôr em pratica. A submissão a este principio tráz a tranquillidade da consciencia; a transgressão produz o remorso.

Donde se segue que o homem depende de um ente superior, dotado de virtude e poder infinitos. Este ente superior é Deus. Além disso toda lei exige, necessariamente, uma sanção, sem o que perde toda força e carater de obrigatoriedade.

Sómente Deus, senhor absoluto de todas as cousas, póde dar á lei moral uma sanção completa e eficiente.

Negar a existencia do ser supremo é destruir, pois, a lei moral.

A existencia do mundo visivel constitúe, provavelmente, o argumento mais frequentemente invocado como prova de que Deus existe.

Repugna á reta razão admitir efeitos sem causas. Lógo, o mundo visivel, que existe, deve ter uma causa e esta causa só póde ser Deus.

O universo, objeto de nossa admiração, não se creou a si mesmo, porque uma cousa, que ainda não existe, não póde agir, portanto, não póde dar a existencia a si propria. O ser que não existe é nada e o nada nada produz.

O mundo visivel não póde ser obra do acaso, porque o acaso é uma palavra vasia de significação; é um termo inventado pelo homem, que busca mascarar a propria ignorancia e disfarçar uma verdade, que não quer reconhecer francamente.

A geologia, a astronomia e a biologia demonstram e atéstam que o mundo teve principio, que houve tempo em que não existiu e que graves e prolongadas transformações modificaram a face do nosso planeta.

A filosofia prova que o ente eterno possui três caractéres essenciaes: deve ser **necessario**, **imutavel** e **infinito**.

Rapida observação e breve analyse bastam para provar que nenhum destes três atributos pertence ao mundo visivel.

O universo não é **necessario**, pois qualquer uma de suas partes, tomada separadamente, póde prescindir muito bem uma da outra. Se, pois, as partes não são necessarias, o todo tambem não é **necessario**.

A natureza fisica não é **imutavel**. Isso é francamente evidente. Em torno de nós tudo se refaz, á cada passo: os homens, os animais e as plantas nascem, vivem e morrem, dando logar á constante renovação.

O mundo visivel não é **infinito**, uma vez que po-

demos conceber um mundo mais formoso e mais perfeito do que este em que habitamos.

Além disso, a materia é absolutamente incapaz de dar movimento a si propria. A **inercia da materia** é um principio fundamental, aceito e admitido universalmente pelos matematicos e pelos fisicos. No entanto, por toda parte, encontramos a materia em movimento. Lógo, devemos concluir, existe uma causa primaria e suficiente do movimento e esta causa é Deus. (4)

Igualmente a materia é impotente para explicar o aparecimento do fenomeno da vida. Em torno de nós agitam-se inumeros seres viventes, que receberam a existencia de outro ser, que lhes é semelhante. Percorrendo, em ordem ascendente, a serie indefinida dos seres vivos, chegaremos, necessariamente, a um ser primeiro, que não recebeu de outrem a existencia, mas é a causa ultima da vida. Este ser primeiro é Deus.

* * *

A ordem e as perfeições do universo proclamam a existencia de um perfeito ordenador de todas as cousas.

Qualquer pequeno tratado de ciencias fisicas e naturais revela aos nossos olhos as maravilhas da criação. A imensidade do mundo sideral apresenta o numero incontavel dos astros, dos quaes Herschell, munido do telescopio, contou mais de dezoito milhões.

A maravilhosa harmonia com que os astros se movem na abobada celeste oferece um dos espetaculos

(4) W. Devivier — **Curso de Apologetica Christã** — Cap. I.

mais imponentes e estupendos, que a intelligencia humana possa contemplar.

A dependencia mutua entre os tres reinos da natureza, animal, vegetal e mineral — apresenta categorias diversas, profundamente distintas, mas intimamente relacionadas entre si.

As leis da natureza, que as observações scientificas desvendam, permitem demonstrar que existe relações intimas e independencia constante no seio do universo.

Mais ainda. As conclusões, a que a paleontologia chegou, confirmam a narração biblica da origem do mundo.

O estudo dos orgãos do corpo humano e de suas admiraveis funções vem patentear um mundo de maravilhas e uma infinidade de perfeições.

Diante de tantos misterios, que a natureza encerra; diante de tantas belezas, que o universo nos oferece á contemplação, a intelligencia humana ha de supôr que existe um ser supremo, que tudo ordena e tudo dispõe.

Toda ordem exige, necessariamente, uma causa intelligente e quanto maior a obra, tanto mais perfeita a ordem, maior, mais intelligente e mais poderosa deve ser a causa. Se, pois, no universo descobrimos uma ordem perfeita, tanto no conjunto, como nas partes componentes, devemos admitir a existencia de um ordenador supremo: Deus.

O Profeta-Rei havia declarado que **os céus narram a gloria de Deus**, e o principe da eloquencia romana escreveu estas palavras: "Se o concurso fortuito dos atomos podesse fabricar um mundo com tanta beleza, porque não poderia tambem fazer cousas incomparavelmente mais faceis como um portico, um templo, uma casa, uma cidade?... Póde porventura ser homem que raciocina, quem attribue não a uma causa

inteligente, mas ao acaso, os movimentos do céu, tão concertados, o curso dos astros, tão regular, cousas em seu conjunto tão bem combinadas, tão bem proporcionadas, e guiadas com tanta intelligencia, que a nossa intelligencia ante ellas fica confundida? Quando vemos mover-se qualquer maquina, uma esfera, por exemplo, ou um relógio ou cousas parecidas, não podemos em duvida a intervenção do espirito para a realização deste invento; e havemos de pôr em duvida que o mundo seja governado, não digo por uma intelligencia excelente, mas por uma intelligencia divina?" (5)

* * *

As contradições evidentes e os efeitos desastrosos do ateismo levam o homem a confessar que Deus existe.

Os átomos, segundo a hipótese atéa, são **indeterminados, sem liberdade, sem intelligencia e sem vida...** e a despeito disso produzem seres organizados, livres, inteligentes e vivos.

Para evitar esta difficuldade, verdadeiramente intransponivel, os materialistas recorrem á influencia da atração molecular e das forças intrinsecas, inerentes á materia. Mas nem mesmo assim resolvem a difficuldade, porque, se estas forças existem fóra dos átomos, necessario será admitir algo fóra da materia; se estas forças existem dentro dos proprios átomos, estes são determinados necessariamente. Ora, estas duas hipóteses supracitadas são repudiadas pelo ateismo.

Outra contradição dos ateus consiste em admitir um **numero infinito** de átomos. Numero e infinito são

(5) De Natura deorum.

termos que se repelem: a essencia do numero está na capacidade de aumentar ou diminuir; a essencia do infinito reside em não poder aumentar ou limitar-se.

Mesmo que se dê ao termo **numero infinito** o significado de **multidão inumeravel** não se afasta a contradição, pois, uma multidão inumeravel encerra a idéa de um numero limitado.

Finalmente, o ateismo não consegue explicar como os átomos, **independentes e diferentes entre si, indivisiveis e inextensos**, possam constituir o mundo fisico, por meio de combinações.

Eis a razão pela qual Virchow, moderno corifeu do materialismo, confessou que “ninguem, até agora, deu uma explicação sobre a formação do mundo pelos átomos, que nos satisfaça”.

Se o ateismo, em teoria, é falso, na pratica é impossivel. Negada a existencia do ente supremo, poderoso e justiceiro, que ordena o bem e proíbe o mal, estaria destruida toda ordem moral, que determina as relações entre os homens.

Um ateu, F. Le Dantec, em seu livro **Ateismo**, deixou afirmações categoricas, que aqui registamos:

“Uma sociedade de ateus logicos é impossivel... Porque realmente como poderia viver um homem não tendo as idéas de justiça, de direito, de responsabilidade, que são as principais normas das ações humanas?... O melhor dos raciocinadores ateus não raciocina sobre todos os seus átos; se realmente fosse até o fim, nas consequencias de seu ateismo, não faria esforço algum por viver; acabaria comsigo... Devo confessar com franqueza que não encontro raciocinio algum capaz de demover um ateu, verdadeiramente ateu, que anda com a idéa de suicidar-se. Uma sociedade, cujos membros fossem ateus de véras... vi-

ria naturalmente a extinguir-se pela epidemia do suicidio”.

* * *

A fina flôr da intelligencia humana, em todos os tempos, affirmou a existencia de Deus.

Entre os maiores genios da antiguidade, que honram a nossa especie, citaremos Homero, Virgilio, Sôfocles, Platão e Socrates os quais reconheceram e proclamaram a existencia de Deus.

Deixaremos em silencio a gloriosa serie dos padres da Igreja, dos filosofos cristãos e dos escritores ecclesiasticos, e procuraremos testemunhos da verdade fundamental da religião entre os cultores das ciencias profanas.

Encontramos documentos claros e insofismaveis de crenças religiosas dos maiores sabios do mundo. Copernico, Galileu, Newton, Jusieu, Cuvier, Agassiz, Biot, Buffon, Lavoisier, Brongniart, Blainville, Bertholet, Gay-Lussac, Elie de Beaumont, Thênard, Rëamur, Barande, Milne-Edwards, Dumas, Chevreul, Liebig, Kepler, Linneu, Herschell, Flourens, Quatrefages, Pasteur e tantos outros sabios, que tais, deixaram afirmações positivas de sua crença no sobrenatural.

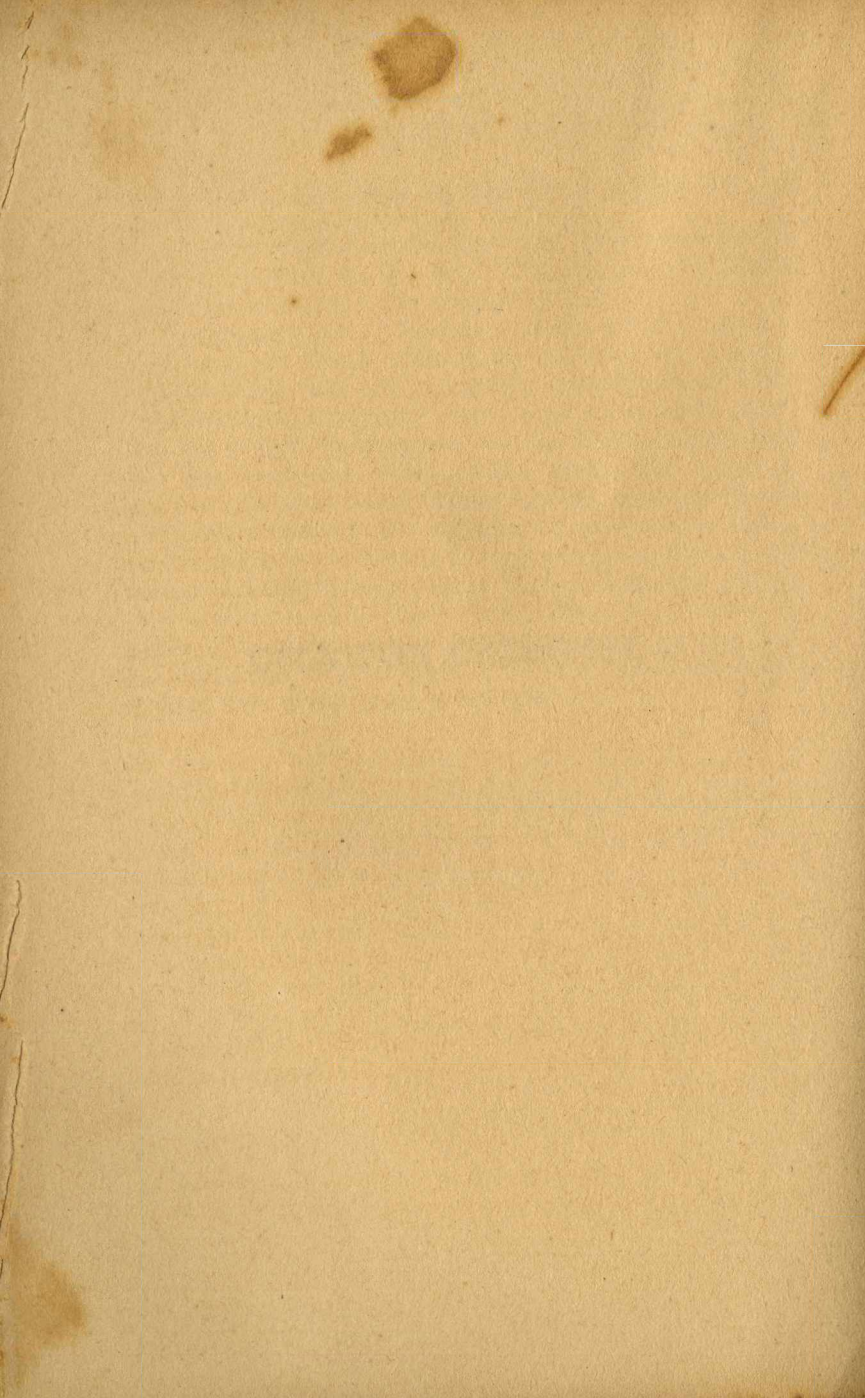
Um autor protestante, Dr. Denner, de Berlim, publicou, em começos do seculo actual, um inquerito memoravel sobre os sentimentos religiosos dos mais notaveis sabios. O resultado destas investigações foi o seguinte: de 300 sabios, 242 eram francamente cren-tes e espiritalistas; de 38 o Dr. Denner não conseguiu apurar as opiniões religiosas; 20 apenas podem ser considerados como indifferentes ou incredulos. Em conclusão, 93 % dos maiores sabios dos quatro ulti-

mos seculos acreditam na existencia de um ser supremo, criador e senhor do universo.

A experiencia ainda uma vez vem confirmar a celebre sentença de Bacon: "A pouca ciencia afasta de Deus, a muita a ele conduz".

Julgamos poder finalizar nosso estudo sobre a existencia de Deus, citando as palavras de Ernesto von Siemens, em um congresso scientifico em 1886: "Quanto mais profundamente penetramos neste dominio das forças da natureza, tão harmonioso, regulado por leis imutaveis, e ao mesmo tempo tão longe de ser por nós plenamente compreendido, tanto mais nos sentimos levados a nos refugiar na modestia e humildade; tanto mais acanhado nos parece o circulo dos nossos conhecimentos, tanto mais vivamente aspiramos a sempre mais haurir, nesta fonte inexgotavel do saber e do poder; tanto mais, finalmente, cresce nossa admiração e sóbe para a infinita Sabedoria reguladora, que dirige toda a criação".

O FENOMENO RELIGIOSO



A historia universal e a historia da civilização, que guardam e registam os acontecimentos notaveis na vida dos povos, conservam e atestam a persistencia das manifestações religiosas, em todas as épocas e em todas as nacionalidades.

Póde dizer-se que as manifestações dos sentimentos religiosos constituem o centro da vida nacional de qualquer povo. Por toda parte vemos a religião ocupar a atenção publica e associar-se ás manifestações marcantes de cada raça. Os fatos mais importantes dos reinos e dos imperios aparecem associados aos átos do culto publico e externo. As conquistas e os triunfos dão logar ás demonstrações de agradecimento; as derrotas militares são seguidas dos sacrificios propiciatorios, que acalmam a cólera dos deuses. A coroação dos monarcas e a inauguração de grandes edificios publicos sempre constituiram motivo para celebração de ceremonias religiosas e sagradas.

Simples olhar sobre as nacionalidades mais importantes e mais civilizadas do globo basta para demonstrar esta verdade.

* * *

Os povos primitivos, isto é, os mais atrasados e incultos, os selvagens da America e da Oceania, ad-

mitem os elementos rudimentares da religião: a existência de um **princípio vital**, a espiritualidade da alma humana, o Grande Espírito, que é o senhor dos homens, e a distinção entre cousas sagradas e profanas, licitas e ilícitas.

Mgr. Alexandre Le Roy escreveu um interessante trabalho, em que estuda as manifestações das crenças dos povos de cultura inferior, da África e de outros continentes. Depois de separar as superfetações da mitologia, da superstição e da magia, o autor estabelece, em conclusão, que todas estas raças inferiores admitem, mais ou menos explicitamente, os seguintes princípios religiosos:

- 1.º Distinção entre o mundo visível ou natural e o mundo invisível ou sobrenatural;
- 2.º Sentimento de dependência do homem em relação ao mundo superior;
- 3.º Crença em um Poder superior, soberano e organizador do mundo, senhor da vida e da morte;
- 4.º Crença em espíritos bons e máus, hostis ou tutelares;
- 5.º Crença na alma humana, que sobrevive á dissolução do corpo;
- 6.º Crença no mundo do além-tumulo, aonde entramos pela morte;
- 7.º Distinção entre o bem e o mal; sentimentos de justiça, responsabilidade, liberdade, dever, pudor; admissão implícita ou explícita da consciência.
- 8.º Proibições e interdições com um fim moral; noção de pecado, com uma sanção aplicada pela autoridade invisível ou pelos seus representantes;
- 9.º Organização e serviço do culto, sacrificios, ritos, ceremonias, simbolos; a idéa de penitencia;

- 10.º) O sacerdocio, exercido, a principio pelos chefes de familia, e mais tarde por individuos escolhidos para este ministerio;
- 11.º) Distinção entre **profano** e **sagrado**, que atinge pessoas, logares, cousas e palavras;
- 12.º) Organização e persistencia da familia, centro religioso e social. (1)

Claro está que não encontramos entre povos de cultura inferior estes artigos explicitos e organizados com perfeição; é tudo de envolta com superstições grosseiras e ridiculas, mas, se penetramos o espirito que anima as manifestações das crenças religiosas dos primitivos, chegaremos ás conclusões do autor supra mencionado.

* * *

No Extremo Oriente, os chinezes, os hindús e os persas nos apresentam exemplo de perfeita organização religiosa.

Confucio, seis seculos antes de Christo, em seus livros antiquissimos, estabelece tres especies de cultos; a) o culto do Ente supremo, ou senhor do céu; b) o culto dos genios; c) o culto dos maiores ou dos antepassados.

A India apresenta uma religião plena de tradições varias e cheia de misterios; os **Védas** são os livros sagrados, que encerram a súpula das crenças nacionais. O monoteismo está mesclado com a definição das forças da natureza e das virtudes morais.

O Brahamanismo admite uma serie de deuses

(1) Joseph Huby — **Christus** — Gabriel Beanchesne, E'diteur — Paris — MCMXXVII — Cap. III.

inventados pela fantasia popular, impõe um ascetismo demasiado rígido e tem uma filosofia nebulosa e cheia de obscuridade. Apesar disso, porém, não lhe faltam os caracteres indispensáveis para constituir uma religião.

Na Persia dominaram, nos tempos antigos, a religião avéstica, que consistia no dualismo de princípios eternos: o principio do bem e da luz, e o principio do mal e das trevas, em luta constante e tenaz. A regra moral consistia em praticar o bem e fugir do mal. A religião avéstica admitia o julgamento após a morte, sendo os máus condenados ao inferno e os bons mandados ao céu.

* * *

Os povos semitas e os egípcios legaram aos posteriores documentos insofismáveis de suas crenças e práticas religiosas. Assírios, babilônios, árabes, edomitas e outros povos do Oriente admitiam a supervivência da alma humana, que podia receber preces e sacrifícios dos vivos. Celebravam solenemente o culto dos seus deuses e imolavam, não raro, vítimas humanas.

Os antigos egípcios professaram, primitivamente, o monoteísmo; mais tarde incidiram no politeísmo. Ainda hoje as ruínas soberbas dos templos grandiosos atestam a religiosidade dos súditos dos faraós. O culto dos mortos constituía parte notável e integrante de sua crença religiosa. Admitiam juízo e provações depois desta vida. O sacerdocio era objeto de especial veneração e constituía uma casta privilegiada no seio do povo.

Dos hebreus nem precisamos falar, pois constituíam os legítimos depositários da revelação divina, de que a Igreja é hoje a guarda incorruptível.

* * *

Nos povos do Ocidente da Europa, encontramos ainda mais evidentes as manifestações dos sentimentos religiosos. Um autor, que estudou conscienciosamente as instituições greco-romanas, escreve estas palavras:

“A comparação das crenças e das leis mostra que uma religião primitiva formou a família grega e a romana, estabeleceu o casamento e a autoridade paterna, fixou os graus de parentesco, consagrou o direito de propriedade e o de heranças. Esta mesma religião, depois de ter alargado e estendido a família, formou uma associação maior e governou nela como na família. Da religião provieram todas as instituições e todo direito privado dos antigos. Foi dela que a cidade tirou os seus principios, as suas regras, os seus usos, as suas magistraturas”. (2)

Julgamos desnecessario documentar as manifestações dos sentimentos religiosos dos antigos gregos e dos romanos, pois a grandeza e o declinio da civilização destes povos assinalam o esplendor e a decadencia da religião nacional.

A Galia, a Germania e a Escandinavia, segundo atestam antigos historiadores e viajantes, eram habitadas por tribus e nações, que davam ás manifestações da crença religiosa logar saliente em sua vida publica e social. Através de superstições e artes magicas, de ritos impuros e de sacrificios crueis, apparece a idéa da existencia de um ser supremo, da imortalidade da alma, da organização do culto divino, da vida futura e de outros elementos fundamentais e essenciais á qualquer religião.

A historia regista, em todos os povos, manifestações da crença em Deus, crença esta que se exte-

(2) Fustel de Coulanges — **A Cidade Antiga** — Lisboa, 1911.

rioriza em um certo numero de átos, que constituem o fenomeno denominado religião.

Os povos mais cultos apresentam religiões mais perfeitas e melhor organizadas; as raças inferiores admitem grosseiras superstições e barbaros sacrificios; mas tanto umas quanto as outras testemunham e admitem um principio superior, que o homem deve temer e adorar.

* * *

Alguns autores, de bôa ou má fé, julgam haver povos ateus, simplesmente porque não encontraram uniformidade nas diversas manifestações do sentimento religioso. E' que tais autores julgaram da religiosidade de uma raça tomando apenas em consideração méras exterioridades.

M. Morries Jastrow, que fez exame serio e profundo dos varios sistemas de crença e de culto, declara que a religião se compõe de tres elementos que lhe são essenciais:

- 1.º) o reconhecimento de um poder ou poderes que não dependem de nós;
- 2.º) um sentimento de dependencia para com este poder ou estes poderes;
- 3.º) o conjunto de relações com o mesmo. (3)

A' luz deste criterio torna-se facil separar as crenças religiosas e seus elementos basicos das superstições e preconceitos, que as deturpam e tornam confusas.

Não nos interessam as manifestações particulares

(3) Joseph Huby — Livro citado.

e as minudencias dos cultos, que se observam de povo a povo; o que constitúe objeto de nossos estudos é a persistencia do fenomeno religioso em todos os povos.

E' fato incontestavel e incontestado que em todas as nações existem, mais ou menos evidentes, os três elementos que M. Morris Jastrow considera essenciaes e comuns a todas as religiões.

O testemunho da historia universal e as observações dos viajantes, que percorreram todas as regiões do globo, nos permitem afirmar a universalidade do fato religioso, verificado e documentado de modo irrefutavel.

Queiram ou não queiram os nossos adversarios, estamos em face de acontecimentos evidenciados um sem numero de vezes.

* * *

Na impossibilidade de negar o que é manifesto, o ateismo procura desvirtuar o valor e a significação das manifestações da religião e tenta explicar naturalmente este fato.

A escola positivista, de Comte e Littré, ensina que o sentimento religioso se origina da ignorancia das leis da natureza e diz que a religião não é mais do que a **expressão mitologica da admiração** do homem em face dos fenomenos do universo. O homem, desconhecendo as forças que regem o mecanismo dos mundos, excogita alguma causa. Este embevecimento diante de forças desconhecidas vai se aperfeiçoando e evoluindo gradativamente; naturismo, animismo, fetichismo, politeismo e monoteismo são fases religiosas, que se sucedem com o progresso da civilização.

Esta hipótese é inteiramente gratuita e contraria

á verdade histórica, porque a experiencia não prova a evolução do sentimento religioso de acordo com as teorias de Comte. Além disso a hipótese do positivismo não explica a persistencia da idéa religiosa entre os povos mais cultos e civilizados da terra.

Cumprê tambem observar que os conceitos de direito e dever, bem e mal, justo e injusto são inerentes a todas as religiões e não evoluem, como seria de esperar, se fosse verdadeira a explicação da escola positivista.

Os psicologistas, entre os quais podemos citar Murisier e Ribot, afirmam que o sentimento religioso tem origem na **subconciencia**. E' outra hipótese tambem gratuita, que não subsiste ante uma critica severa. Em primeiro logar os proprios psicologistas não explicam satisfatoriamente o que seja esta subconciencia. Em segundo logar não apresentam razão sufficiente, que explique por que a tendencia religiosa, em todos os tempos, se haja imposto á humanidade inteira.

A escola sociologica, de Durkheim e outros, sustenta que as tendencias religiosas promanam de certo **sentimento de dependencia da coletividade**. Os homens, particularmente os rudes e simples, necessitados da proteção da sociedade, julgam que existe nesta mesma sociedade uma força superior, que eles proprios divinizam.

O sentimento de dependencia da coletividade poderá, no maximo, explicar a existencia de uma **força coactiva**, mas não póde dar a razão de uma **força moral**, imposta á consciencia, que regula os atos internos e os pensamentos.

Daqui se infere que o ateismo não explica naturalmente o fato religioso.

A verdadeira explicação do phenomeno religioso é a Igreja que nos fornece.

O estudo aprofundado das tendencias da natureza humana demonstra a razão de ser dos sentimentos religiosos de todos os povos.

Em primeiro lugar observaremos que a intelligencia humana pesquisa e indaga a razão ultima e a causa primaria de tudo criado. As ciencias positivas e as hipóteses materialistas não conseguem resolver os problemas transcendentales de nosso principio e de nosso fim ultimo, no que diz respeito ao tempo e á eternidade.

A vontade, que aspira ao bem, precisa de um freio moral, que lhe imponha a obrigação indeclinavel de proceder retamente. Entre os choques continuados e renhidos dos interesses e das paixões, é mister que exista um legislador supremo, capaz de forçar a vontade á pratica do bem.

O coração humano é um vácuo imenso, que nada, absolutamente, o póde encher. As riquezas materiais, as conquistas scientificas, as glorias literarias, os triumphos politicos e a propria virtude não conseguem saciar a sêde do espirito e satisfazer as aspirações de paz, de felicidade e de amor, que existem dentro de nosso peito...

A intelligencia necessita possuir a verdade, mas a verdade toda inteira; as particulas de verdade, contidas nas criaturas, não bastam á nossa intelligencia. E a verdade summa, a verdade infinita, é Deus, que a religião adora e reconhece.

A vontade humana, por mais firme que seja, torna-se mero juguete das paixões, que deve vencer, e dos deveres, que deve cumprir. Só a crença em uma vida eterna, no além tumulo, onde o bem seja recompensado e o mal receba o merecido castigo, po-

derá dar forças e energias ao homem, para viver segundo as normas da justiça.

O coração experimenta sêde indizível de amor, de paz e de tranquilidade, de modo que os bens fáliveis da terra não lhe bastam. Só Deus, infinitamente bom e perfeito, é capaz de encher, plenamente, o vazio de nosso coração e acalmar as aspirações de nossa alma.

A religião corresponde, admiravelmente, ás tendências mais alevantadas e mais imperiosas de nosso espirito. A fé esclarece a intelligencia e dissipa as trevas do erro. A esperança da recompensa eterna suaviza as provações da hora presente. A caridade vivifica e sobrenaturaliza nossas obras. A oração estabelece maravilhoso contato entre a creatura e o Creador.

* * *

A falta da religião torna o homem um criminoso e um desgraçado. Assim o mostra a experiencia.

A negação da ordem sobrenatural e o afastamento da idéa religiosa reduzem o individuo á condição mais mesquinha e mais infeliz.

O ateismo estabelece no espirito a mais estranha contradição: de um lado as miserias da existencia quotidiana, as fraquezas morais da natureza; de outro lado aspirações nobres, desejos de justiça e anseios de perfeição.

A explicação do fato religioso, universalmente observado, encontra-se na propria psicologia de nossa especie.

As lições da experiencia demonstram quão necessaria seja ao homem a pratica da religião.

Observa Le Play, aliás mui judiciosamente, que as nações mais firmes em suas crenças em Deus e

na vida futura elevam-se acima das outras nações, tanto em virtude e em talento, como em poderio e riqueza.

Não admira que a experiencia moderna chegue a esta verificação, porque o velho Platão já declarou: “Aquele que destroi a religião, destroi os fundamentos de toda sociedade humana, porque sem religião não ha sociedade possível”. Isso é bem verdade, pois não póde haver vida social sem moralidade e esta depende dos sentimentos religiosos e da crença na vida eterna. Não pretendemos afirmar que não haja ateus honestos, “mas simplesmente que o ateu honesto não tem razões pessoais... para o ser, e que sem religião toda a moralidade tende a dissolver-se, por falta de apoio”. (4)

As estatisticas e os cadastros policiaes demonstram que o aumento da criminalidade caminha de par com os progressos do ateismo.

As cidades mais tranquilas e as nações mais prósperas são aquelas onde a religião mais floresce e as crenças são mais arraigadas.

O mundo antigo perdeu seu fastigio e viu o ocaso de sua civilização, quando os templos ficaram desertos e os altares sem oferendas. A sociedade moderna agita-se em mil negocios, sofre consecutivas crises e experimenta os maiores abalos, porque afastou Deus de si.

As novas bases sociais, as transformações politicas, as conquistas militares e as tentativas de reforma não conseguem dar estabilidade ao homem nem tranquilizam os povos, porque tudo se faz sem Deus.

E' verdade que a religião não morreu, antes está mais forte e vivaz que nunca; as nações, porém, ex-

(4) M. Gonçalves Cerejeira — **A Igreja e o Pensamento Contemporaneo** — Coimbra — 1924.

pulsaram-na de sua vida publica e de suas organizações politicas. Daqui a inquietação dos povos e a agitação dos espiritos.

A religião, em si mesma, nada perdeu de suas forças e de sua eficacia; os governos é que se furtam á sua influencia e entravam sua atuação beneficiente.

* * *

A persistencia do fenomeno religioso, observada em todas as épocas da historia, registada em todos os povos, vem demonstrar que a religião constitúe verdadeira necessidade para a alma humana.

Impõe-se, forçosamente, esta conclusão, uma vez que não ha outra causa que explique esta universalidade.

O HOMEM - DEUS

O tempo, que tudo consome, que desgasta o granito dos monumentos, que corroi o bronze das estatuas, que apaga a memoria dos genios e que aniquila as vaidades dos homens, nada consegue contra Jesus Cristo.

Cada seculo, que passa, cada ciclo da historia, bem longe de desfigurar o perfil do Homem-Deus, vem apenas acrescentar-lhe nova gloria e fazer resplender o seu prestigio e aumentar a projecção universal de seu nome.

Diante dele toda gloria terrena empalidece, toda grandeza material se humilha, porque sua gloria e sua grandeza sobrepujam tudo que ha sobre o nosso mesquinho planeta.

A doutrina sublime, que Jesus ensinou, constitue o ar puro, que a inteligencia humana respira, faz dezenove seculos; sua virtude incomparavel é o hálito de vida, que transforma os povos; seu nome augusto é uma voz tonitroante, que suscita na alma aspirações de santidade e desejos do céu; sua historia compendia as memorias do passado e encerra as esperanças do futuro. Tudo isso, que sentimos e que admiramos profundamente, não tem outra explicação além da que nos dá a Igreja: Jesus Cristo é Deus, é o Filho de Deus feito homem.

* * *

No meio das espessas trevas dos erros, acumulados ao longo dos seculos do paganismo, um pequeno povo do Oriente guardava as promessas divinas e esperava o advento do desejado das nações.

Somente o povo hebreu não havia desfigurado o sentido nem obliterado o espirito da revelação primeira, que Deus havia feito ao homem, no Eden, quando da quéda dos protoparentes da humanidade.

E' verdade, porém, que a esperança de um libertador das nações se encontrava, mais ou menos clara, mais ou menos perfeita, na mente dos povos antigos. Sinal certo de que o genero humano não havia perdido, por completo, a crença em uma salvação futura. Erros grosseiros e superstições ridiculas misturavam-se, no rolar dos tempos, á tradição antiga, que Adão legára aos seus filhos e descendentes.

As mitologias e fabulas dos povos orientais conservavam nitida a figura de um salvador, prometido aos povos. A Grecia antiga chegou a elevar um altar ao deus desconhecido. Virgilio, em Roma, anunciou o aparecimento de um infante, rebento da celeste progénie. Nas florestas da Germania e nas ilhas mais remotas, havia, na crença dos habitantes, um raio de esperança que consolava os que aguardavam o reinado da verdade. Mas a luz da verdade brilhava com fulgor incomparavel nas tradições e nos livros do povo hebreu. As palavras luminosas dos videntes e dos profetas consolavam os anciãos de Israel e acendiam as esperanças das gerações vindouras.

As passagens mais assinaladas e mais importantes da vida desse povo constituem verdadeiros anuncios do Messias prometido. Toda Escritura Sagrada, segundo observa Santo Agostinho, proclama a pessoa sagrada de Jesus. As grandes figuras da historia biblica apresentam sempre alguns traços caracte-

risticos do redentor dos povos. Noé, que salvou a estirpe humana do diluvio; Melquisedec, que oferecia sacrificios incruentos de pão e vinho; José que foi vendido pelos seus irmãos; Moisés, que libertou o povo eleito, e outros varões insignes de Judá, são figuras vivas do salvador dos homens.

O cordeiro pascal, a pedra caída da montanha, o maná do deserto e a serpente de bronze são outros tantos símbolos profeticos do esperado das nações.

O estudo aprofundado dos livros inspirados evidência a cada passo os traços mais salientes da vida do Verbo Eterno, revestido da natureza humana.

* * *

As profecias constituem uma prova incontestavel da divindade de Jesus Christo.

Os videntes de Israel, no decorrer de longos seculos de especção do Messias, traçaram, antecipadamente, a giografia do Filho de Deus.

A origem e a genealogia do Salvador; a época de seu nascimento e as diversas circumstancias de sua vida foram descritas pelos varios profetas. Sem pretendermos analisar todas as profecias concernentes a N. S. Jesus Christo, citaremos apenas algumas passagens mais notaveis e mais expressivas.

No Eden, após a quéda de Adão, Deus promete um salvador. Esta promessa ficou na memoria de todos os povos. Mais tarde Deus a renovou aos patriarcas Abraão, Isaac e Jacob. E a tribu de Judá foi assinalada como a de que sairia o **libertador**.

Jesus Christo, de fato, descende de Judá e da familia de David.

Prestes a morrer, Jacob prediz os destinos de seus filhos e diz:

“O cetro não sairá de Judá, nem o príncipe, de sua posteridade até que venha **Aquele que deve ser enviado; ele é que ha de remir todos os povos**”. (1)

Efetivamente, quando nasceu Cristo, a Judéa se achava sob o domínio dos romanos, representados por Herodes, príncipe idumeu. Durante os ominosos tempos do cativo de Babilônia, Daniel rogava a Deus que abreviasse o tempo das provações e enviasse o Messias. Então o arcanjo Gabriel aparece ao profeta e assinala a época do aparecimento do Messias. (2)

Após a reconstrução do templo, o profeta Ageu anuncia a gloria do segundo templo de Jerusalem, que será honrado com a presença do desejado das nações. (3) O profeta Malaquias fala no **Dominador** e no **anjo do testamento**, quando se refere ao Messias. (4) Isaias prediz que Emanuel, o futuro libertador do povo de Deus, nascerá de uma virgem. (5) Miquéas determinou Belém de Judá como o lugar onde devia nascer o redentor do mundo. (6) A estrela miraculosa, que conduziu os Magos ao berço do Messias, estava predita pelo profeta Balaão. (7) Isaias nos retrata o redentor do mundo, quando fala do **Admiravel, Conselheiro, Deus Forte, Pai do seculo futuro, Príncipe da paz**. (8) O mesmo profeta nos descreve quais hão de ser os milagres do enviado do Senhor. O que está anunciado nos capitulos XXXV e XLII foi realizado por Jesus Cristo, durante sua vida mortal.

-
- (1) Gen. XLIX, 1.º.
 - (2) Dan. IX, 24 - 27.
 - (3) Ageu, II, 8.
 - (4) Malaquias, III, 1.
 - (5) Isaias, VII.
 - (6) Miquéas, V, 2 - 3.
 - (7) Num. XXIV, 17.
 - (8) Isaias, IX, 9.

Zacarias predisse a entrada triumphal em Jerusalem e os trinta dinheiros da traição de Judas. (9)

Os tormentos e os oprobrios da Paixão e Morte de N. S. Jesus Christo acham-se descritos no salmo 21 e no capitulo LIII de Isaias.

A Ressurreição do Senhor foi, igualmente, annunciada pelo Profeta-Rei e por Isaias.

Isaias, Jeremias e Daniel profetizaram a reprovação do povo judeu e a conversão dos gentios. Quem quer que leia serenamente o Novo Testamento reconhecerá que todas as profecias referentes ao Messias se cumpriram na pessoa de Jesus Christo.

* * *

Os milagres de N. S. Jesus Christo fornecem a prova de sua divindade.

Os milagres são fatos sensiveis, que excedem a todas as forças da natureza criada, e não se operam senão pela intervenção divina.

Podemos afirmar que quasi cada pagina do Evangelho encerra algum milagre de Jesus, que, em toda parte, se revela sempre o senhor absoluto da natureza. Enfermos de toda especie vinham da Judéa, da Siria e das regiões limitrofes pedir ao Messias a cura dos males de que sofriam. Até de suas vestes saia um poder occulto.

Transforma agua em vinho; é causa de uma pesca miraculosa; caminha sobre as aguas; acalma as tempestades, e os ventos e o mar são-lhe submissos; dá vista aos cégos; restitue o movimento aos paraliticos; sára os leprosos; liberta os possessos e resuscita os proprios mortos.

(9) Zacarias — IX, 9; XI, 13.

Isso não uma vez só, em logares reconditos, no meio de alguns amigos; mas em diversas ocasiões, em publico e perante inimigos rancorosos, que não dariam logar ao embuste.

Jesus operou milagres sobre a natureza inanimada, sobre que a sugestão não tem poder algum; por exemplo: o prodigio das bodas de Caná; as duas multiplicações de pães, no deserto; a tempestade acalmada, etc.

Realiza curas surpreendentes sobre toda casta de enfermidades; sem medicamentos, restitue a vista aos cegos, ouvidos aos surdos, palavra aos mudos e uso de membros aos aleijados.

Impera sobre os demonios: á palavra poderosa de Cristo, os demonios fogem aterrorizados e os possessos proclamam que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

A propria morte tem que se curvar ante a voz onipotente do Messias. Três ressurreições, pelo menos, estão documentadas: a da filha de Jairo, a do filho da viuva de Naim e a de Lazaro, este já em plena decomposição.

Estes atos portentosos foram realizados ante um sem numero de testemunhas, em particular, dos escribas e fariseus, inimigos encarniçados do Mestre. Para operar tais milagres, Jesus não exigia preparação e não se valia sequer dos meios naturais; bastava-lhe uma simples palavra, um áto de vontade... ás vezes o agraciado estava até ausente.

Semelhantes portentos não podem ser attribuidos ao poder demoniaco, primeiramente porque varios deles excedem as forças do demonio e demandam um poder infinito, como seja a ressurreição de um morto. Em segundo logar, porque muitos dos milagres de Jesus visavam arruinar e destruir o imperio do demonio.

As forças da natureza não explicam os milagres de Jesus.

Dezenove seculos de progressos scientificos e de estudos das combinações químicas e das forças magneticas não proporcionaram ao homem meios de reproduzir ao menos alguns prodigios de que a vida de Jesus Cristo está cheia.

Forçoso, pois, é confessar, que nesses fatos intervem alguma força sobrenatural e divina.

Aliás Jesus invocava os seus milagres como prova da divindade de sua missão.

Se negarmos aos prodigios do Messias o valor comprobatorio que ele mesmo lhes quis attribuir, somos forçados a conceder que Deus pôs seu poder infinito ao serviço do erro e da mentira.

Entre os milagres do Filho do Homem, ha um que a todos excede: a Ressurreição, unico na historia do genero humano.

Estudaremos mais adiante este acontecimento, que, por si só, bastaria para provar a divindade de Jesus Cristo.

* * *

Os milagres que os Apostolos e discipulos de Jesus operaram, em seu nome, provam a divindade do Mestre.

Jesus Cristo não somente operou toda sorte de prodigios, mas tambem conferiu este poder aos Apostolos, que deviam continuar a pregação evangelica.

A promessa do Divino Mestre não podia ser mais explicita: “Em verdade, em verdade vos digo, quem crer em mim fará as obras que faço e até maiores”.

Esta afirmação encontra-se em S. João, cap. XIV, e em S. Marcos, cap. XVI.

A palavra de Jesus cumpriu-se á risca, como o

provam o livro dos Átos dos Apostolos e a historia da Igreja.

“Transportavam os enfermos, lê-se nos Átos dos Apostolos, para as praças publicas e aí os collocavam em leitos ou catres para que ao passar Pedro, com sua sombra pelo menos os tocasse e recuperassem a saude”. (10)

O mesmo livro conta-nos diversos milagres operados por S. Pedro, inclusive a libertação do chefe do collegio apostolico por um anjo. De S. Paulo nar^{ra}m-se diversos milagres, em Éfeso e noutras cidades. Só a conversão prodigiosa do Apostolo das gentes constituiria uma prova da divindade do cristianismo.

Os primeiros annunciadores da Bôa Nova encontraram obstaculos de toda especie á pregação da verdadeira doutrina; daí recorrerem sempre ao milagre como argumento irrespondivel.

Aos sofismas dos pagãos e ás superstições dos gentios os pregoeiros respondiam, não raro, realizando milagres tão patentes que os proprios infieis não podiam pôr em duvida. A historia ecclesiastica e a vida dos santos estão cheias de inumeros prodigios de autenticidade irrecusavel.

A Cidade de Deus, de Santo Agostinho, e o **Acta Sanctorum**, dos Bolandistas encerram copiosas narrações de fatos extraordinarios, verificados nos seculos do cristianismo. A fecundidade miraculosa da Igreja não se extinguiu ainda, pois, em nossos dias, as curas verificadas em Lourdes desafiam todas as hipóteses da ciencia atéa.

* * *

A realização de varias profecias de Jesus Cristo provam que ele era verdadeiramente o Filho de Deus.

(10) Livro citado, cap. V, 15.

Vimos, precedentemente, que na pessoa de Jesus Christo se realizaram as profecias referentes á vinda do Messias. Agora verificaremos que se cumpriram as diversas profecias feitas pelo Divino Mestre.

A profecia, como o milagre, é obra divina. Supõe participação da ciencia divina, do mesmo modo que o milagre exige a intervenção do poder infinito. Só Deus conhece os arcânos do futuro, do mesmo modo que só ele pôde derrogar ou suspender as leis naturais.

Jesus Christo profetizou clara e abertamente a sua paixão, morte e ressurreição; predisse que seria entregue aos principes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenariam á morte e o entregariam aos gentios; annunciou os insultos, a flagelação e a morte de cruz, a que se seguiria a ressurreição, ao terceiro dia. Traição de Judas, negação de Pedro e abandono dos discipulos, tudo isso se cumpriu, exatamente como Jesus havia predito.

Flavio Josefo, historiador da ruina de Jerusalem e da dispersão do povo hebreu, conta como se realizaram as profecias de Cristo a respeito desses tremendos castigos do deicidio. (11) O livro dos Átos dos Apostolos e a historia dos primeiros tempos da Igreja documentam o cumprimento das profecias de Jesus acerca das perseguições de que seriam vitimas seus amigos e fieis. (12) A pregação do Evangelho a todas as nações da terra; a perpetuidade da Igreja e a assistencia divina contra os perseguidores; o vinculo da caridade que deve unir os cristãos; a rejeição de Israel e a conversão dos gentios foram profetizadas pelo Mestre. Em conclusão: Jesus fez verda-

(11) Mateus, XXIV; Marcos, XIII; Lucas, XIX e XXI.

(12) Mateus, X; Lucas, XXI; João, XV.

deiras profecias e estas se realizaram; logo Jesus é verdadeiramente enviado de Deus. Ele mesmo, referindo-se ás suas predições, havia dito que anunciava cousas futuras, para que quando estas se realizassem, acreditassem na sua pessoa e na sua palavra.

* * *

O maravilhoso estabelecimento da religião cristã é prova da divindade de seu fundador.

A logica ensina que todo efeito exige uma causa proporcionada; do contrario, estamos em face de um milagre.

Quando consideramos o modo surpreendente pelo qual se estabeleceu e se propagou o cristianismo, somos forçados a concluir que os meios naturais não explicam a difusão do Evangelho. Só a intervenção do poder divino seria capaz de produzir semelhante resultado. Os obstaculos, que a nova religião devia vencer, eram, humanamente, intransponiveis. Havia três ordens de obstaculos:

- a) destruir os preconceitos nacionais, politicos e religiosos dos judeus e leva-los a renunciar á lei de Moisés e adorar o Cristo, que fôra condenado á morte de cruz, em Jerusalem;
- b) vencer os erros e as superstições dos pagãos e impôr uma crença contraria aos seus interesses e ás paixões;
- c) sobre as ruinas do judaismo e do paganismo, levantar uma religião nova, cheia de misterios incompreensiveis e de preceitos rigorosos.

Contra semelhantes obstaculos ergueram-se poucos pescadores da Galiléa, homens pobres, ignorantes e filhos de uma raça desprezada pelas outras nacionalidades. Faltava-lhes a força das armas, que sub-

juga os fracos e intimida os fortes; minguava-lhes o fulgor do talento, que convence os sabios e arrasta os ignorantes; e nem possuíam ouro, que suscita a admiração dos poderosos e atrai os interessados. E isso no seculo de Augusto, no periodo mais culto, mais illustrado e mais glorioso da historia romana. Mais ainda .A rapidez, com que a nova religião se propagou e difundiu através do mundo, é verdadeiramente surpreendente. No ano 112 da era cristã, Plinio, o Moço, escrevia ao imperador Trajano: “A contagiosa praga da superstição cristã não se limita ás cidades: invade já as aldeias e os campos e se estendeu pelas gentes de todas as idades, condições e sexos. Os nossos templos estão quasi totalmente abandonados, do mesmo modo que as praticas religiosas.”

Tertuliano, em seu tratado apologetico, dirigido aos magistrados romanos, podia dizer, com verdade: “Encontram-se fieis entre os Partos, os Médos e os Elamitas; entre os povos da Mesopotamia, da Armenia, da Frigia, da Capadocia, do Ponto, da Ásia Menor, do Egipto, de Cirene, e entre as diversas raças dos Getulos e dos Mouros, entre os habitantes da Espanha, da Galia, da Bretanha e da Germania”.

Diante de um acontecimento tão extraordinario e tão difficil de explicar pelas causas naturais, somos obrigados a proclamar a divindade de Jesus Christo, que operou semelhante prodigio.

* * *

O numero e o heroísmo dos martires provam a divindade da religião cristã.

O grande numero de martires dos três primeiros seculos da Igreja, a constancia heroica em face de tormentos indiziveis e os frutos maravilhosos desse

heroísmo provam que é divina a religião fundada por Jesus Cristo.

A historia regista que milhões de homens, convertidos ao cristianismo pelos milagres de Cristo e os continuadores da pregação evangelica, afrontaram todos os tormentos, preferindo a propria morte, a renegar a propria fé. Julgamos veridico o testemunho de quem se deixe matar para sustentar a verdade de seu depoimento; devemos, pois, aceitar e admitir que os martires cristãos estavam firmemente convencidos da divindade do cristianismo e do proprio Cristo, do contrario, não sacrificariam tão facilmente a vida, em meio de horrorosos supplicios.

Faz-se myster aqui mais uma observação. Os cristãos eram submetidos ás provas mais crueis e sofriam todos os castigos inventados pelos seus barbaros algozes. Os assistentes estremeciam de horror ante as penas a que eram votados os servos de Cristo. De Néro, ano 64 da era cristã, até Constantino, ano 312, houve dez perseguições gerais, sem contar as particulares, durante as quais milhões de fieis deram a vida em testemunho da fé cristã. Segundo documentos da maior autenticidade, onze ou doze milhões de cristãos foram martirizados. Historiadores pagãos, como Tacito, Libanio e Plinio, o Moço, confirmam as afirmações dos escritos ecclesiasticos.

Diocleciano chegou mesmo a se intitular **destruidor do nome dos cristãos**.

Nessas perseguições houve confessores da fé entre todas as classes sociais: senhores e escravos; ricos e pobres; nobres e plebeus; homens e mulheres; moços e velhos eram postos fóra da lei apenas abraçavam a lei de Cristo. A serenidade desses martires, que nas fogueiras e nos patibulos oravam pelos algozes e bendiziam a Deus, constituiu espetaculo jamais visto sobre a terra, que só conhecia a exaltação

fanatica e o espirito de vingança. Os milagres extraordinarios, que se davam durante estes martirios, occasionavam estupendas conversões, até dos proprios tiranos e esbirros.

Passadas as primeiras grandes perseguições, a Igreja não perdeu a sua heroicidade, pois até em nossos dias ha martyres, como por exemplo, na Russia, no Mexico e nas terras das Missões. A coragem invicta dos martyres revela a existencia de uma força sobrenatural, que sustenta os cristãos. Só Deus mesmo poderia conferir tal valor á fragil natureza humana, para dar testemunho da verdade revelada.

A historia das perseguições apresenta uma prova irrefragavel da divindade da religião, que Jesus Christo fundou.

* * *

A transformação maravilhosa que o cristianismo operou sobre a face do universo prova a divindade da doutrina do Evangelho.

A religião de Jesus Christo, por toda parte, tem produzido frutos divinos; portanto é uma religião divina. Esta religião admiravel dissipou as trévas e amenizou os costumes dos povos.

Antes do aparecimento do cristianismo, uma nação apenas adorava o verdadeiro Deus. Exeção feita dos judeus, todo o mundo adorava idolos e professava os erros mais grosseiros e ridiculos. Os astros, as plantas, os animais e estátuas de pedra ou de metal recebiam as adorações dos homens e a terra inteira parecia imenso templo dos idolos.

Os maiores sabios da Grecia e de Roma ignoravam as questões transcendentales da origem e do fim do homem; a nova religião esclareceu aos mais humildes e ignorantes filhos do povo, os problemas mais

importantes da vida e da morte. Os primeiros rudimentos da doutrina de Jesus revelaram á humanidade cousas até então encobertas ao escól da intelligencia do paganismo.

Na época em que appareceu o cristianismo, a humanidade jazia sepultada na mais profunda corrupção dos costumes. E tal não era de admirar, uma vez que todos os vícios foram personificados nas divindades do Olimpo. Era forçoso que os costumes desordenados acompanhassem os erros que entenebreciam as intelligencias.

A narração dos costumes do seculo de Augusto, segundo o proprio testemunho dos historiadores pagãos, demonstra até onde havia chegado a decadencia moral do povo mais culto e poderoso de então.

A religião cristã produziu virtudes heroicas, desconhecidas dos pagãos. Ensinou a humildade aos poderosos; a modestia aos orgulhosos; a liberalidade aos avarentos; a castidade aos sensuais; o perdão aos vingativos e a todos impôs a pratica da caridade, da penitencia e da renuncia de si mesmo.

Depois de ilustrar as mentes, o cristianismo moveu os corações.

Os costumes publicos e as instituições sociais experimentaram os beneficos efeitos da doutrina de Jesus.

Pela primeira vez no mundo se ouviu falar da fraternidade e da igualdade entre os homens perante a religião, que não distingue escravos, livres e libertos.

A familia, degrada pela poligamia e pelo divorcio, ficou estabelecida sob o sacramento do matrimonio, uno e indissolvel. A mulher tornou-se a companheira do homem e a soberana do lar. Os filhos converteram-se em objeto dos mais ternos cuidados dos pais. A doutrina da origem divina do poder se-

cular veio corrigir o absolutismo e a onipotencia do Estado, que se constituiu uma grande familia governada, em nome de Deus, pelos principes e soberanos nacionais.

E' de notar que estas transformações se operaram **por toda parte** onde o cristianismo conseguiu implantar-se. Os povos, que não abraçaram a fé cristã, continuaram mergulhados na ignorancia e na barba-ria. Os povos que, depois de regenerados pela pregação do Evangelho, voltaram ás antigas superstições, recaíram na degradação primitiva. Os países do norte da Africa servem de exemplo, bem como os povos da Ásia Menor. (13)

A religião, que realiza transformações tão grandes e tão proveitosas á humanidade, não póde deixar de ser divina.

* * *

A sublimidade dos dogmas, a santidade da moral e a perfeição do culto demonstram a origem divina da religião de Jesus Christo.

O dogma cristão expõe todas as verdades de **ordem natural** e encerra as noções mais claras e mais elevadas sobre Deus e sobre o homem e seus destinos. Evidentemente a razão natural póde atingir estas verdades, mas não com tanta clareza, perfeição e certeza.

As verdades de **ordem sobrenatural**, que superam a capacidade da intelligencia criada, são patenteadas aos fieis, formando um maravilhoso corpo de doutrina, que nos manifesta a vida intima da divindade

(13) W. Devivier — Curso de Apologetica Christã.

e os destinos imortais da criatura humana. Os ensinamentos de Jesus Cristo sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo, em geral, constituem o mais perfeito e o mais sublime corpo de doutrina que jamais foi proposto ao estudo e á meditação dos seres racionais.

A moral cristã encerra toda lei natural e ajuntalhe mais alguns **preceitos positivos**, que a completam e aperfeiçoam.

Os deveres do homem para com Deus, para com o proximo, para com a sociedade e para consigo mesmo são expostos com summa clareza e formam enca-deado perfeito de regra de vida.

O cristianismo não se limita a interditar o mal e impôr a pratica do bem. Vai muito mais longe. Proíbe o ato pecaminoso, o pensamento e o desejo do mal. Promove e incita as obras mais perfeitas de virtude e a observancia dos conselhos evangelicos, que o mundo pagão desconhecia por completo.

“Sêde perfeitos, como o meu Pai celeste é perfeito”. Eis o ideal de vida que Jesus propõe aos seus seguidores e discipulos.

O amor de Deus é o principio vivificador, que deve animar os atos do cristão. A esperança de um céu eterno e o temor de um inferno sem fim constituem a sanção eficaz da moral de Jesus Cristo.

O culto divino, segundo a doutrina de Jesus Cristo, é o mais digno da magestade divina e o mais conveniente á natureza humana.

Deus deve ser adorado **em espirito e verdade**, ensinou o Mestre, e a Igreja pôs em pratica as palavras de seu fundador.

Quando comparamos a grandeza e a sublimidade do culto catolico com as festas religiosas dos infieis, vemos que a liturgia da Igreja é tão superior aos

sacrificios pagãos quanto a verdade é superior ao erro, a virtude ao vicio, a luz ás trévas.

Confrontando-se o cristianismo com as outras crenças religiosas e sistemas filosoficos, vê-se que ele occupa logar unico em face da historia.

Uma vez que o espirito humano jamais produziu cousa igual, devemos proclamar que a religião de Jesus Christo é divina.

* * *

A incomparavel santidade de Jesus Christo é prova de sua divindade.

Não tentaremos descrever e analisar as virtudes sumas de que Jesus Christo deu exemplo e se constituiu modelo supremo para a humanidade inteira.

O quadro geral das perfeições do Divino Mestre alongaria demais os limites deste nosso estudo. Eis por que desistimos de fazer considerações particulares sobre algumas das virtudes praticadas pelo Salvador do mundo.

Assinalaremos apenas alguns caracteres gerais das qualidades e das virtudes de Jesus, que é o protótipo da sabedoria e da santidade.

As perfeições morais do Messias de tal modo se impuzeram á humanidade que muitos daqueles que se recusam a dobrar o joelho ante a divindade do Homem-Deus, prestam as mais sinceras e profundas homenagens á sabedoria inegalavel e á santidade infinita de Jesus Christo.

Os mais encarniçados inimigos da religião cristã sempre reconheceram e proclamaram as virtudes excelsas do fundador da nova crença.

O imperador Adriano quis admitir a Jesus Christo no numero dos deuses, e Alexandre Severo, que não

recusava homenagem á santidade do Divino Mestre e á pureza de sua moral, quis entronizar-lhe a imagem no santuario do palacio imperial.

Nos tempos modernos esta admiração não cessou nem diminuiu.

J. J. Rosseau disse: “Se a vida e a morte de Socrates são as de um homem, a vida e a morte de Jesus Cristo são as de um Deus”.

O caráter e a conduta de Jesus revelam, em todos os passos da sua existencia moral, um perfeito equilibrio moral, uma naturalidade constante, sem dobrez, sem constringimento e sem afetação.

A sublimidade de suas perfeições denota a **natureza divina**; a veracidade das emoções legitimas denuncia a **natureza humana**. Desse modo ele se constitúe como **tipo ideal da perfeição**.

Ensinava mais com o exemplo e com as ações do que com as palavras. Daí a autoridade incomparavel de sua doutrina.

Em meio de um seculo de profunda decadencia de costumes, Jesus ergue-se, ele só, acima da vulgaridade de sua época e apresenta contraste profundo com o meio em que vivia.

A santidade de Jesus é imitavel, prolifica, fecunda e criou em torno de si legiões de seguidores. “Nenhum sabio, diz Voltaire, exerceu influencia nem mesmo sobre os costumes da rua em que morava; Jesus exerceu-a sobre o mundo inteiro”.

E o que é mais digno de nota: esta influencia se exerce sobre o espirito de sacrificio e de renuncia, cousas que mais repugnam á natureza humana.

Mais ainda. Os sabios, os genios, os super-homens conseguem fazer-se admirar, assombram; Jesus conquistou o amor de todos os corações nobres e generosos. Ninguem póde ficar indifferente ante sua pessoa: quem não o ama, não o adora, vota-lhe todo o

ódio impotente da intelligencia, que faliu na procura da verdade.

* * *

Jesus Christo afirmou, categoricamente, a divindade de sua pessoa e de sua missão.

Ele se declarou não somente um enviado, um emissario de Deus, mas declarou que ele mesmo era o verdadeiro Filho de Deus, o Messias, que os judeus esperavam e que havia sido anunciado aos patriarcas e predito pelos profetos.

Em diversas circumstancias, em particular e em ocasiões solenes, Jesus se apresentou como Deus, Filho de Deus, igual ao Pai.

Não pretendemos demonstrar estas afirmações, que se encontram em todos os livros do Novo Testamento. Indicaremos apenas, por amor á brevidade, algumas passagens mais notaveis.

O Evangelho de S. João começa pela genealogia de Jesus e diz: “No principio era o Verbo e o Verbo era em Deus e o Verbo era Deus.”

Na parabola da vinha, tal como a narram os Evangelhos sinoticos, Jesus se apresenta como o Filho unico do Pai e herdeiro de todos os seus bens. (14)

Em diversas passagens do Evangelho, Jesus chama a si predicaos peculiares a Deus. Ele se declara “o caminho, a verdade e a vida” dos seus discipulos. Promulga mandamentos e impõe obrigações morais em seu proprio nome. Perdoa os pecados, arrogando-se attributos divinos. Declara-se o pão vivo, que desceu do céu e promete a vida eterna e a resurreição final aos que comem de sua carne e bebem

(14) Mateus, XXI; Marcos, X; Lucas, XX.

de seu sangue. Oferece suas mediações junto ao Pai Eterno, prometendo que serão atendidas as supplicas feitas em seu nome. Comunica poderes extraordinarios aos seus amigos e assegura-lhes assistencia pe-rêne, através dos seculos.

No momento mais solêne de sua vida, quando arrastado á barra do tribunal supremo politico e religioso de sua patria e o Sumo Sacerdote o inter-roga formalmente: "Em nome de Deus vivo, eu te conjuro a que digas se tu és Cristo, o filho de Deus". Jesus não recúa diante da afirmativa. E ele sabia que a lei punia de morte a quem se declarasse Filho de Deus. (15)

E sofreu morte de cruz em consequencia desta de-claração positiva de sua divindade.

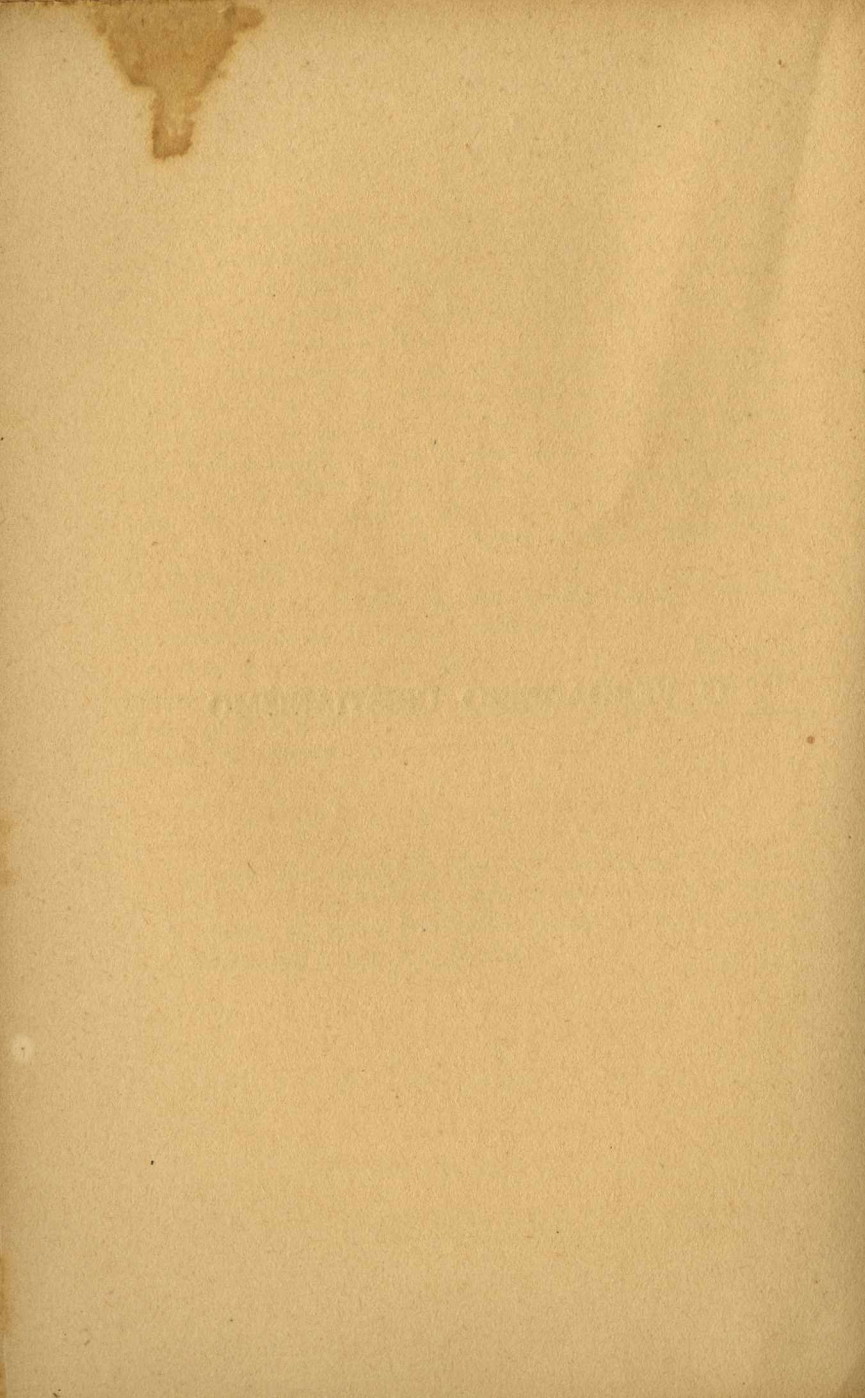
Não é de admirar, pois, que os fieis, desde a primeira geração cristã, tenham reconhecido e procla-mado a divindade de N. S. Jesus Cristo, tal qual o fazem os catolicos do seculo XX.

* * *

Diante das considerações, que acabamos de fazer, em face dos argumentos, que acima desenvolvemos, uma conclusão unica se impõe: **Jesus Cristo é Deus e o cristianismo é religião divina.**

(15) Mateus, XXVI; Marcos, XIV; João, XIX.

O VERDADEIRO CRISTIANISMO



Provámos, no capitulo anterior, a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Provámos, igualmente, que é divina a religião por Ele fundada e estabelecida sobre a terra.

Infelizmente, porém, o cristianismo não se apresenta unido de maneira absoluta; existem varias associações religiosas, que se declaram cristãs, que se orgulham da origem divina e se dizem o verdadeiro cristianismo.

Contra essas diversas confissões devemos vindicar os titulos da Igreja Catholica, que é o verdadeiro cristianismo, e a religião que Jesus Cristo estabeleceu, e á qual prometeu assistencia perêne, até o fim dos seculos.

Deixando á margem as numerosas heresias, que, no decorrer dos seculos, perturbaram a paz espiritual dos povos cristãos, nomearemos apenas os três grandes ramos do cristianismo: a Igreja catolica; as igrejas grega e russa; e as seitas protestantes.

A Igreja catolica, o ramo mais antigo do cristianismo, data dos tempos apostolicos e conserva as tradições primitivas do Divino Mestre.

As igrejas grega e russa remontam, historicamente, ao seculo IX. Começaram com o grande e conhecido cisma do Oriente.

Os patriarcas de Constantinopla separaram-se da comunhão romana e cessaram de reconhecer o primado de S. Pedro, como até então haviam reconhecido. Os imperadores de Bisancio, por motivos de interesses politicos, secundaram a divisão religiosa.

As seitas protestantes apareceram no seculo XVI, quando algumas nações do norte da Europa se separaram do catolicismo. Três ramos principais conta o protestantismo: o luteranismo, fundado por Lutero, predomina na Alemanha e nos países escandinavos; o calvinismo, heresia de Calvino, professado pelas comunidades protestantes da França e da Suissa; o anglicanismo, estabelecido por Henrique VIII, rei de Inglaterra, é a religião professada pela maior parte dos povos anglo-saxões.

Desta breve exposição historica da origem das igrejas cristãs não-catolicas, resulta que o catolicismo deve ser a verdadeira religião de Jesus Cristo. Do contrario, teremos de admitir que a religião verdadeira, instituida pelo Filho de Deus, desapareceu no decorrer dos tempos, até que os orientais e os protestantes desenterraram o verdadeiro Evangelho... Confessemos tambem que, durante longos seculos, deixou de existir uma religião divina e verdadeira, que a humanidade devesse praticar.

Bastaria somente este argumento para convencer aos espiritos desprevenidos e sem preconceitos de que no catolicismo é que se encontra o verdadeiro cristianismo. Examinaremos, porém, algumas notas distintivas da Igreja, notas essas que provam e indicam qual seja a religião fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

O primeiro concilio ecumenico, que se realizou em Nicéa, declarou os sinais distintivos da verdadei-

ra religião, isto é, da Igreja de Deus: **unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade.**

A comunidade cristã, que reunir estas quatro notas, deve ser proclamada e reconhecida como a verdadeira religião revelada; as outras comunidades, que se dizem cristãs, devem ser rejeitadas.

A **unidade** constitúe a fôrma da Igreja; a **santidade**, a sua vida; a **catolicidade**, indica a extensão universal de seu dominio; a **apostolicidade** demonstra a divindade de sua origem.

A verdadeira religião de Jesus Christo deve ser o corpo místico e uma especie de incarnação permanente do Mestre, entre os discipulos. Deste modo o verdadeiro cristianismo deve reproduzir as perfeições e os traços de seu divino e augusto Fundador. (1)

Ha apenas **um só Christo**, Redentor do genero humano, em cuja pessoa santissima a natureza divina e a natureza humana se encontram indissolúvelmente unidas, em virtude da hipostase. Igualmente, deve haver **uma só Igreja**, em que o humano e o divino, o natural e o sobrenatural, o visível e o invisível se reunam.

Jesus Christo é a propria **santidade**. Os milagres estupendos, que operou durante a vida mortal, testemunham e comprovam as perfeições e as virtudes, que lhe constituíam o todo moral. Foi imaculado e santo; imaculada e **santa** deve ser a religião por Ele fundada. Apesar das falhas e das imperfeições, que se encontram em muitos catolicos, a Igreja apresenta consideravel numero de santos e de justos, que vivem da fé.

Jesus Christo é o **Salvador do mundo**; deu a vida

(1) Hillaire — La Religion Demonstrada — Barcelona — 1914.

para resgate de todos os homens e a todos os quer salvar. E' necessario, pois, que a sua religião, seja **catolica**, isto é, universal.

Jesus Cristo, enviado do Pai Eterno, mandou seus Apostolos, que transmitiram a seus sucessores diretos os poderes recebidos do Mestre. Para que se não perca o legado divino, é necessario que a Igreja seja **apostolica**, isto é: conserve o espirito e a doutrina dos primeiros depositarios do ensino de Jesus.

Todos estes caractéres encontram-se na religião catolica, sociedade divina e humana, na qual se refletem as perfeições do Divino Mestre.

* * *

A unidade é a primeira nota característica que a Igreja apresenta a quem a observa.

Todos os catolicos admitem as mesmas verdades, observam os mesmos preceitos, põem em pratica os mesmos conselhos evangelicos.

Percorrendo as nações catolicas do mundo inteiro, ouviremos, de um extremo a outro da terra, ecoar, nas abobadas dos templos, o mesmo **Crédo**. Remontado aos seculos passados, devassando os tempos de antanho, encontraremos a continuidade das tradições apostolicas.

Esta unidade é duplice: **material e moral**.

A unidade **material** consiste na uniformidade de regime e de culto, quer publico, quer privado.

A unidade **moral** reside na caridade, vinculo de perfeição, que une os fieis.

O principio, que mantém e conserva esta admiravel unidade, é a autoridade da Igreja.

Todos os catolicos são obrigados a aceitar os dogmas ensinados e a praticar todos os preceitos impostos pela Igreja, sob pena de ser excluido da comunhão e considerado como hereje.

Santo Agostinho compendiou, em axioma perfeito, a conduta da Igreja, nas questões doutrinarias: “Nas cousas certas: **unidade**; nas cousas duvidosas: **liberdade**; em tudo: **caridade**”.

Emquanto uma cousa não foi definida, ha liberdade ampla de opinião e a discussão é licita; quando, porém, a Igreja resolve um ponto controverso, já não ha mais logar para divergencias; quem não quiser sacrificar seu sentir pessoal separa-se, voluntariamente, da assembléa dos crentes.

A unidade revela-se ainda no culto.

A oração, o santo sacrificio da missa e os sacramentos são identicos em toda parte.

Os templos catolicos, quer as grandes catedrais das metropoles civilizadas, quer as humildes matrizzes das zonas rurais, possuem todas o altar, a mesa eucaristica, a fonte batismal, o confessionario, a tribuna sagrada. Em todas se distribuem os mesmos sacramentos.

Ha algumas variações accidentais do rito, mas a essencia e o sentido das ceremonias sagradas permanecem imutaveis.

A unidade da Igreja manifesta-se em seu governo e na sua hierarquia.

O catolicismo fórma, no sentir de Mons. Besson, um vasto circulo, cujo centro se encontra em Roma e cujos raios atingem as extremidades da terra.

Por toda parte reina a mais perfeita ordem hierarquica: os fieis submetem-se aos sacerdotes; os sacerdotes obedecem aos bispos e os bispos, por sua vez, prestam submissão ao Papa, sucessor de S. Pedro, Vigario de Jesus Cristo e chefe supremo da cristandade.

Graças a esta perfeita unidade, a Igreja consti-

túe verdadeira familia, disseminada através do mundo universo.

* * *

A santidade deve ser outro sinal positivo da verdadeira religião de Jesus Cristo.

A santidade da religião catolica transparece de diversos modos.

Santo é o fundador da Igreja, Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem. Na divina pessoa do Salvador do mundo encontram-se, em grau infinito, todas as perfeições e todas as virtudes.

A Igreja coloca ao alcance de todos os homens os meios necessarios e propicios á santificação. A doutrina, os mandamentos, os conselhos e os sacramentos combatem o mal^a fazem guerra ás paixões desordenadas e abrem caminho ao heroismo da santidade. Basta que a vontade humana corresponda á graça divina e o cristão trilhará, célere, as veredas da perfeição.

Os dogmas e os misterios da fé combatem os erros da intelligencia; a oração e os sacramentos conferem e aumentam a graça sobrenatural.

Todas as religiões poderão apresentar numero regular de individuos virtuosos, de homens de reconhecida probidade, mas santos verdadeiros, varões perfeitos, só a Igreja os possúe.

“A gloria dos milagres, escreve sabio autor, é uma prerrogativa unica e exclusivamente propria da verdadeira Igreja, e não com o carater de accidental e transitoria, mas como permanente, porque é a efetivação das promessas por diversas vezes feitas por Jesus Cristo, extensivas a todos os tempos. “Quem

crêr em mim, diz o Senhor, fará os mesmos prodígios que eu, e ainda maiores". (2)

Os milagres jamais cessaram na Igreja, desde os tempos primitivos até hoje se verificam prodígios pelos quais Deus testimonia as virtudes de seus servos mais fieis e dedicados.

O cristianismo, que reformou os costumes do mundo pagão, tem proporcionado aos homens toda sorte de beneficios. As obras de beneficencia proliferam no seio da Igreja. Ela fundou um sem numero de escolas, hospitais, asilos e abrigos para desventurados e infelizes de toda especie. Somente no catholicismo se encontra a dedicação heroica e o devotamento sublime das Irmãs de Caridade, das Irmãszinhas dos Pobres, das Conferencias Vicentinas e de muitas outras instituições de caridade.

As Missões Extranjeiras, para catéqueze dos infelizes e pagãos, constituem prova provada da santidade da religião catolica.

Enquanto os missionarios catolicos operam verdadeiros prodígios e alcançam numerosas conversões; os pastores protestantes, providos de recursos abundantes, verificam a esterilidade de seus esforços.

Se todos os membros da Igreja não chegaram á santidade e muitos deles jazem no pecado, é que são máus filhos, que desprezam os ensinos e os mandamentos da religião católica. Aqueles, porém, que observam os preceitos e perseveram na fé adquirem meritos para a vida eterna e tornam-se o exemplo de seus irmãos.

* * *

A universalidade da religião católica prova que esta é a verdadeira comunidade fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

(2) W. Devivier — Curso de Apologetica Christã.

A Igreja, de tal modo sobrepuja todas as sociedades cristãs, que o titulo de **católica** se lhe tornou proprio e a distingue das outras confissões cristãs.

Com efeito, a Igreja é católica de direito e de fato.

E' universal de direito porque sua doutrina se acomoda a todos os tempos, se adapta a todos os tempos, se estende a todos os povos. A constituição internacional do catolicismo, que paira acima e fóra dos poderes temporais, lhe permite abranger todas as nações e congregar em torno do trono pontificio todas as gentes da terra.

A universalidade de fáto ninguem, em boa logica, poderá contestar ao catolicismo.

Esta religião, em nossos dias, acha-se espalhada por todos os continentes; as nações mais remotas e as ilhas mais solitarias do oceano receberam a luz da revelação divina, por intermedio dos enviados dos sucessores de S. Pedro. Além dessa universalidade pela extensão geográfica, ha a universalidade social, pois a Igreja conta filhos e suditos em todas as camadas em que se reparte a coletividade humana.

E' a unica religião que remonta ao principio do mundo, através de diversas fazes progressivas: a revelação primitiva, que Deus fez á humanidade; a revelação moisaica, com a promulgação da Lei, no monte Sinai; a revelação cristã, que estabeleceu o Novo Testamento.

Jamais houve quem pudesse contestar com argumentos sérios ou tornar duvidosas as origens do catolicismo.

A Igreja, de ha dezenove seculos, vem realizando o mando de Jesus Cristo, quando determinou que os Apostolos prégassem o Evangelho a todas as creaturas, administrassem o sacramento do batismo e ensinassem a obediencia aos preceitos do Divino Mestre.

Desde a descida do Espirito Santo, no Cenaculo de Jerusalém, até hoje, a Igreja não cessa de dilatar suas fronteiras, fazer novas conquistas, submeter ao imperio da verdade os diversos povos. As perdas, que por ventura sofre nalgum lugar, são amplamente compensadas pelas vitorias alcançadas noutros pontos.

O titulo de católica, que a Igreja assumiu, não é apenas uma palavra, mas exprime um fáto historico, uma duração gloriosa de dezenove seculos.

Em nossos dias os católicos romanos podem repetir as palavras de S. Paciano, bispo de Barcelona: "Cristão é o meu nome; católico é o meu sobrenome".

Hoje, como nos tempos de Santo Agostinho, o nome de católico pertence, exclusivamente, aos membros da Igreja.

* * *

A apostolicidade é uma nota exclusiva da Igreja e demonstra sua origem divina.

A apostolicidade de nossa religião prova-se pela sua origem, pela sucessão ininterrupta de seus pastores e pela sua doutrina.

O catolicismo foi fundado por Jesus Christo, ensinado pelos Apostolos, particularmente por S. Pedro, que se fixou em Roma, onde recebeu a palma do martirio.

A Igreja conserva, após dezenove seculos, instituições substancialmente identicas ás dos tempos apostolicos...

O proprio Lutéro reconhecia que a Igreja romana é a mais antiga das igrejas e dizia: "Todos os fieis receberam dos católicos a sua religião".

A transmissão dos poderes espirituais conservou-se ininterrupta dos Apostolos até nossos dias. Os

pastores católicos podem demonstrar a legitimidade de sua missão; sacerdotes, bispos e papas, através dos tempos e das idades, receberam dos Apostolos os poderes de que hoje usufruem. Os bispos do século XX, pela unção episcopal, estão unidos aos Apostolos, do mesmo modo que os anéis de uma cadeia estão ligados entre si.

A doutrina da Igreja, em nossos tempos, é a mesma que os Apostolos pré-garam.

Os Santos Padres mais antigos ensinaram o que os nossos catecismos, hoje, ensinam; o nosso culto não difere do culto dos primeiros cristãos, senão em ceremonias accessorias. (3)

Ha identidade substancial entre os simbolos dos tempos primitivos e as decisões dos nossos dias. Os escritos dos primeiros seculos estão de pleno accordo com as ultimas definições dogmaticas. Em nossas missas recita-se ainda o simbolo de Nicéa, o Crédo do primeiro concilio geral.

A Igreja não inventou novos dogmas nem se afastou do Evangelho. Tudo quanto ensina se acha contido no deposito sagrado da revelação, que Deus lhe confiou.

* * *

Acabámos de demonstrar que a Igreja católica possui as notas distintivas e os sinais característicos da verdadeira religião fundada por Nosso Senhor Jesus Christo.

Este sinais são de tal maneira evidentes e manifestos que numerosos herejes, após laboriosos estudos e conscienciosas indagações acabam por abando-

(3) Spirago — Catecismo Popular Catholico.

nar o erro e ingressar na verdade, convertendo-se ao catolicismo.

Homens de profundo saber e de grande virtude não trepidam em abandonar a seita, em que nasceram, e abjuram a heresia, mesmo que isto lhes cause prejuizos materiais e a perda de altos e rendosos cargos. Tal o exemplo de Newmann e Manning, que abandonaram o anglicanismo e se tornaram o orgulho do catolicismo na Inglaterra.

Ao passo que os protestantes, convertidos á religião católica, tornam-se exemplos de virtude, os católicos, que renegam sua fé, demonstram, pela sua conduta ulterior, o pouco ou nada que valiam moralmente.

No catolicismo os conversos redobram de fervor e caminham para o aperfeiçoamento moral. Os católicos, que desertam de sua crença, procuram apenas, ás mais das vezes, o meio de, mais tranquilamente, se entregarem a todos os desregramentos das paixões.

* * *

O estudo da origem, da constituição e da historia das igrejas nascidas do grande cisma do Oriente e das seitas protestantes demonstra que estas comunidades cristãs não possuem as notas distintivas da verdadeira Igreja: unidade, santidade, catholicidade e apostolicidade.

As igrejas nacionais, que brotaram da rebeldia dos patriarcas de Constantinopla, vivem sob a égide do poder temporal e acham-se circunscritas ás fronteiras do proprio país. Revelam acentuada decadencia e a custo conservam certo brilho exterior, que a proteção do Estado lhes confere.

A igreja nacional russa, perdido o apoio do tza-riado, não ofereceu resistência alguma á campanha de

descristianização empreendida pelo governo bolchevista e hoje assemelha-se a um ramo decepado da arvore, irremediavelmente condenado a perecer.

Os fieis, em vão, procuram o amparo da religião contra as violencias inominaveis do poder civil. O cristianismo russo não ofereceu ao mundo o espetaculo da resistencia heroica e serena, que a Igreja soube sempre opôr ás injustiças dos potentados da terra.

O protestantismo, hoje em dia, a bem dizer, não mais existe. Do que Lutero, Calvino, Zwinglio e Henrique VIII estabeleceram quase mais nada resta. Os tres grandes ramos da Reforma estão, inteiramente, subdivididos em milhares de seitas, que se combatem e se degladiam entre si. A Biblia Sagrada, regra unica de fé protestante, foi retalhada, falsificada e interpretada ao sabor e ao criterio de cada reformado, que compõe um crêdo para uso individual. Todas as verdades, todos os dogmas, todos os misterios e todos os sacramentos foram negados e impugnados... O racionalismo tem realizado espantoso avanço e a incredulidade vai destruindo os restos de cristianismo dos nossos irmãos separados.

Até os pastores protestantes, os depositarios dos livros santos e interpretes da verdade revelada, negam a divindade de Jesus Cristo e contestam a inspiração das Sagradas Escrituras. Não admira, pois, que os protestantes mais instruidos, quando se não convertem ao catolicismo, se tornam incredulos e abraçam o ateismo..

* * *

Quando estudamos a dissolução profunda a que chegaram as seitas protestantes, vemos que a causa de tudo isso se encontra no principio fundamental do livre exame.

“Os patriarcas da Reforma, escreve um autor abalísado, inauguraram a revolta religiosa, rejeitando a autoridade divinamente constituída em sentinela da ortodoxia, em guarda infalível do patrimonio revelado e da unidade da fé. Em seu logar embandeiraram a autoridade individual, o capricho individual, sob o rotulo do livre exame, como arbitro supremo e inapelavel em materia religiosa”. (4)

A desagregação dos grandes ramos da Reforma e a fragmentação onimoda das seitas é consequencia logica e inelutavel da interpretação livre das Sagradas Escrituras.

A evolução lenta do protestantismo para o desaparecimento processa-se por tres gráus: a) estreito e dissolvente individualismo; b) subjétivismo religioso, consequencia do individualismo; c) racionalismo e niilismo religioso, que se patentêa pela impiedade das classes cultas e pelo indiferentismo das camadas iletradas.

Vãos esforços despendem as comunidades separadas de Roma, no sentido da chamada **unificação doutrinal**.

As conferencias de Estocolmo, Suecia em 1925, e a de Lausanne, Suissa, em 1927, não tiveram outra finalidade.

A irreductivel diversidade das confissões cristãs dos congressistas tornou infrutíferos e estereis estas generosas tentativas.

Faz poucos anos que o doutor S. Parkes Cadman, conceituado pastor protestante, falando deante da federação das igrejas protestantes de Filadelfia, Estados Unidos, propôs que estas igrejas fizessem uma tregua de 50 (cincoenta) anos, em torno de todas as

(4) Leonel Franca — **A Igreja, a Reforma e a Civilização.**

discussões teológicas. Julga o dr. Cadman que preciosas energias estão sendo desperdiçadas nas calorosas disputas sobre os pontos de doutrina, que separam as diversas confissões reformadas. A seu vêr, já se gastou excesso de tempo, de força e de tinta entre modernistas e tradicionalistas, e tudo isto sem nenhum proveito real para o cristianismo, antes com grave prejuizo para a propagação dos sentimentos religiosos e da obra social, que é dever da religião realizar.

A acusação mais grave, formulada pelo dr. Cadman, é de que todas essas controversias representam "um desperdicio dos recursos que Deus nos deu, levado a efeito apenas para satisfazer vaidades sectarias".

O ilustre pastor protestante não recebeu declarar que, em resultado dessa situação, o povo está substituindo a idéa de religião pela idéa do Estado, como organização fundamental da vida.

Certo que estas afirmativas corajosas produziram profunda sensação e todos os jornais norte-americanos se alargaram em comentarios sobre as mesmas.

A opinião geral está sintetizada na seguinte nota da **Union Star** :

"A cooperação dá sempre melhores resultados do que o antagonismo. Os homens não necessitam aceitar o crêdo do seu proximo para auxilia-lo na execução de boas obras. As necessidades da humanidade são tão grandes que não ha tempo a perder em controversias futeis".

Este generoso apêlo, bem como os que o precederam e os subseqüentes, ficaram sem efeito e as controversias continuam cada vez mais acirradas.

Deante do protestantismo esfacelado é de vêr quão grande e pujante se apresenta a Igreja católica.

A sociedade moderna debate-se na mais profunda e na mais terrível das crises.

Sistemas filosoficos, doutrinas politicas, regimes governamentais e experiencias scientificas revelam o grande abalo dos espiritos e a anarquia mental dos nossos tempos.

As guerras alteraram as fronteiras dos povos; as revoluções sociais mudaram as condições de vida das diversas classes; as transformações economicas modificaram, completamente, as relações entre os continentes. E todas estas mutações coligaram-se para fazer mais dura e mais penosa a existencia dos pobres, dos humildes, dos desherdados...

No mundo das inteligencias, no recesso das consciencias, a tragedia humana é ainda mais negra... A epidemia dos suicidios, a legião dos cobardes desertores da vida, revela a descrença, a duvida, o desespero, que se apoderaram dos que faliram na sociedade.

No meio de tantos escombros e de tantas ruinas morais e materiais, só a Igreja se apresenta estavel e perene sobre a terra. E' ela a unica força de resistencia inquebrantavel, que se ergue contra a desagregação da sociedade e o retorno á barbarie.

Dizem que a religião católica tiraniza as consciencias e escraviza os espiritos.

Sagrada tirania, bemdita escravidão essas, que restituem a paz á alma e a inundam de tranquilidade e alegria.

A Igreja não conhece os odios mesquinhos de nacionalidade; não admite preconceitos de raça; não aceita privilegios de castas; perante ela todos os homens são filhos de Deus, resgatados pelo Precioso Sangue de Jesus Christo, herdeiros da eterna gloria.

Ela, somente, póde acalmar as ansias do coração,

tonificar as faculdades da alma e suavizar as aguras da existencia.

O catolicismo é o amigo vigilante e fiel, incapaz de traír; é o braço poderoso e forte, que ampara os tardios e os indecisos; é a porta franqueada a todos os homens de boa vontade.

Na Igreja existem reservas infinitas, com que se podem saciar todos os sedentos de justiça, todos os famintos da verdade...

AS VERDADES DE FE'

O catolicismo, mais que nenhuma outra escola religiosa ou filosofica, possui um corpo de doutrinas e de elementos fundamentais, que lhe formam a essencia.

As ciencias puras presumem um certo numero de principios fundamentais, sobre os quais repousam e donde tiram, por assim dizer, sua propria existencia.

A religião, igualmente, apresenta aos seus asseclas um certo numero de verdades e de preceitos, que constituem sua vida e formam sua substancia. Da aceitação dessas verdades e da observancia de tais preceitos, nasce a vida religiosa, que deve orientar as atividades dos individuos e dos crentes.

A vida religiosa tem como base e elemento primordial a fé, isto é, o assentimento de nossa intelligencia ás verdades reveladas por Deus e ensinadas pela Igreja, que é a depositaria das manifestações divinas.

A occupação mais nobre e mais digna, que podemos dar á nossa intelligencia, é coloca-la ao serviço de Deus.

Deus é a suma verdade e a santidade infinita; não póde errar nem enganar-se, não póde mentir nem levar o homem ao erro. Os mestres humanos podem enganar-se e ensinar o erro como se este fôra a verdade. A prova é que os sabios se contradizem

uns aos outros e uma geração repudia o que a antecedente aceitou como irrefutavel.

A crença em Deus e a adesão aos seus ensinamentos enobrecem a intelligencia humana e a libertam das variações dos erros e da inconstancia das paixões.

A fé abre ao espirito humano o mundo admiravel das verdades sublimes, que a intelligencia, por si só, não consegue desvendar plenamente. A essencia divina e os attributos imensos do Creador, sua bondade infinita, seu poder ilimitado, sua providencia continua tornam-se patentes aos fieis cristãos, que sabem desprezar as superstições do paganismo e as aberrações da falsa ciencia.

A' luz da fé penetramos os segredos das origens e dos destinos do homem, do mundo e da humanidade e revelam-se-nos a grandeza de nossa origem e a santidade dos fins de nossa existencia terrena.

O testemunho divino, revelando-nos cousas superiores á falencia de nossa razão, supõe deficiencias intransponiveis á intelligencia criada.

Certo que Deus podia dirigir e esclarecer o homem por meio da razão, sem fazer apêlo á fé. Mas Deus não o quis e a nós cumpre aceitar o que Deus resolveu e pôs em pratica.

Podemos, no entanto, descobrir alguns motivos por que Deus nos instrúe e ilumina por meio da fé, exigindo de nós o sacrificio e a homenagem da nossa razão.

Em primeiro logar, devemos submeter á fé a nossa razão, porque a fé é nobilissima em sua causa, elevadissima em seu objeto e extensissima em seu fim; procede de Deus e volta para Deus.

Em segundo logar, Deus quer que tenhamos algum merecimento em nossa crença, submetendo nosso raciocinio á palavra infalivel da eterna verdade.

Em terceiro lugar, a razão póde demonstrar que, muitas verdades reveladas pela fé, existem realmente, embora não lhes penetremos a natureza intima.

Em ultimo lugar, por meio do raciocinio, podemos chegar ao conhecimento da verdade revelada por Deus. A razão é capaz de averiguar o cumprimento das profecias na pessoa de Jesus Christo, a realidade dos milagres do Divino Mestre e os acontecimentos prodigiosos assinalados na propagação do cristianismo. A teologia dogmatica faz longos e profundos estudos em torno das provas ditas de credibilidade.

A homenagem, que prestamos a Deus pela fé, é verdadeiramente uma homenagem racional.

Pela fé possuímos a segurança das nossas crenças e podemos viver tranquilos na certeza da verdade.

* * *

Dentre as verdades reveladas por Deus, muitas ha que a nossa intelligencia pode penetrar; outras, porém, ultrapassam e superam as forças da nossa razão.

Pelo emprego de nossas faculdades mentais, podemos penetrar a natureza intima de alguns dogmas, isto é, de certas verdades que a religião propõe á nossa fé.

No conjunto das verdades, que formam a doutrina católica, ha, não poucas, chamadas misterios, que podemos conhecer, mas não conseguimos compreender.

A palavra misterio já designa uma **cousa oculta**, uma verdade **conhecida** mas não **compreendida**. E' uma verdade **certa**, mas **oculta**, de cuja existencia temos certeza, embora não lhe penetramos a natureza intima.

Ha misterios da natureza creada e ha misterios da religião revelada.

Os misterios da natureza são leis e fatos, que a

experiencia atesta, mas que a razão não consegue explicar nem compreender; tais como a vida, a luz, a electricidade.

Os misterios da religião são verdades occultas em Deus; são verdades inacessiveis á razão humana, e que, embora reveladas por Deus, permanecem sempre incompreensiveis: assim os misterios da S. S. Trindade, da Encarnação, da Eucaristia.

* * *

Entre os misterios da religião e os misterios da natureza ha differenças profundas.

Os misterios da natureza têm por objeto os seres criados e as leis, que os regem; os da religião referem-se a Deus e aos seus designios sobre o homem.

A experiencia e o raciocinio levam-nos ao conhecimento dos misterios de ordem natural; os misterios da fé nos são manifestados pela revelação divina.

Os anjos e algumas outras inteligencias creadas podem penetrar alguns ministerios da natureza; mas os misterios da religião não podem ser perfeitamente conhecidos por nenhuma das inteligencias creadas.

A revelação divina nos anuncia a existencia de certas cousas, não nos ensina o modo como existem as cousas que nos foram reveladas. Do mesmo modo que os cegos de nascimento aceitam e acreditam quando lhes falamos da luz e dos fenomenos da visão, embora não nos compreendam, assim tambem nós admitimos o que a revelação divina nos ensina. (1)

* * *

(1) Hillaire — La Religion Demostrada — Barcelona — 1914.

A existencia de misterios, na ordem natural das cousas, constitúe fato ordinarissimo, de continuo averiguado.

Mesmo sem ser necessario remontar á origem das cousas, observa Mosquart, o sabio encontra a cada passo misterios diante de si; a atração universal, a luz, o calor, a constituição intima dos corpos, a electricidade, o magnetismo, os fenomenos da vida são misterios que desafiam o engenho humano. A ciencia, continuadamente, tropeça em segredos impenetraveis, tanto no mundo fisico, quanto no proprio homem.

Não é de admirar, pois, que a religião, a ciencia divina, tenha misterios e segredos.

Deus, no infinito, é o autor e o objeto da religião; seria, pois, de extranhar que a intelligencia creada e limitada não encontrasse misterios na religião.

O mundo fisico é cheio de misterios e de cousas incompreensiveis; constituiria justo motivo de admiração se o proprio Deus, autor do mundo, não tivesse tambem os seus misterios.

Os misterios, que a fé nos propõe, atestam a sublimidade e a excelencia de religião, que revela e descobre as perfeições infinitas de Deus. A religião, que estivesse intimamente ao alcance de nossa intelligencia limitada, seria uma religião imperfeita e inferior ao proprio homem.

Os misterios constituem o lado divino do cristianismo, porque a razão humana não inventa aquilo que não póde comprehender.

* * *

A racionabilidade dos misterios da religião não padece duvida séria. Nada mais justo e nada mais razoavel do que acreditar-mos naquilo que Deus, verdade infinita, nos declara ser verdade.

Do mesmo modo que a criança, mediante a palavra de seus pais, crê em certas cousas que não entende; o ignorante recebe os ensinamentos dos sabios; assim tambem devemos admitir, sob a palavra divina, os misterios da religião.

Como se não bastassem estes motivos para aceitação completa dos misterios da fé, a ciencia teologica se encarrega de demonstrar que os misterios da religião não somente não contradizem á razão humana, mas, ao contrario, são conformes e correspondem ás exigencias da nossa natureza.

* * *

Os misterios da religião trazem-nos grande soma de beneficios.

Em primeiro lugar, oferecem-nos a oportunidade de tributar a Deus a homenagem maior e mais perfeita, que é curavar nossa razão ante a palavra divina.

Em segundo lugar, os misterios da fé nos instruem e esclarecem sobre o nosso destino sobrenatural e sobre os meios de que dispomos para alcançar o fim para o qual fomos criados.

Em terceiro lugar, os misterios insondaveis da religião iluminam nossa fraca inteligencia e elevam acima da terra as aspirações do coração humano.

Esses são os beneficios que os espiritos retos e bem intencionados podem tirar dos misterios da religião cristã.

Os incredulos, que se recusam a admitir as verdades da fé, revoltam-se contra a autoridade divina, que tem o direito de impôr sua palavra á inteligencia humana. Injuriam e insultam a veracidade infinita de Deus, pondo em duvida os ensinamentos da ciencia infinita. Mentem a si proprios, uma vez que admitem muitas cousas que não compreendem.

O homem que diz: “eu não creio naquilo que não compreendo” é um imbecil, porque admite um sem numero de verdades naturais, que escapam á sua compreensão.

* * *

Terminaremos este capitulo, respondendo a uma accusação, muitas vezes lançada ao catolicismo.

A evolução do dogma católico foi o grande cavallo de batalha dos ímpios e dos racionalistas do seculo XIX.

Dizem que a Igreja deturpou o legado sagrado da doutrina do Divino Mestre, introduziu novos dogmas e engendrou novos misterios.

A evolução doutrinaria do catolicismo é incontestável ao observador da vida cristã.

Cumpre apenas precisar o sentido desta evolução.

O dogma evolúe subjetivamente, enquanto se torna mais acessivel ás luzes de nossa intelligencia e a mente humana consegue penetrar melhor o sentido da palavra divina. Os dogmas “aprofundam-se, precisam-se, definem-se”. Objetivamente, porém, o dogma é sempre o mesmo, isto é, não ha nascimento, morte, transformação ou justaposição de dogmas.

O evoluer doutrinario da Igreja processa-se lentamente, no decurso dos seculos.

Causas de três ordens diversas concorrem para êste efeito. São as seguintes:

I — Os espiritos geniais, que com o seu olhar de aguia, alargas as miragens estreitas das intelligencias vulgares, que não podem penetrar o sentido profundo da palavra divina.

II — As diversas fases da historia dos povos, que fazem nascer aspirações novas, novas exigencias, que reclamam novas soluções e pedem novas luzes.

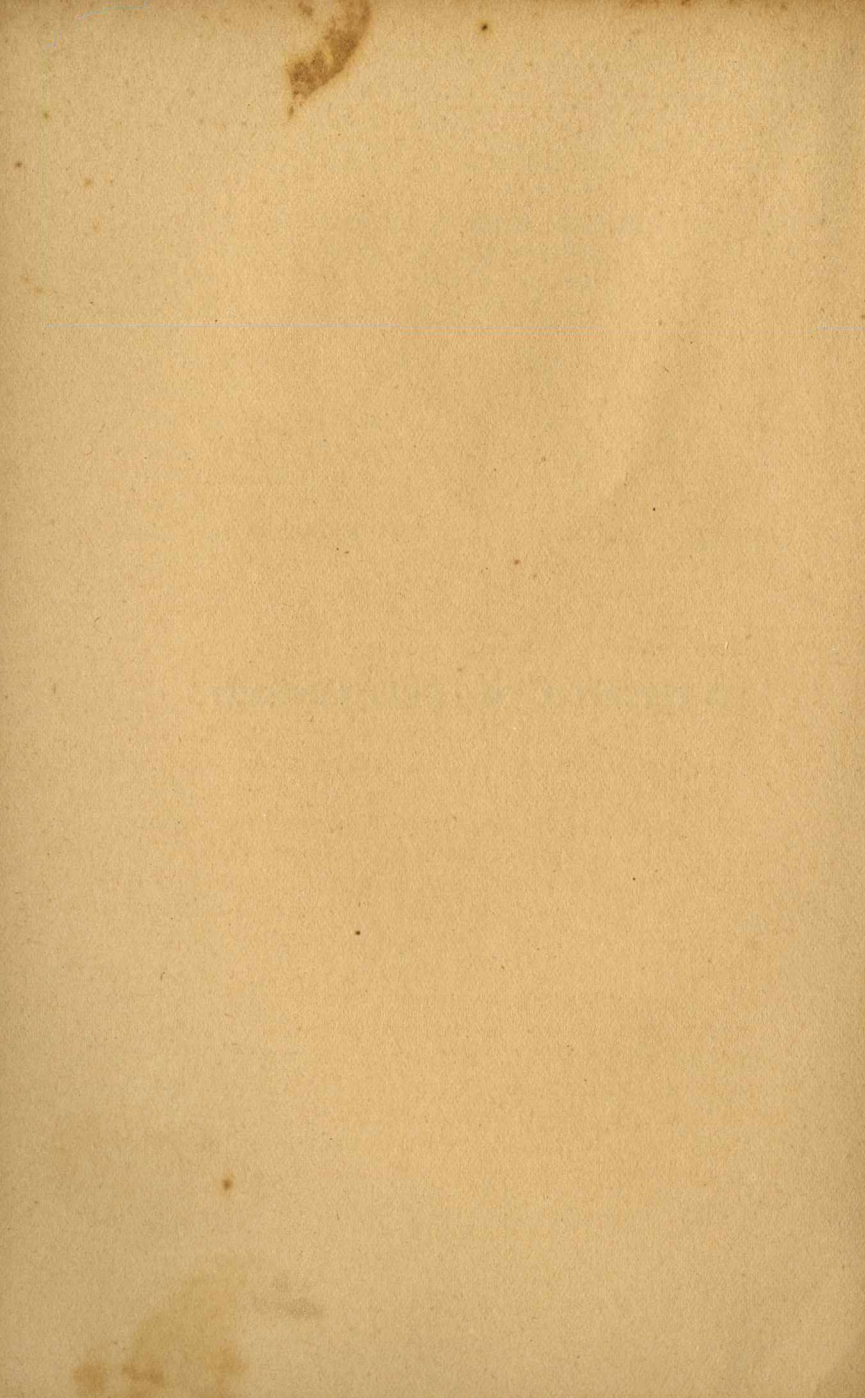
III — As heresias e os erros, que surgem em cada época, obrigam a Igreja a pronunciar a palavra da verdade e encerrar o período das discussões.

Tal é o processo da evolução doutrinária do catolicismo.

“Aos olhos do observador sincero e maravilhado, escreve um autor, oferece a Igreja o espectáculo singular do desenvolvimento da vida aliado á imutabilidade divina da verdade. E esta admirável imutabilidade do dogma católico outra cousa não é senão o comentario historico da promessa de Cristo. Eu estarei comvosco, todos os dias, até á consumação dos seculos”. (2)

(2) Leonel Franca — A Igreja, a Reforma e a Civilização, Rio, 1923.

O ESPIRITO DO CRISTIANISMO



O espirito da religião cristã revela-se, de modo patente e insofismavel, no modo de aquilatar o justo valor das cousas do mundo.

Podemos dizer, sem temor de erro ou de séria contestação, que Jesus veio inverter, por completo, os valores dos bens temporais.

Quem confrontar a moral do cristianismo com a das outras religiões ha de encontrar diferença profunda e separação intransponivel no modo de encarar as penalidades desta vida e afrontar as provações da existencia terrena.

Na quebrada de uma colina desconhecida, em país tributario dos romanos, Jesus proferiu um sermão memoravel, no qual proclamou felizes os pobres, os pacificos, os aflitos, os oprimidos e os misericordiosos, contrariando, destarte, o sentir comum da humanidade inteira.

Os compatriotas do profeta de Nazaré, os contemporaneos do Messias esperavam o reino de Deus sobre a terra, mas um reino temporal, de glorias e de conquistas; entendiam a libertação, predita pelos profetas, como a independencia da Judéa, que sacudiria o jugo dos conquistadores estrangeiros, tornando-se Jerusalem a metropole do reino universal do filho de Daví.

E Jesus, no celebre sermão da Montanha, descon-

certou todos esses sonhos de grandeza terrestre, todas essas aspirações de conquistas temporais. No discurso da Montanha, o Divino Mestre resumiu e compendiou toda moral do cristianismo e proclamou a nova ordem de cousas, que Ele vinha estabelecer.

Até então, a humanidade, deslumbrada pelos esplendores falsos das pompas mundanas, julgava felizes os ricos, que dispunham, a seu talento, dos bens materiais, e os poderosos, obedecidos por milhares de escravos.

A sociedade, enlevada pelas honrarias e pelas vaidades, considerava felizes os que viviam em prazeres e diversões e desfrutavam das posições e das dignidades.

Aos olhos do mundo, passavam por ditosos os que se saciavam de festins e de volupias e dispunham de poder para esmagar os inimigos e subjugar os povos da terra.

Assim pensava o comum dos homens, este era o modo ordinario de aquilatar os bens e os males da vida.

Contrariando os velhos preconceitos e os ensinamentos da escola antiga, Jesus disse:

“Bemaventurados os pobres, verdadeiramente desprendidos dos bens deste mundo, porque deles é o Reino dos Céus.

Bemaventurados os que choram, porque serão consolados.

Bemaventurados os mansos para com os seus semelhantes, porque possuirão a terra dos eleitos.

Bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão saciados.

Bemaventurados os misericordiosos, porque alcançarão a misericórdia.

Bemaventurados os limpos do coração, porque verão a Deus.

Bemaventurados os pacificos, porque serão chamados filhos de Deus.

Bemaventurados os que sofrem perseguições por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

Bemaventurados sois vós, quando os homens vos amaldiçoarem e perseguirem, quando, mentirosamente, disserem contra vós toda casta de mal, por minha causa.

Alegrai-vos, então, e rejubilai, porque vossa recompensa será grande no Céu.

Recordai-vos tambem de que assim foram tratados os profetas, que viveram antes de vós". (1)

Estas palavras de Jesus, proferidas no **monte das Bemaventuranças**, sito entre Cafarnaum e Tiberiades, compendiam toda moral do Evangelho e traduzem a verdadeira natureza do Reino de Deus.

Os espiritos retos, as almas boas e os corações puros receberam alento novo das palavras do Messias e aceitaram as normas de vida de acordo com uma concepção superior á ciencia do seculo, mas os ambiciosos vulgares, as mentes estreitas e animos apoucados não puderam esconder a propria decepção, como ainda hoje não a escondem os enfatuados do presente seculo.

Jesus traçou, de uma vez e para sempre, os limites que separam das trevas a luz, do erro a verdade, do mal o bem.

Os criterios proclamados no discurso da Montanha constituem o que ha de mais oposto e mais contrario á filosofia do seculo e á logica ou aos sentimentos do homem.

“Com estas maximas extranhas, — escreve um autor — Jesus, como verdadeiro Salvador do mundo,

(1) Mateus, V; Lucas, VI.

declarava aos homens viciosos que, para entrar no seu Reino e reencontrar a genuína felicidade, era preciso reinstalar no próprio coração o Deus que dele haviam desterrado e declarar guerra ás falsas divindades, isto é, ás sete paixões, fontes de todos os nossos males. Prégava, pois, Jesus aos avarentos a pobreza, aos orgulhosos a humildade, aos volutuosos a castidade, aos homens do ocio e do prazer o trabalho e as lagrimas da penitencia, aos invejosos a caridade, aos vingativos a misericordia e aos perseguidos as alegrias do martirio. Pelo sacrificio dos seus máus instintos é que a alma passa da morte á vida, restabelece em si o Reino de Deus e começa a prelibar na terra a bemaventurança do céu". (2)

E' esta a substancia de toda pregação do Evangelho e a súmula dos ensinamentos de Jesus Cristo.

* * *

Os reformadores da sociedade e os fundadores de religiões, que viveram antes ou depois de Cristo, recorreram ao emprego da força, da violencia armada, para que vingassem seus intuitos.

Os conquistadores, que alteraram a face politica da terra, e os doutrinadores, que quizeram modificar as idéas dos povos, procuraram impôr seu dominio por meio da coação fisica, apelando para as falanges aguerridas.

Jesus foi o primeiro e o unico que, entendendo conquistar o universo e submete-lo a seu imperio, recorreu ao amor, apelou para as forças do coração humano.

(2) R. P. Berthe — **Jesus Christo, sua vida, sua paixão, seu triumpho.** Paginas 143 e 144.

Neste particular, o espirito e a essencia do cristianismo encontram-se em opposição irreductivel a todas as outras religiões e filosofias.

O amor, — esta força até então desprezada pelos potentados da terra, — foi a grande arma, a arma invencivel de que se serviu Jesus.

E' este o segredo de uma vitoria, que já conta dezenove seculos.

A perfeição da caridade, segundo as prescrições evangelicas, acha-se declarada nestas palavras do Mestre:

“Ouviste o que foi dito: Amarás teu proximo e odiarás teu inimigo. Eu, porem, vos digo: Amai vossos inimigos; abençoai os que vos maldizem; fazei bem aos que vos odeiam; e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para imitardes a vosso Pai, que está nos céus, porque Ele faz nascer o sol para os máus e para os bons, faz chover sobre os justos e sobre os injustos. Se amais aqueles que vos amam, qual é o vosso merito e qual pode ser a vossa recompensa Os publicanos e os pecadores não fazem o mesmo?

Se saudardes somente aos vossos irmãos, que fareis de especial? Os pagãos não o fazem tambem?

Sêde, pois, misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso.

Sêde, pois, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”.

Estas palavras, que os evangelistas Mateus e Lucas registaram, formam a carta magna da nova raça, a progénie dos resgatados pelo sangue do Cordeio sem mancha.

No Cenaculo, na hora solene do testamento da consolação, Jesus fez uma supplica sacerdotal, que foi

dirigida ao Eterno e, nesta prece, proferiu estas palavras sublimes:

“Não rogo por eles só, (os Apóstolos) mas também por aqueles que devem crêr em mim pela sua palavra afim de que todos sejam um, como vós, meu Pai, estais em mim, e eu em vós; sejam eles do mesmo modo um em vós, e creia o mundo que me enviaste. E como eu lhes dei a gloria que vós me destes, para que sejam um, como nós somos um”.

A união da caridade deve ser o sinal distintivo dos discipulos de Jesus.

E assim tem sido, através dos tempos.

* * *

A sociedade greco-romana e a civilização antiga não conheceram o amor do proximo. Laços afetivos prendiam os membros da familia; sentimentos de orgulho nacional ligavam entrê si os filhos da mesma cidade e os naturais do mesmo país. Os estrangeiros, os naturais de outras terras, eram considerados barbaros, dignos de desprezo, inimigos, que deviam ser exterminados.

O Decalogo, a lei, que Moisés promulgára entre os hebreus, prescrevia o duplo amor a Deus e ao homem. Mas os escribas e os fariseus, desprezando o espirito da lei e prendendo-se á letra dos mandamentos, haviam cercado de estreitos limites o preceito do Senhor.

Foi Jesus Cristo que proclamou a verdadeira confraternização do genero humano e declarou que Deus é o pai de quem todos nós somos filhos. Perante o Messias, o proximo é todo homem, sem distinção e sem exceção alguma.

Comentando o preceito da caridade evangelica, afirma um escritor:

“No mais nobre mundo heroico da antiguidade, não ha logar para o amor que destróe e suplanta o odio, para o amor mais forte que a força do odio, mais fiel, mais ardente, mais indomavel; para o amor que não é o esquecimento do mal, mas amor do mal; para o amor dos inimigos.

Deste amor, dentre os que pregaram o amor, ninguem falou antes de Jesus. Ninguem o conheceu antes do Sermão da Montanha. Esta é a grandeza e a novidade de Jesus. Sua grande novidade, sua grandeza eternamente nova; nova ainda para nós que não a entendemos, não a imitamos, nem lhe obedecemos; eterna como a verdade”. (3)

Os inimigos da Igreja, procurando despojar a caridade de seus atavios sobrenaturais, engendraram um termo novo: filantropia, amor da humanidade.

A palavra já era conhecida de ha longos seculos e jazia no esquecimento. Os adversarios da idéa cristã desenterram-na.

A filantropia é uma especie de moéda falsa da caridade, fundada em motivos puramente humanos e sensiveis, ao passo que a virtude evangelica tem sua origem no céu. A caridade, que considera a criatura humana como obra e imagem de Deus, é capaz de todos os sacrificios, entrega-se a todas as dedicações, não recúa diante de abnegações heroicas e sublimes.

A caridade cristã é sempre a mesma, em todos os tempos e em todos os logares: consola, alivia e perdôa. Não se deixa abater pelos revezes, nem se altera diante das agitações.

(3) Giovanni Papini — Historia de Christo — Tradução de Lindolfo Esteves — Pag. 132.

Esta virtude maravilhosa é, na verdade, a alma da religião católica. E' ela que multiplica as obras de preservação da juventude e conversão dos pecadores; é ela a fundadora de orfanatos, asilos, abrigos e hospitais, para os desventurados do mundo inteiro; é a caridade que consola os aflitos, cura os enfermos, ensina os ignorantes, ampara os abandonados e enterra os mortos.

As estatísticas gerais de beneficência de todas as associações filantrópicas, reunidas, não chegam a igualar aos socorros prestados á humanidade sofredora pelos confrades vicentinos.

Quando nenhuma outra prova houvesse da divindade do cristianismo, bastaria esta: a fecundidade da Igreja em obras de proteção e assistência aos desvalidos e infelizes de toda espécie.

O espirito, que anima e vivifica a religião cristã, traz o sêlo da origem divina.

O MEMORIAL DO AMOR DIVINO



No Eden Deus manifestou-se pela primeira vez á humanidade, desvendando alguns dos véus que envolvem os augustos misterios da religião. Aos patriarcas foram revelados varios acontecimentos, que se deviam consumir no decurso dos tempos. A Moisés o Senhor falou mais claramente e Jesus Cristo veio aperfeiçoar a lei do Sinai e fechar o ciclo das manifestações divinas.

Não admira, pois, que os dogmas catolicos e misterios da Igreja se encontrem, sob figuras e symbolos, annunciados no Antigo Testamento.

Dadas a grandeza, a sublimidade e a santidade do sacramento da Eucaristia, não é de extranhar que este se encontre figurado em numerosas passagens das Sagradas Escrituras.

Repassaremos aqui, embóra rapidamente, alguns logares dos livros santos, que nos evocam á memoria o sacramento do altar.

Comecemos pelo Génesis.

Reis estrangeiros haviam saqueado as cidades de Sodoma e Gomorra. Abrão sai no encalço dos invasores, destroça-os e retoma-lhes as presas de guerra.

Quando Abrão voltava do combate, "saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma, no vale do Save, que é o vale do Rei. Mas Melquisedeque, rei de Salem, trazendo pão e vinho, porque era sacerdote do Deus

Altissimo, o abençoou e lhe disse: Bemdito seja Abrão pelo Deus Altissimo, que criou o céu e a terra: e bemdito seja o Deus Altissimo, por cuja proteção os inimigos estão nas tuas mãos". (1)

Encontramos, neste texto biblico, a oblação do pão e do vinho a Deus.

No **Levitico**, no livro consagrado ás particularidades do culto divino, acham-se discriminadas varias especies de sacrificios: ha sacrificios **cruentos**, imolação de animais puros e sem defeitos; ha sacrificios **incruentos**, ofertas de trigo, pão ázimo, vinho, azeite e incenso. Em particular era prescrita a renovação semanal dos **pães** chamados de **propiciação**. (2)

Nos tempos dos reis de Israel appareceu o profeta Elias, que perseguido e fugitivo, foi miraculosamente alimentado por um anjo, que lhe ofereceu um pão **cozido debaixo da cinza**. E o profeta, fortalecido por este alimento, caminhou quarenta dias, até o monte de Deus, Horeb. (3)

Este pão admiravel simboliza bem os singulares efeitos produzidos pelo pão eucaristico naqueles que o recebem convenientemente preparados.

O livro do **Exodo**, que narra as peregrinações dos hebreus pelo deserto, nos fala do maná, que sustentou, durante quarenta anos, o povo de Deus.

No decimo quinto dia do segundo mês após a saída do Egito, experimentaram os Israelitas falta de viveres e de mantimentos, pelo que murmuraram contra Moisés e Aarão. Deus não abandonou o seu povo e fez cair do céu uma chuva desconhecida. Ao amanhecer, o sólo estava coberto de inumeraveis grãosi-

(1) Genesis, XIV, 17 - 20.

(2) Levitico, XXIV, 5 - 10.

(3) III Reis, XIX, 6.

nhos brancos, á semelhança de geada. Quando os hebreus os viram, perguntaram: “Manhu?” (Que é isto?) Moisés respondeu-lhes: “Este é o pão que o Senhor vos dá para comer. Pela manhã cada um colha a provisão necessaria para o dia. Só no sexto dia recolhereis porção para dois dias; pois no sabado nada encontrareis”. (4)

Piedosos e eruditos comentadores do texto sagrado descobrem no maná, figurados, os efeitos salutaes e as virtudes prodigiosas da Eucaristia.

O sacramento do altar, que até nossos dias constitúe o alimento espiritual do povo cristão, é o verdadeiro maná, descido do céo, para conforto e sustento das almas, durante os dias de exilio, através dos desertos deste mundo.

Cristo, que se contém real e verdadeiramente neste sacramento, acha-se representado em todos os sacrificios da Antiga Aliança e, mui particularmente, na imolação incompleta de Isaac.

O profeta Oséas, na antevisão dos misterios eucaristicos, annunciou as festivas oblações, que seriam oferecidas, ininterruptamente, do nascer ao ocaso do sol.

O **cordeiro pascal**, melhor que os outros simbolos da lei mosaica, prefigura e representa o grande sacramento do Novo Testamento. As carnes, que deviam ser comidas com o pão ázimo, representam o **sinal sensível** do sacramento adoravel. O sangue, com o qual foram tintos os portais e as soleiras das casas dos filhos de Israel, para que os seus primogenitos ficassem livres da ação exterminadora do anjo do Senhor, indica os **maravilhosos efeitos** da Eucaristia, que nos liberta do poder do demonio e nos ajuda a vencer os embates da natureza decaída.

(4) Exodo, XVI.

Finalmente, do mesmo modo que o **cordeiro pascal** era imolado e consumido pelos israelitas, Cristo, igualmente, no sacrificio da missa é imolado e consumido pelos fieis.

Deus, em sua infinita bondade, quis patentear seus misterios e os seus segredos á humanidade. Mas, afim de não nos cegar com a revelação subita de cousas tão sublimes e elevadas, foi, gradualmente, no decurso dos seculos, descobrindo parte do véu augusto que nos encobre a essencia infinita.

Assim foi até que Jesus, a verdade mesma, deu á religião a perfeição de que era susceptivel nesta terra.

Na pessoa augusta do Homem-Deus cumpriram-se os oraculos dos antigos profetas e as figuras e simbolos da Lei Antiga passaram á plena realidade.

* * *

Impenetravel em seus misterios, sublime em seus dogmas, grandiosa em suas ceremonias, augusta em sua doutrina, a Igreja impõe-se á humanidade inteira.

O que de mais perfeito e de mais puro apresenta a humana especie, existe e se conserva no seio do verdadeiro cristianismo.

Existindo na terra, para salvação e santificação dos filhos de Adão e Eva, a religião subministra a todos os meios necessarios á consecução do fim ultimo.

Entre os recursos que o cristianismo oferece ao homem para alcançar a vida eterna, os sacramentos ocupam, indiscutivelmente, o primeiro lugar. Depois dos sacramentos, **sinais sensiveis e eficazes da graça divina**, vem a oração, que nos põe em comunicação com a propria divindade.

A Igreja é a fonte salutar da agua viva, que

corre para a vida eterna; os sacramentos são os canais por onde corre a agua da salvação.

Os sacramentos constituem uma comunicação real e intima da alma com Deus. Eles como que nos incorporam com a divindade, conferindo-nos a gloria e a felicidade de sermos um com Jesus Christo.

Se assim podemos falar, com verdadeira propriedade do termo, sobre todos os sacramentos, melhormente o devemos afirmar do augustissimo sacramento do altar, do Deus-Hostia, encerrado em nossos tabernaculos.

Para os catholicos que reconhecem a grandeza e a sublimidade dos misterios eucaristicos, tornam-se desnecessarios, longos e profundos comentarios sobre o dogma da presença real de Jesus Christo neste sacramento.

Basta considerar um pouco alguns dos nomes com que a Igreja designa o mais respeitavel dos sacramentos.

De todos os sacramentos, que Jesus instituiu, o maior, o mais augusto, o mais santo é, sem contestação alguma, o sacramento eucaristico. Com efeito, os outros sacramentos contêm e produzem a graça divina, naqueles que os recebem; mas este comunicamos, dá-nos o proprio autor da graça, que é Jesus Christo.

Nos escritos dos Apostolos este sacramento achase denominado "a ceia do Senhor". Assim o foi em razão do momento em que foi o mesmo instituido. (1)

O nome de **fração do pão**, que tambem encontramos nas sagradas letras, recorda o ato de Jesus, que **partiu o pão**, antes de o oferecer aos Apostolos. (2)

(1) I Corintios, XI, 20.

(2) Luc., XXIV, 35. Atos dos Apostolos, II, 42.

O grande Apostolo S. Paulo fala da comunhão do corpo e do sangue do Senhor. (3)

O nome de Eucaristia vem de uma palavra grega, que significa **ação de graças**. Por dois motivos assim chamamos este sacramento: 1º porque Jesus, antes de o instituir, rendeu graças ao Pai celeste; (4) 2º porque é por este sacramento que os cristãos rendem a Deus, por intermedio de Jesus Cristo, fervorosas ações de graças pela redenção e por todos os beneficios que lhes são liberalizados quotidianamente.

Este sacramento é ainda chamado **adoravel**, porque, como nele se contém real, verdadeira e substancialmente a Jesus Cristo, é nosso dever adora-lo e prestar-lhe nosso tributo de profundo respeito.

A' Eucaristia chamamos o **Santissimo Sacramento**, porque, conforme já dissemos, é o mais augusto e mais santo dos sacramentos; **sacramento do altar**, porque é sobre nossos altares que se consagram as hostias e as particulas; **sagrada hostia**, porque este sacramento encerra Jesus Cristo, hostia viva, imolada para salvação dos homens; **pão do céu**, porque ali está o Cordeiro de Deus, que desceu do céu; o nome de **pão dos anjos** recorda a pureza de coração que devem possuir aqueles que se acercam do banquete místico. Chama-se ainda **viatico**, quando administrado aos enfermos, como preparação para a grande viagem para a eternidade.

Todos estes nomes encerram significações e simbolos admiraveis, que nos elevam acima das realidades terrenas dos valores materiais, transportando-nos á patria celeste, á eterna bemaventurança.

(3) I Corintios X, 16.

(4) Marcos, XIV, 23.

Felizes os corações simples e puros, que guardam a palavra da verdade.

* * *

A condescendencia divina para com a falencia da intelligencia humana levou Jesus Christo a anunciar, com anticipação relativamente grande, muitos dos misterios que se deviam realizar no decurso de sua vida mortal.

O Divino Mestre ensinava por parabolos, sob simbolos e figuras e, só aos discipulos prediletos é que manifestava o sentido profundo de suas palavras.

Depois de haver prometido á samaritana a agua da vida; depois de haver dito que era chegado o tempo de **adorar a Deus em espirito e verdade**; após o maravilhoso **sermão da Montanha**, o Messias julgou azado momento de operar mais um prodigio: a multiplicação dos pães.

Curiosos muitos, entusiastas do reino messianico não poucos, sedentos da verdade eterna alguns, seguiam ao encalço de Jesus os filhos de Israel.

Na ansia de acompanhar o grande taumaturgo, esqueciam-se as multidões de levar consigo os viveres indispensaveis ao proprio sustento.

Milhares de pessoas encontravam-se um dia, em meio do deserto e necessitados do pão quotidiano.

Lançando um olhar de compaixão ao povo que se apinhava aos seus pés, Jesus, pergunta aos discipulos, para os experimentar, como seria possível saciar a multidão, que, havia três dias, se embrenhara pelo deserto. (1) — “Mestre, respondeu André, aqui está um moço que tem cinco pães de cevada e dois

(1) João — VI.

peixes; mas isto que é para se repartir com tanta gente?”

Tomou então Jesus aqueles poucos mantimentos e, tendo dado graças, os distribuiu entre os presentes. E naquela tarde maravilhosa cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças, foram, miraculosamente saciados com tão poucos peixes e pães, recolhendo-se ainda doze cestas cheias de sobras.

Ante o inopinado do prodigio, alguns exaltados quizeram oferecer a Jesus o trono de Davi, mas o profeta de Nazaré, **cujo reino não era deste mundo**, soube frustrar-lhes os designios terrestres.

Então escribas e fariseus, que buscavam todos os pretextos de acusação contra o grande taumaturgo, insuflaram perfidias no seio da turba, que apostrofou nestes termos: “Tu não és mais do que Moisés: Moisés, por quarenta anos, alimentou a multidão no deserto, e tu dêste-nos apenas, uma só vez, um pouco de pão”.

Jesus encarou, por um momento, aqueles insensatos e respondeu: “Em verdade, em verdade, vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu: o verdadeiro pão descido do céu é meu Pai quem vo-lo dá. Este, sim, é o pão de Deus, o verdadeiro pão descido do céu, o pão que dá a vida ao mundo”.

Os judeus, cheios de ambições materiais, julgaram que se tratava de um novo maná e exclamaram: “Dai-nos, Senhor, dai-nos sempre deste pão”.

Jesus querendo precisar o sentido de suas palavras, retorquiui:

“O pão de que vos falo, sou eu mesmo. Aquele que vem a mim não terá mais fome, e quem em mim crêr, não terá mais sede. Mas, ai de vós, que vistes as minhas obras e não crêdes em mim! Aqueles que meu Pai me deu, virão a mim e todos os que a mim vierem, eu os recolherei com amor. Porque desci

do Céu para fazer a vontade do Pai, que me enviou. Ora, a sua vontade é que eu não deixe perecer nenhum dos que Ele me deu, mas que eu os ressuscite no ultimo dia. Esta é a vontade de meu Pai: todo o homem que conhece o Filho e crê nele, terá a vida eterna e eu o ressuscitarei no ultimo dia”.

As palavras de Jesus: “Eu sou o pão da vida”, despertaram sussurros e murmurações. Ele, o filho do carpinteiro José, a dizer-se **descido do Céu! Era demais...**

O Mestre não voltou atrás do que havia dito e confirmou a afirmação anterior: “Em verdade, em verdade, vos digo: Quem crê em mim, tem a vida eterna. Vossos pais comeram o maná do deserto, e morreram. Aqui está o pão descido do Céu e quem come deste pão, não morrerá. Eu sou o pão vivo, descido do Céu, e quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que vos darei, é a minha carne, que entregarei pela salvação do mundo”.

A estas declarações tão categoricas houve verdadeiro tumulto. Aquelas imaginações grosseiras já representavam a Jesus espostejado, a escorrer sangue. E bradavam: “A sua carne! O seu sangue! Como poderá dar-nos a comer a sua carne, a beber o seu sangue?”

A’s duvidas e ás interpelações dos ouvintes Jesus, impávido e sereno, reafirmou: “Em verdade, em verdade vos digo, se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no ultimo dia. A minha carne é verdadeiramente um alimento e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele; e assim como eu vivo pelo Pai, assim quem se alimenta de mim, vi-

verá por mim. Mais uma vez: eis aqui o verdadeiro pão descido do Céu; vossos pais comeram o maná e morreram; mas quem comer este pão viverá eternamente”.

O Divino Mestre, que sempre desmascarára os escandalos armados em torno de sua pessoa, deixou que permanecesse a impressão extranha, despertada pelas suas ultimas palavras. O auditorio interpretára ao pé da letra os dizeres de Jesus, e este não contestou os grosseiros comentarios dos ouvintes.

* * *

A promessa de dar a comer sua carne e a beber seu sangue custou a Jesus o afastamento da maioria de seus discipulos e asseclas.

Nem por isso o Filho de Deus deixou de evangelizar as turbas e percorrer as regiões da Palestina, annunciando a salvação do mundo e o advento do reino celeste.

Chegada a hora de passar deste mundo ao Pai, Jesus, que havia amado os seus, que estavam neste mundo, amou-os até o fim. Na ultima noite, quando ceava com seus discipulos, recordou-se da solene promessa e quiz legar-nos o memorial de seu amor.

Com palavras verdadeiramente enternecedoras, despediu-se dos seus filhos queridos e de seu coração transbordaram palavras, que encerram carinhos maternais.

“Não vos deixarei no pranto da orfandade, disse Jesus: eu tornarei a vós”.

La morrer pela humanidade, mas a caridade que o levava a morrer por amor de nós, não sofria separar-se para sempre daquêles a quem tanto estremecia.

O amor operou um prodigio.

Terminada a celebração da festa da Pascoa, Jesus

tomou do pão, deu graças, abençoou, partiu-o e distribuiu-o entre seus comensais, dizendo-lhes: “Tomai e comei; isto é o meu corpo, que será entregue por vós”. A seguir tomou o calice e, tendo dado graças, transmitiu-o aos presentes, declarando-lhes: “Bebei todos dele, porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que será derramado por vós e por muitos para remissão dos pecados. Fazei isto em memoria de mim”.

O homem, quando se separa dos entes queridos, deixa-lhes o retrato como memorial ultimo de afeto e de saudade. Jesus, Deus onipotente, deixou em memoria não um palido retrato, mas a propria realidade: deixou-se a si proprio, sua carne e seu sangue.

Quem com intenção réta e animo desprevenido consulta os textos evangelicos, que narram os episodios da ultima ceia do Senhor, ha de render-se á evidencia do que está escrito e interpretar literalmente as palavras de Cristo. (2)

Assim faz a Igreja, que, ha dezenove seculos, crê e adora, o misterio da presença real de Jesus Christo debaixo das especies eucaristicas.

* * *

A transubstanciação do pão e do vinho no corpo, sangue, alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Christo é o ponto central do culto católico e constitúe elemento de vida para o catolicismo.

A presença real do Filho de Deus é verdade de fé a que nenhum católico póde negar assentimento sem ficar excluído da comunhão dos filhos da Igreja.

(2) Mateus, XXVI; Marcos, XIV; Lucas, XXII; I Corintios, XI.

As palavras de Jesus Cristo, na ultima ceia, foram tão claras e tão positivas, que não podia restar duvida no animo dos ouvintes.

Se alguma hesitação pudesse haver acerca do sentido das afirmações do Mestre, no momento em que fazia o seu testamento de amor, as palavras de S. Paulo, acerca do uso da Eucaristia, bastariam para apagar a menor sombra de vacilação.

O que êle diz sobre a **comunhão do sangue de Cristo e a participação do Senhor** é suficiente para esclarecer todo aquele que se não deixe cegar pelos preconceitos. (1)

A's praxes apostolicas, concernentes á renovação da **Ceia do Senhor**, vem juntar-se a tradição dos tempos primitivos da Igreja, que reconhecia e adorava Jesus presente no sacramento eucaristico.

O proprio Zwinglio confessa que, desde os tempos de S. Agostinho, a doutrina da presença real era vencedora e triunfante no seio das comunidades cristãs.

Notemos ainda que os Santos Padres não se ocuparam diretamente da Eucaristia, procurando impôr o dogma da presença real de Jesus Cristo neste sacramento, mas aludiam e faziam referencias a este misterio, uma vez que se tratava de cousa conhecida e universalmente admitida.

Invocaremos apenas alguns testemunhos dos mais notaveis e valiosos.

Já no fim do primeiro seculo da éra cristã encontramos em **Didache** (2) palavras que contêm a afirmação explicita da presença real de Cristo na Eucaristia.

No segundo seculo, S. Inacio não só afirma a

(1) I Corintios, X e XI.

(2) **Didache** — Doutrina dos Doze Apostolos.

realidade deste misterio, mas combate os Docetas, que se afastavam da mesa sacramental.

S. Justino, na apologia dirigida ao imperador Antonino, sustentou a doutrina da transubstanciação, operada pelo poder da palavra divina.

No seculo terceiro, os testemunhos em favor da Eucaristia são mais abundantes ainda.

Tertuliano, em Cartago; S. Cipriano; S. Clemente de Alexandria; Origenes e varios outros apologistas do cristianismo sustentaram e defenderam os mesmos pontos de doutrina, que os seculos anteriores haviam professado.

O seculo quarto apresenta-nos documentos mais explicitos, que atestam a crença do povo cristão no sacramento eucaristico.

S. Cirilo de Jerusalem; S. João Crisostomo; S. Basilio; S. Gregorio Nisseno; S. Hilario e Santo Ambrosio deixaram, em seus numerosos escritos, paginas e paginas consagradas á defesa das tradições apostolicas acerca do misterio adoravel da Eucaristia.

S. Agostinho, o grande luminar do seculo quinto, o doutor da Igreja, que atacou e combateu todos os erros e todos os sofismas, empregou o melhor do seu engenho em defender o sacramento do corpo e do sangue do Senhor.

Além das vozes respeitaveis dos antigos escritores ecclesiasticos, ha outros documentos, que comprovam a crença da Igreja primitiva na presença real de Jesus Christo no sacramento do altar.

Nas catacumbas romanas, reliquias veneraveis dos tempos dos martyres, ha diversas pinturas e algumas inscrições, que atestam que os atingos cristãos reconheciam a Cristo presente sob as apparencias do pão e do vinho.

Ao lado destes preciosos documentos, que a antiguidade cristã nos legou, podemos tambem invocar

o testemunho da liturgia, que constitue, por si mesma, um argumento digno de fé. As pompas e as ceremonias do culto manifestam ou pelo menos dão a entender os misterios que se celebram.

Este valiosissimo testemunho tambem o temos em favor da Eucaristia, pois as liturgias antigas, latinas, gregas ou cismaticas, em suas preces e em suas formulas, excluem o sentido metaforico e rendem verdadeira adoração a Deus presente sob as especies eucaristicas.

A Igreja universal sempre tributou adoração e ações de graças ao Cordeiro de Deus, encerrado na hostia santa e imaculada.

Na ordem natural das cousas é frequente não percebermos diretamente as causas; conseguimos descobri-las mediante as manifestações dos seus efeitos.

O que acontece no mundo fisico existe no mundo moral e tambem na ordem sobrenatural.

Donde podemos demonstrar a presença real de N. S. J. C. no sacramento do altar, pelos admiraveis efeitos que a sagrada comunhão produz na alma daqueles que a recebem convenientemente preparados.

O grande e memoravel Concilio Tridentino proclamou: "Se alguem negar que no sacramento da Eucaristia estão contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente, o corpo, o sangue de Jesus Cristo com sua alma e sua divindade... Se alguem pretender que, neste Sacramento, o Salvador se encontra somente como em um simbolo, em uma figura, ou por seus efeitos maravilhosos, que seja anatema. (1)

Ninguem poderá recusar-se a admitir esta definição dogmatica sem quebrar os laços sagrados que o prendem á Igreja de Deus.

(1) Concilio de Trento, secção XIII, can. I.

Jesus Cristo está realmente e verdadeiramente presente no adoravel pão dos tabernaculos. E' ponto de doutrina que o catolicismo propõe a quantos querem penetrar em suas fileiras. Em defesa e continuação deste misterio ha a propria palavra divina, as usanças apostolicas, as tradições eclesiasticas e o testemunho de dezenove seculos de crença católica. Ha tambem manifestações miraculosas, que confirmam os vacilantes na fé. Em ultimo logar invocamos os efeitos salutaes e prodigiosos, que este **pão supersubstancial** produz na alma fiel.

A primeira criação da Eucaristia foi o martir.

Os dias primitivos do cristianismo foram dias de combates atrozes, de lutas sem treguas. A crueldade dos verdugos e a inclemencia dos magistrados da republica romana não pouparam esforços nem recuaram diante do emprego de recursos os mais abominaveis, com tanto que levassem os cristãos á apostasia e apagassem, na terra, o nome de Jesus Cristo.

Os filiados á religião do profeta de Nazaré eram submetidos a suplicios atrozes; retalhados em flagelações terriveis; atirados ás feras esfaimadas; atados aos sinistros archotes dos jardins imperiais. Homens, mulheres e crianças, uma vez entregues aos tribunais não encontravam meio termo: ou o martirio, ou a apostasia.

Assim foi durante três seculos de perseguições a bem dizer ininterruptos.

O mundo materializado, o mundo escravo dos prazeres e dos sentidos, assistiu ao escandalo do heroismo dos cristãos... Nunca se havia observado tanta coragem diante do sofrimento, tanta abnegação em face das miserias do proximo... Só depois de Cristo é que a humanidade apresentou semelhantes exemplos de virtude e de elevação acima dos interesses materiais.

Qual o segredo dessa força extraordinária? Onde hauriam os perseguidos a energia de que necessitavam?

O segredo dos primeiros cristãos residia na hostia branca e imaculada, que elles recebiam das mãos sagradas dos pastores de suas almas.

A **Ceia do Senhor**, celebrada nas galerias subterrneas da capital do mundo, confirmava as crenças dos filhos de Deus; dava energia para os primeiros combates e preparava para a viagem da eternidade os que marchavam para a arena do sacrificio.

O **pão da vida**, conduzido, furtivamente, através das ruas de Roma, por Tarcisios anônimos, ia confortar e reanimar os combatentes da fé.

Desse modo a cristandade primitiva conseguiu vencer as potestades do inferno, as solicitações da natureza, a colera dos imperadores.

Martires e confessores foram as primeiras criações deste augusto sacramento.

Mais tarde, quando as circunstancias politicas eram mais favoraveis ás manifestações da vida religiosa, a Eucaristia formou o monge.

Os desertos da Tebaida e as solidões da Africa povoaram-se de almas eleitas, que, possuindo a Deus no coração, desprezavam tudo o mais.

As ordens religiosas formam-se aos pés dos sacriarios, donde haurem forças e energias sobrenaturais.

As suaves communicações com a divindade compensam a ausencia e a privação dos comodos e dos confortos ordinarios da vida.

Mudaram-se os tempos e abriram-se novos horizontes á expansão do Evangelho. A Eucaristia criou outro prodigio: o missionario. Depressa jovens delicados e frageis abandonam a paz remançosa da familia, dizem adeus aos entes mais queridos de seu coração, sulcam os mares encapelados e depois em-

brenham-se pelas florestas sombrias, atravessam regiões inhospitas, sofrem climas depauperantes e vão levar o facho da civilização e a luz da verdade a homens que jazem na miseria fisica, intelectual e moral.

Os novos pioneiros da cruz desfrutam do céu na terra, gozam da patria no exilio, porque trazem a Deus no fundo de seu coração, dentro de seu peito.

Ampliaram-se as necessidades da humana especie, apareceram novos campos á atividade bemfazeja das almas generosas e o sacramento de amor produziu novo milagre da caridade: as congregações femininas.

E' a Eucaristia o sustentaculo moral, o vinho que gera as virgens, e o pão angelico que nutre e fortifica as filhas da caridade, nos sacrificios ingentes e constantes, a que se obrigam pelos santos votos da religião. Esquecem as venturas do passado; renunciam ás alegrias do presente e desistem das esperanças do futuro, porque no seu coração santificado pelo contacto de Jesus — esposo das virgens — não ha logar para afetos terrenos e sentimentos humanos.

O sacerdocio catolico, **sal da terra e luz do mundo**, vive e sustenta-se do pão dos fortes, do maná dos escolhidos. O sacerdocio, que guarda e mantem a integridade da fé e a santidade do culto, encontra força e amparo no sacramento do altar, que é o centro da vida sobrenatural.

A hostia bemdita, que oculta, em sua alvura immaculada, o Filho de Deus, atrae para a luz as criaturas humanas, confere-lhes a força sobrenatural para a pratica do bem, dá-lhes remedio eficaz contra as proprias imperfeições e concede-lhes largo aumento da graça santificante, que transforma em filhos de Deus os filhos do pecado e cria o homem novo, formado na justiça, na santidade e na verdade.

O contacto com Jesus Cristo, por meio do sacramento eucarístico, produz abundantes frutos de salvação e copiosas graças sobrenaturais, que operam o aperfeiçoamento do comungante. A divina intimidade do Cordeiro de Deus gera a necessidade de ser bom, o impulso irresistível de domar os apetites da carne, melhorar as condições morais e religiosas da vida; inspira eficaz desejo de cooperar na obra da regeneração dos semelhantes; dá forças para perdoar as injurias e esquecer as ofensas. Em uma palavra: o sacramento do altar opéra a nossa santificação.

A influencia benéfica e salutar, que a Eucaristia exerce sobre o individuo, necessariamente ha de fazer-se sentir sobre a familia cristã.

Agentes deletérios conseguiram desenvolver ação tenaz contra a instituição familiar e causaram grandes e profundos estragos na sociedade basica do genero humano.

Este fato, que não pôde passar despercebido ao homem de estudos e que já inquieta os maiores estadistas modernos, ocasiona receios fundados sobre os destinos da civilização contemporanea.

Sabido é que a sociedade romana pereceu pela decomposição da familia, que abandonou as tradições austeras dos continuadores da obra de Romulo. Enquanto Roma conservou os costumes simples e os habitos de temperança dos primeiros tempos dos reis, vemo-la forte e altiva, distendendo, constantemente, as fronteiras. Quando a lascivia e o luxo substituíram a austeridade antiga, rapidamente se acentuou a decadencia da soberana do universo e o imperio caminhou para o ocaso.

E a historia, dizem, se repete...

Se quizermos assegurar gloriosos destinos á Terra de Sta. Cruz, se desejamos ver grande e forte a nossa querida Patria, devemos cuidar da defesa e proteção

de nossa familia. As lições da historia e o quadro que nos oferece a sociedade moderna documentam e provam a importancia decisiva da familia na vida das nacionalidades.

Cuidemos, pois, de conservar as tradições gloriosas e puras da familia brasileira e trabalhemos em prol da manutenção dos costumes dos nossos maiores.

Para fortalecer os laços da familia é mister não descurar os meios e os recursos que a religião oferece, quer para consolidar a prática do bem, quer para conter a onda invasora do mal.

A Eucaristia, que tantos milagres de força e de amor tem realizado no correr dos seculos cristãos, incumbe operar grande prodigio: preservar a familia, manter a santidade do lar.

Aperfeiçoando os individuos, forçosamente, o sacramento do altar infundirá vida nova á sociedade conjugal.

O **pão dos escolhidos** multiplicará os tipos admiraveis da **mulher forte**, que se formou á sombra da verdade católica e se instruiu na doutrina da verdade. Na mesa sagrada a mãe de familia encontrará substancioso alimento, que lhe dará forças e energias para desempenho cabal do oneroso encargo que lhe compete.

A vida moderna multiplicou as necessidades de todos, por isso a manutenção de um lar, hoje, mais do que noutros tempos, ocasiona fortes preocupações e exige o dispendio de energias sem conta. E por este motivo uma geração se esgota, se exaure...

O homem moderno, não raro, sucumbe prematuramente, sob o fardo das responsabilidades domesticas.

Como fazer frente a tal estado de cousas?

Ha o **pão da vida**, que duplica a capacidade de trabalho e confere multiplas energias. Desse alimento nutritivo e sadio deve participar o chefe de fami-

lia, para não desfalecer na labuta quotidiana em pródos entes queridos, que lhe foram confiados.

O espirito de revolta e a onda de anarquia penetraram até no recesso das familias melhor constituídas.

Hoje oferece dificuldades sérias a manutenção da autoridade paterna, contra a qual se insurgem os filhos.

Ninguem mais quer obedecer, ninguem mais quer submeter-se á vontade de outrem.

As idéas novas falam de educação moral e contam os triunfos da pedagogia laicista. Mas o certo é que nunca se viu tamanha falta de educação e de sentimento de disciplina como em nossos dias.

E' necessario salvar e preservar as gerações novas, trescalantes flores da especie humana. Importa depositar nos corações juvenis os germes das virtudes cristãs e preservar-los do contagio do mal.

E para conseguir-se fim tão sublimado não ha meio mais eficaz e mais propicio do que dar-lhes a comer o pão dos anjos e saciar-lhes a sêde de amor com o sagrado vinho que gera as virgens.

A Eucaristia é fonte perêne da graça divina, manancial inesgotavel de energias sobrenaturais.

* * *

A geração moderna, formada segundo o espirito do indiferentismo religioso, caracteriza-se por verdadeiro horror a tudo que exija sacrificio, a tudo que impõe rénuncias, a tudo que implica um dever.

Essa tendencia egoistica e utilitaria ameaça contagiar a familia cristã, que póde ceder á tentação do comodismo e fugir ás responsabilidades que lhe são inérentes e proprias.

Afim de que tal não aconteça e a virtude não deserte dos lares, é mistér que os esposos cristãos e

os filhos das familias catholicas se aproximem com frequencia da mesa eucaristica, onde, ao calor do amor divino, retemperem as energias morais, para cumprirem, fielmente, os deveres de estado.

Abalisado defensor da verdadeira religião escreveu estas palavras:

“Onde no deserto arrebenta um jorro de agua, aí se elevam as palmeiras, aí florece nova e fecunda vida. Assim é o Sacramento do Altar no deserto da vida temporal; dele derivam arroyos que fecundam o reino da Igreja, infundindo-lhe novas virtudes; dele dimana a luz esplendida dos sete sacramentos; ali, em torno da fonte das graças, florescem todos os frutos da vida sublimada; ali haurem as criaturas as aguas da salvação; ali está o coração que faz palpar todas as arterias da Igreja, o ponto em que a terra e o céu se tocam, a habitação escolhida por Deus.

Do Altar deslisa uma aura de suavidade, uma virtude, como outrora, quando Jesus peregrinava sobre a terra, saía de sua sagrada humanidade o balmamo que curava todas as enfermidades da alma.

Ali se curam todas as feridas, amadurecem as grandes resoluções; dali surgem todos os atos de santo heroismo, que vence o mundo. E o fiel não se afasta do Altar do Santissimo Sacramento, sem ter ouvido vozes misteriosas, sem haver haurido forças sobrenaturais, sem que sua alma experimente saudades da sua verdadeira patria, do logar do seu repouso, onde está o seu Deus, o seu supremo bem”. (1)

* * *

Os aspétos políticos e sociais da vida internacio-

(1) Hettinger — Apologia do Christianismo.

nal apresentam sintomas alarmantes e gravidade assustadora.

As guerras alteraram profundamente o mapa das nações e as revoluções transformaram, de modo notável, as camadas sociais.

Rivalidades de classes e odios de povos prepararam para futuro proximo novos cataclismos, que ameaçam dissolver o agregado humano.

Na iminencia de novos desastres, de maiores devastações, a humanidade busca um abrigo, anseia por um refugio, procura nova arca de salvação, que ampare e preserve as humanas criaturas, como a arca de Noé, nos tempos biblicos, guardou o germen da nossa especie.

Quando a onda anarquica ameaça arrasar os diques da presente organização social, quando as paixões cavam ruinas materiais e morais, só um porto de abrigo, um ponto de apoio, um farol de luz se ergue altaneiro e uma fortaleza se apresenta inexpugnável — a Arca Santa da Nova Aliança, o Tabernaculo da Eucaristia.

O SACERDOCIO DA NOVA ALIANÇA

A' universalidade do fenomeno religioso corresponde a existencia de uma corporação, que se dedica e se consagra aos mistéres do culto divino.

Por toda parte encontramos um grupo de individuos que se entregam ao serviço da religião e lhe oferecem todos os seus prestimos.

A religião, comercio e comunicação entre a divindade e a humanidade, exige um corpo de agentes e intermediarios, que estabeleça o contato entre o céu e a terra e ponha em relação Deus e o homem.

Os sacerdotes são estes agentes acreditados, estes intermediarios.

* * *

Entre os antigos povos do Oriente, os sacerdotes constituíam uma casta, em geral poderosissima, cheia de imunidades e privilegios, que desempenhava papel predominante na alta administração publica.

No Egito, na Assiria, na Caldéa, na Fenicia, em Cartago, na Persia e nas Galias encontramos a existencia da casta sacerdotal fortemente organizada, desfrutando muitos privilegios e usufruindo grandes vantagens.

Em certas partes havia familias illustres, que conservaram até o fim do paganismo o monopolio e o exercicio de determinados cultos.

Nos grandes santuarios e nos templos mais importantes, como Dodona, Olimpia, Delfos e outros a classe sacerdotal formava verdadeira hierarquia e o sacerdocio era constituído por graus diversos, de accordo com os mistéres de cada um dos serventuarios dos templos.

Existiam tambem numerosas confrarias e collegios de sacerdotes que se dedicavam á celebração do culto e aos estudos das ciencias sagradas.

Entre os povos primitivos os governos foram quase todos teocraticos, isto é, os poderes temporal e espirital achavam-se reunidos nas mãos dos sacerdotes, que regulamentavam os atos da vida publica e os da vida particular.

Com o andar dos tempos, foi-se estabelecendo a separação e a independencia dos poderes: os sacerdotes guardavam os officios do culto e os magistrados occupavam-se da gestão da cousa publica. Em alguns casos e em determinadas populações a autoridade civil chegou mesmo a interferir diretamente na ordem espirital e o sacerdocio tornou-se verdadeira função do Estado.

Em todo caso, porém, era aos sacerdotes que cumpria presidir aos sacrificios e ás ceremonias sagradas, fazer observar os ritos e administrar os templos.

Na civilização greco-romana predominará o poder civil.

Apesar disso a religião que havia procurado o Estado e o Estado que sustentava a religião, auxiliavam-se mutuamente e formavam um só corpo; estas duas entidades associadas e confundidas formavam uma potencia quasi sobrehumana, á qual a alma e o corpo estavam igualmente sujeitos. (1)

(1) Fustel de Coulanges — **A Cidade Antiga.**

O advento do cristianismo veio estabelecer a divisão dos poderes e hoje só encontramos governos teocraticos entre povos pagãos.

* * *

Na Igreja, o sacerdócio é um verdadeiro sacramento, que imprime caráter e confere graças especiais aos que o recebem.

O sagrado Concilio Tridentino assim define: “Se alguém disser que a consagração do sacerdote ou a santa ordenação não é verdadeira e propriamente um sacramento instituido por Jesus Cristo, ou que é somente uma invenção humana, excogitada por homens ignorantes das cousas da Igreja, ou que é uma simples cerimonia para escolher os ministros da palavra divina e dos sacramentos, seja anatema”. (2)

No Antigo Testamento havia verdadeiro sacerdocio visivel, que competia somente a um grupo de individuos escolhidos e determinados.

Jesus Cristo, que não veio abolir, mas aperfeiçoar a lei moisaica, constituiu tambem um sacerdocio no Novo Testamento, conforme indicam algumas passagens dos livros sagrados.

Ao escolher os primeiros discipulos, o Divino Mestre disse-lhes: “Vinde após mim, e eu farei que vos torneis pescadores de homens”. (3)

Mais tarde, querendo definir a vocação dos Apostolos, Jesus lhes declarou: “Vós não fostes os que me escolhestes a mim; mas eu fui o que vos escolhi a vós”.

(2) Sess. XXIII, can. 3.

(3) Marcos, I, 17.

(4) João, XV, 16.

Na ultima ceia, após a instituição do sacramento da Eucaristia, receberam os Apóstolos o poder de consagrar o corpo e o sangue de Cristo: "Fazei isto em memoria de mim". (5)

Antes de deixar este mundo e tornar ao Pai, Jesus conieriu-lhes o Espirito Santo e deu-lhes o poder de perdoar os pecados. (6)

Jesus Cristo estabeleceu um sacerdocio, ao qual concedeu a faculdade de oferecer a Deus o sacrificio da Nova Aliança e perdoar os pecados. Este sacerdocio, que é visivel e deve durar por todos os tempos, necessariamente tem que ser transmitido de modo claro e visivel, afim de que o povo fiel distinga os sacerdotes dos seculares e reconheça aqueles que foram investidos dessa augusta dignidade.

Este breve raciocinio demonstra a necessidade do sacramento da ordem.

Os costumes e as tradições do cristianismo confirmam o que nos diz a razão.

A Igreja do Oriente e a do Ocidente, desde os tempos primitivos admitiu e empregou a consagração ou santa ordenação, pela qual os alistados no sacerdocio recebiam os poderes espirituais e se distinguiam dos leigos.

Gregos, maronitas, nestorianos, coptas, jacobitas e eutiquianos, conforme a historia o atesta, faziam a consagração dos sacerdotes.

Os Santos Padres e os mais acreditados escritores ecclesiasticos consideram o sacerdocio como um sacramento da Nova Aliança. São Leão e S. Gregorio Magno chamam a ordem de sacramento; Santo Ambrosio e S. Gregorio Niceno attribuiam-lhe a graça

(5) Lucas, XXII, 19.

(6) João, XX, 22 e 23.

invisível propria aos sacramentos; S. Jeronimo e Santo Agostinho dizem claramente, que é um sacramento como o batismo. (7)

As ordens e congregações religiosas são instituições ecclesiasticas; é a Igreja que as funda, de accordo com as necessidades dos tempos. O sacerdocio católico, porém, é um sacramento, uma instituição divina.

O sacramento da ordem, que confere poderes espirituais e a graça de cumprir os encargos ecclesiasticos, comprehende gráus hierarquicos, isto é, ordens menores e maiores.

A **tonsura** é a cerimonia pela qual o individuo entra para o estado ecclesiastico, começa a fazer parte do clero católico, e a gozar dos privilegios inerentes ao estado clerical.

A seguir, o aspirante ao sacerdocio deve receber as quatro ordens menores: de **ostiário, leitor, exorcista e acolito**.

A cada uma destas ordens estão anexos poderes especiais e a admissão ás mesmas obedece a ritos e ceremonias proprias.

O ostiariato é a primeira das ordens menores, pela qual o ordenado é, oficialmente, destinado á guarda dos templos e ao toque dos sinos. Esta primeira ordem menor é de instituição ecclesiastica. Na Igreja latina appareceu no seculo III; no Oriente foi mencionada a prática no seculo IV, desaparecendo, porém, a contar do seculo VIII.

Leitor denomina-se o clerigo que ascendeu á segunda ordem menor. Compete-lhe o direito de lêr as lições das Sagradas Escrituras, benzer o pão e as frutas novas, direitos êstes que, no rito romano, passaram, quase sempre, a ser exercidos pelo sacerdote.

(7) Derharbe — Grande Catecismo Catholico — Vol. VI.

Desde os primeiros seculos da religião cristã, existe esta ordem que é de instituição eclesiastica.

Exorcista é o clérigo que recebeu a terceira ordem menor. Foi instituída esta ordem pela Igreja de Roma, no seculo III, quando os **carismas**, dons extraordinarios, começavam a desaparecer.

A quarta e ultima das ordens menores é o acolitamento, que desde o ano 250 é conhecido na Igreja do Ocidente.

Constitúe uma preparação remota para o sacerdocio e confere ao ordenando o poder e o direito de ajudar o diacono e o subdiacono nas funções sagradas.

O **subdiaconato** é a primeira das ordens maiores. Até o seculo XII era contada entre as ordens menores, mas dessa data em diante começou a ser enumerada entre as ordens maiores. Sua instituição é muito antiga, pois o papa S. Cornelio e S. Cipriano, na Africa, fazem menção desta ordem em meados do seculo III. Entre os orientais, ainda hoje, o subdiaconato é contado entre as ordens menores.

O **diaconato** é a segunda das ordens maiores e o Concilio Tridentino a declara de instituição divina. Desde os tempos apostolicos que os diaconos foram associados ao serviço de Deus. Os Apostolos ordenaram sete diaconos e lhes conferiram direitos e privilegios. (8)

O **presbiterato** ou sacerdocio propriamente dito, é o sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo para perpetuar, através dos tempos, o augusto sacrificio da Nova Aliança.

O **episcopado** constituiu o ultimo grau e a plenitude do sacerdocio. Confére aos que o recebem o poder de administrar os sacramentos da ordem e da

(8) Atos dos Apostolos, VI, 1 e seg.

confirmação, o direito de sagrar pedras, altares e igrejas. Ao episcopado estão anexas honrarias e jurisdição especiais.

Coroando esta grandiosa hierarquia, na cuspide da religião crista, está o Papa, chefe visível da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, sucessor de S. Pedro e pastor supremo das almas.

* * *

O grande Apostolo das gentes define, nestes termos, a missão do sacerdote católico: “Porque todo o pontifice tomado dentre os homens é constituído a favor dos homens naquelas cousas que se referem a Deus, para que ofereça dons e sacrificios pelos peccados”. (9)

Estas palavras indicam a missão que incumbe ao clero de apresentar a Deus sacrificios de expiação e reparação pelos crimes que inundam a terra e desafiam a justiça eterna.

Podemos, com razão e propriedade, aplicar aos ministros do culto católico aquelas palavras do Antigo Testamento. “Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, postos entre o vestibulo e o altar, e digam: Perdoa, Senhor, perdoa ao teu povo e não deixes cair a tua herança em oprobio, de sorte que as nações a dominem”. (10)

Todas as religiões ofereceram a Deus sacrificios gratulatorios, pelos quais mostravam seu reconhecimento pelos beneficios recebidos da liberalidade divina. Moisés prescreveu e determinou sacrificios solênes e publicos de ação de graças.

(9) Hebreus, V, 1.

(10) Joel, II, 17.

O sacerdócio católico oferece a Deus o supremo sacrifício da missa, em que se renova a Paixão e a Morte de N. S. Jesus Cristo.

A humanidade sempre reconheceu a necessidade de implorar do céu as graças de que necessita, os dons que lhe faltam. E este ofício impetratório, na Igreja, é ainda exercido pelo clero, que apresenta ao Pai Eterno, em nome do Filho Unigenito, as supplikas do povo fiel e crente.

* * *

A influencia social do sacerdócio católico é muito maior e muito mais importante do que parece á primeira vista.

Três grandes misérias, três grandes males afligem a pobre humanidade: a doença, a pobreza e a inesperienza da vida.

A doença é a enfermidade do corpo, o mal físico, que leva o enfermo ao leito, depois de lhe ter roubado as energias. E' o lento desagregamento do composto humano, que marcha, a passo acelerado, para a podridão do sepulcro. Nas molestias prolongadas, exhaurem-se as energias do espirito ao mesmo tempo que se desgastam as forças da materia. Nas horas solitarias, nas longas noites de insonia, o individuo, queira ou não queira, vê-se em frente de si mesmo e sente-se obrigado a confessar a propria fraqueza. A consciencia, desperta em frente as portas da eternidade, necessita do amparo moral e experimenta um desejo inexprimivel de reconciliar-se com a divindade.

E' a hora do sacerdote, que, como amigo, se aproxima do enfermo, para lhe restituir a triplice paz: com Deus, com a propria consciencia e com o proximo...

Depois da enfermidade, que ceifa a existencia, a pobreza constitúe uma das maiores miserias da fraca humanidade.

Falamos aqui não da pobreza remediada, da classe proletaria; mas falamos do pauperismo em todo seu negrôr, da miseria que impéra nas aguas furtadas, nos tugurios.

Quem poderá calcular a atividade beneficente e a atuação proficua do sacerdocio católico em pról de todos os necessitados, em geral, e da pobreza envergonhada, de modo particular. Quer pessoalmente, dando a sua esmola, proporcionada aos proprios recursos, quer por meio, principalmente, das multiplas associações paroquiais de caridade, o clero católico se constitúe e é, de verdade, o defensor e o arrimo de todos aqueles a quem falta o pão quotidiano.

A inexperiencia da vida e as extravagancias da juventude constituem fontes de dolorosas experiencias e acarretam gravissimas consequencias, que, não raro, comprometem uma existencia inteira.

Para obviar a tais males e afastar desgostos futuros e danos irreparaveis, o sacerdocio oferece á juventude uma orientação segura e conselhos acertados, que podem evitar naufragios tremendos.

As associações e os sodalicios para a mocidade, de ambos os sexos, sob a orientação dos párcos e dos ministros do altar, formam a defesa mais eficaz dos bons costumes e premunem as almas juvenis contra os assaltos do mundo corrompido e corrutor.

Só mesmo um espirito cêgo pelos preconceitos, que fecha os olhos para não vêr a evidencia da verdade, só mesmo quem se deixa dominar pelo odio á idéa religiosa poderá negar que o sacerdote católico é o consolador do enfermo, o amparo do pobre e o guia da mocidade.

Ao padre católico incumbem temerosas responsa-

bilidades e deveres importantissimos. A ele pertence fazer correr as lagrimas saltares do arrependimento, estancar o pranto aflitivo dos desherdados da sorte e multiplicar as migalhas da caridade. E' ele o guia experimentado das consciencias, que deve firmar na virtude e preservar da corrução geral as almas bati-das pelas tempestades da vida e perturbadas pelo despertar das paixões. E esse trabalho invisivel e quase imperceptivel o clero da Igreja o realiza, de continuo, no seio da humanidade torturada e sofredora.

Em meio de uma sociedade deliquescente, cujas crenças religiosas se apagam, cujos principios politicos desaparecem na voragem da anarquia, é o clero a grande força moral, que envida todos os esforços em pról da manutenção do equilibrio social.

Na dissolução geral dos costumes, que lavra nos dias presentes, é o sacerdote católico uma força moral de primeira grandeza, que exerce uma influencia muito superior a que se póde avaliar á primeira vista.

O ministro de Deus, que renunciou aos castos gozos do lar e á tranquillidade da familia, é o maior paladino da indissolubilidade do matrimonio e maior defensor da santidade do tóro nupcial. Ele, que está proibido de auferir proventos materiais por meio das especulações do comercio, préga o respeito aos bens alheios e impõe, em consciencia, a restituição do que foi subtraído ao legitimo possuidor. O presbitero, que prometeu ao prelado obediencia por toda vida, é o grande vingador dos direitos dos fracos e dos oprimidos.

Em todos os tempos e em todas as idades, o clero católico prestou á humanidade serviços relevantes, que o apontam ao reconhecimento universal.

O papado salvou a Europa varias vezes e, enquanto em suas mãos se achavam os destinos dos

povos, as nações não conheceram certos problemas que hoje as inquietam.

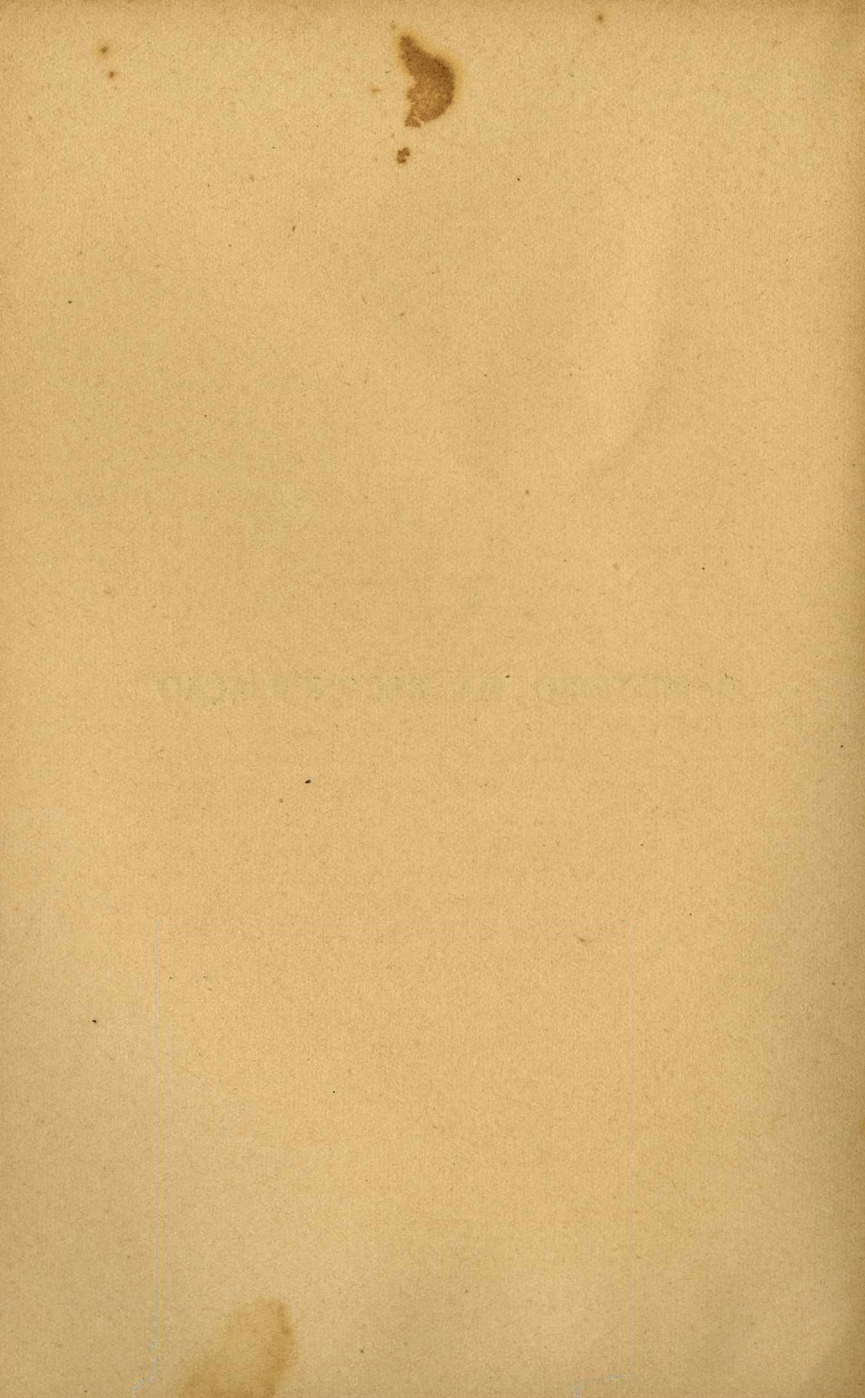
As ordens religiosas, as abadias e os antigos bispados lançaram os fundamentos das mais prósperas cidades da Europa, dessecaram pantanos, abriram canais, desmontaram florestas; construíram escolas e iniciaram a cultura superior, que era ministrada pelas universidades. As modernas nacionalidades europeas formaram-se dentro da civilização cristã, de que o clero católico foi sempre a guarda avançada e o sustentáculo forte.

Em nossos dias, uma onda de revolta agita os espiritos e o liberalismo revolucionario organiza a insurreição geral contra tudo que é ordem, lei, direito e justiça.

O sacerdote da Igreja é, por excelencia, o homem da ordem, da lei, do direito e da justiça; por este motivo volta-se contra elle a conjura de todos os inimigos da religião e da patria.

Não importa. O sacerdocio está com a Igreja e contra a Igreja **não prevalecerão as portas do inferno.**

O MISTERIO DA RECONCILIAÇÃO



Deus creára a humanidade em estado de graça e de santidade, que deveria constituir o apanagio de nossa especie. Mas a prevaricação de Adão e Eva, no paraiso terrestre, veio transtornar o plano divino e quebrar a harmonia da obra sublime, que saíra das mãos do Eterno.

A memoria da prevaricação do Eden, de tal modo ficou impressa no espirito do homem que, em todos os tempos e no seio de todas as raças, subsistiu a idéa de que a morte e o sofrimento são meios de expiação e de reparação, que devem ser oferecidos á divindade.

Em todas as religiões, mesmo naquelas que mais se afastaram da revelação divina, encontra-se a idéa de que o homem é impuro diante de Deus e que necessita de rehabilitar-se ante o Senhor do céu e da terra, oferecendo alguma especie de compensação á justiça infinita.

Com muita razão observou José de Maistre que a crença de que o inocente póde substituir o culpado é a essencia de toda e qualquer religião.

O homem, em sua origem nem depois de caído em novas culpas, podia remir-se a si mesmo. Terrível anátema pesava sobre a nossa especie, que, no maior abatimento, cumpria seu destino terrestre.

Para resgatar a humanidade decaída e aviltada,

ofereceu-se o Verbo, a segunda pessoa da Trindade Santissima. Jesus Cristo, Deus e homem, tornou-se o unico medianeiro e intercessor, capaz de salvar o que perecera e reparar o que se achava arruinado.

A Redenção é obra de um Homem-Deus. Um homem não podia reparar o mal que a natureza humana havia sofrido, nem satisfazer completamente a divida contraída para com a divina justiça. De outro lado, um Deus não podia padecer nem morrer. Somente Jesus Cristo, Deus e homem, a um tempo, podia oferecer-se por nosso resgate. Como **homem** ele sofreu e morreu por nós; como **Deus** deu aos seus sofrimentos um valor infinito, capaz de pagar, com excesso, a divida do genero humano.

E' o misterio da Redenção, que reconciliou o céu com a terra, a divindade com a humanidade.

A Redenção é um misterio duplo, de justiça e de amor. De justiça, porque Jesus Cristo experimentou todas as vinganças da justiça infinita; de amor, porque um Deus, sofrendo em prol do resgate do homem prevaricador, encerra o misterio de inexprimivel caridade.

A maior prova de aféto, que podemos testemunhar, é oferecer a propria existencia pela pessoa amada. E esta prova de amor Jesus no-la deu, suportando por nós os tormentos dolorosissimos de sua Paixão.

O peccado, ofensa infinita, exigia uma reparação de si mesma infinita. O sacrificio do Calvario, infinito por varios titulos, constitúe uma satisfação infinita, oferecida a Deus. E no madeiro sagrado da cruz a misericordia e a justiça deram-se, mutuamente, um osculo de paz e de amor.

Diversos motivos impeliram Jesus Cristo a padecer e morrer por nós.

Pesquisemos alguns deles e descobriremos as razões amabilísimas que levaram ás ignominias do patíbulo infamante o Filho de Deus.

Em primeiro lugar Jesus Christo quis que conhecessemos melhor o seu grande e infinito amor.

Minimo sofrimento, pequenina humilhação, uma lagrima, um suspiro do Unigenito de Deus, fôra sufficiente, na verdade, para resgatar todas as iniquidades de todas as criaturas. Mas, diz S. João Crisostomo, isso não bastava para revelar a caridade infinita. Eis a razão que levou Jesus Christo a suportar por nós indizíveis tormentos.

O Novo Testamento exprimiu esta verdade em diversas passagens, das quais citaremos duas: “Nisto temos conhecido a caridade de Deus: em Deus ter dado a sua vida por nós”. (1) E estoutra: “Amou-me e entregou-se á morte por mim”. (2)

Considerando que nada havia que podesse levar Jesus a tais extremos, somos forçados a conceder que foi seu amor infinito o movel de tantos e de tão grandes sacrificios.

Cada uma das chagas do Redentor, cada gota de seu sangue adoravel, cada suspiro de seu peito oprimido, cada injuria atirada á face augusta do Cristo bemdito, a morte na cruz e a lançada do centurião clamam e dizem-nos quanto Jesus amou a pobre humanidade. São outras tantas bocas, que proclamam o prodigio da caridade infinita.

Outro motivo levou Jesus a padecer tanto: revelar-nos a malicia do pecado e as penas que o devem punir e, dessa maneira, levar-nos a evitar toda e qualquer offensa a Deus.

(1) I Epistola de S. João, II, 16.

(2) Galatas, II, 20.

As dores suportadas pelo Redentor do mundo falam bem alto á nossa consciencia e expõem de modo insofismavel quão horroso é o pecado e quão tremendas consequencias acarreta.

Tanto isso é verdade que o grande S. Paulo declara que “os pecadores crucificam de novo a Jesus Cristo e o enchem de oprobios”. (3)

A justiça infinita, que não soube poupar ao Unigenito de Deus, será implacavel contra o pecador que deixar infrutiferos os meritos da Paixão do Senhor. E o Divino Mestre quis deixar-nos tão salutar e tão proveitoso ensinamento.

Finalmente, o misericordiosissimo Salvador do mundo quis, por meio de seus exemplos, ensinar-nos a suportar, com paciencia e perfeita resignação, as dores e os sofrimentos desta vida.

Se o proprio Filho de Deus experimentou tantas miserias, aqui na terra, e tudo sofreu com aceitação admiravel da vontade divina, como poderá a criatura humana revoltar-se contra os designios do Eterno?

“Corramos pela paciencia ao combate que se nos propõe, olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, sendo-lhe proposto o gozo, suportou e preferiu a cruz, tendo em pouco a confusão, e agora está sentado á direita de Deus Padre. Pensai Nele... para que não vos canceis nem desfaleçais de animo”. (4)

O Redentor prega-nos a paciencia e a resignação e ensina que o sofrimento é o caminho para a verdadeira patria e a morte é a porta da vida eterna.

* * *

(3) Hebreus, VI, 6.

(4) Hebreus, XII, 2 e 3.

Os efeitos da Redenção constituem outros tantos mistérios, que revelam a santidade infinita de Deus e a caridade inefavel do Verbo Eterno.

O primeiro resultado prático do sacrificio de N. S. Jesus Christo foi a **libertação** do genero humano, em geral, e de cada individuo, em particular. O peccado de nossos protoparentes havia reduzido a humanidade inteira ao cativeiro do demonio e á privação da graça divina.

O Salvador do mundo libertou-nos de tão humilhante e de tão triste condição,

A culpa original atraiu sobre toda humanidade a cólera divina, estabelecendo irreconciliavel inimizade entre Deus e as criaturas, entre o céu e a terra.

Jesus Christo fez-se verdadeiro mediador entre a divindade ofendida e a terra culpada. O sangue derramado no Calvario **apagou a sentença** condenatoria dos escravos do peccado.

Foi este o segundo grande efeito produzido pela Paixão e Morte do Filho de Deus.

Em terceiro lugar a Redenção constitúe uma verdadeira **restauração**, na ordem sobrenatural. A prevaricação de nossos primeiros pais, no Eden, tornára a humanidade objeto da cólera divina, e Deus olhava para o homem como para um edificio em ruinas, uma vez que a natureza humana havia sido despojada de todos os dons sobrenaturais. O sacrificio da cruz veio pôr termo á degradação da nossa especie.

* * *

A satisfação, que Jesus Christo ofereceu pela humanidade, apresenta três caractéres distintivos: liberdade, superabundancia e universalidade.

O sacrificio do nosso Salvador foi inteiramente **livre**; Ele assim o declarou, nestes termos: "Ninguem

me tira a vida, mas sou eu que a dou por mim tambem para retomá-la". (5)

A Redenção foi **superabundante**.

Uma só gota do sangue divino, conforme diz o papa Clemente VI, teria sido bastante para resgatar todo o genero humano. Apesar disso, Jesus preferiu derramar todo seu sangue e padecer tormentos indiziveis em pról da salvação dos homens.

Donde, pois, é evidente que a satisfação oferecida á divindade foi infinitamente maior que todos os pecados das criaturas.

O Apostolo das gentes o afirmou:

"Onde abundou o delito, superabundou a graça". (6)

Finalmente, a Redenção foi **universal**.

Jesus Cristo morreu por todos os homens: bons e máus, réprobos e escolhidos, justos e pecadores, sem exceção alguma, foram contemplados com os beneficios provenientes da morte do Senhor.

O Divino Mestre declarou que o seu sangue seria **derramado em remissão dos pecados**". (7)

* * *

Os meritos infinitos do Redentor constituem remedio infalivel contra a morte eterna e tesouro inesgotavel de graças.

E' mistér, porém, que o homem preencha, de sua parte, certas condições necessarias á propria justificação. Importa que o fiel se utilize das graças

(5) João, X, 18.

(6) Romanos, V, 20.

(7) Mateus, XXVI.

divinas e faça frutificar os talentos que lhe foram confiados e coopere com as graças sobrenaturais.

S. Agostinho, insigne doutor da Igreja, resumiu a aplicação individual dos frutos da Redenção nestas palavras: “Deus, que te criou sem ti, não te póde salvar sem ti”.

* * *

O Verbo Eterno viéra á terra satisfazer por todos os crimes da humanidade e apresentar a Deus uma reparação cabal por todas as ofensas recebidas.

Dadas estas intenções e estes intuitos, era mister que a Paixão e a Morte do Senhor resumissem e encerrassem sofrimentos infinitos. E assim foi.

De três fontes principais, procedem os pecados da humanidade: o apêgo ás cousas deste mundo, isto é, as desordens do coração; o amor da propria excellencia, isto é, a soberba do espirito; os pecados da carne, isto é, os prazeres dos sentidos.

Nas angustias indiziveis do Horto das Oliveiras Jesus ofereceu ao Pai a expiação cabal de todas as desordens do coração humano.

Nas ignominias, suportadas nos tribunais de Jerusalém, o Redentor expiou os pecados do espirito, o orgulho da natureza decaida e aviltada.

Os tormentos inexprimiveis do Calvario, os sofrimentos atrozes da crucifixão apresentaram a Deus reparação por todas as desordens da carne, por todos os pecados da sensualidade.

As agonias do jardim de Getsemani constituem o prologo sangrento da tragedia mais formidavel a que a humanidade assistiu.

Após a instituição do adoravel sacramento da Eucaristia e feitas as ultimas recomendações aos seus amados discipulos, Jesus retirou-se para o Horto das

Oliveiras, onde ia preparar-se para subir ao altar do supremo sacrificio.

Transposta a torrente do Cedron, ficaram os Apostolos á entrada do jardim e apenas Pedro, Tiago e João, testemunhas da glorificação do Tabor, foram convidados á assistencia da oração angustiada do Mestre.

A alma santissima de Jesus deixou-se possuir de verdadeiro pavor, ante os sofrimentos que o aguardavam; depois, um tedio imenso o invadiu, em frente ás ignominias do Calvario; finalmente, sobreveio uma tristeza de morte e o lançou em horrivel prostração.

Sentindo-se abandonado de Deus e dos homens, Jesus orou: "Meu Pai, meu Pai, se é possivel passe de mim este calice... Faça-se, porém, a vossa vontade e não a minha".

A traição de Judas, a negação de Pedro, o abandono dos Apostolos, os ultrajes das turbas, o suplício do Golgota — tudo isso Jesus anteviu de uma só vez.

A divindade suspendeu sua influencia e a natureza humana abateu-se ante espetativa tão dolorosa e tão lúgubre.

Jesus procurou junto de seus amados discipulos algum conforto para sua alma exausta, mas elles dormiam... Deu-lhes aquella grave advertencia: "Vigiai e orai, para não cairdes em tentação".

Segunda vez se foi o Redentor a orar e orar mais fervorosamente. Teve a visão de todos os delictos, de todos os crimes e de todas as prevaricações da humanidade inteira. Sentiu-se o grande pecador, o réu de todas as maldades da terra e do inferno.

E orou: "Meu Pai, se não póde passar êste calice sem que o beba, faça-se a vossa vontade".

Pela terceira vez o divino atribulado voltou á

gruta e aos seus olhos desenrolou-se a cena inaudita da ingratitude humana. Viu a inutilidade, para muitos, do seu sangue derramado por todos; as perseguições á Igreja, as blasfemias e os sacrilegios de todos os seculos; a cegueira e a obstinação dos impenitentes e o odio incançavel dos réprobos — estas desgraças desceram sobre a alma de Jesus e cobriram-na com um véu de negror.

E Ele orou ainda uma vez, repetindo a supplica anterior.

“Na harmonia da Redenção, escreve um autor, o jardim de Getsemani, o **vale fertil**, corresponde ao Eden, e o calice aceito pela obediencia de Jesus corresponde ao fruto colhido pela desobediencia de Adão. Adão crêra apoderar-se da vida e da ciencia, e, expulso do Eden, não encontrou senão as trévas, cada vez mais densas, e a morte, cada vez mais multiplicada. Jesus aceita o morrer e o ser dentro em breve arrastado do Getsemani á cruz; porém aquele caminho da cruz será a estrada de luz, pela qual Adão libertado, subindo mais alto que o Eden, desejando mais que as suas delicias, ha de entrar nas moradas de Deus. (1)

* * *

O Capitolio era a colina aonde eram levados os generais triumphantes, afim de receberem a corôa symbolica de louros.

Proximo estava a rocha Tarpeia, do cimo da qual se precipitavam os traidores da patria.

(1) Louis Veuillot — A Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.

A aproximação destes dois lugares fazia lembrar que, muitas vezes, a queda vem após o triunfo e a ignominia segue de perto a gloria.

Fazia apenas cinco dias que Jesus fôra acolhido em triunfo pelas turbas de Jerusalém e entrára na cidade santa entre jubilosas aclamações: “Hosana ao Filho de Davi; bemdito o que vem em nome do Senhor; hosana no mais alto dos céus”.

Agora, coberto de insultos, cumulado de ignomias, vai arrastado, qual criminoso, de tribunal em tribunal, das mãos dos judeus para as dos gentios.

Judas o vende; Pedro o nega; os demais fogem covardemente. A soldadesca o insulta, os servos do pontifice o maltratam.

Os enfermos, a quem dera a saude, os cegos, a quem abrira os olhos, os paraliticos, a quem concedera o uso dos membros, — áqueles cuja fome havia sido miraculosamente saciada, — ninguem tem voz altiva para dizer a verdade, desmascarar a conjura da casta sacerdotal e proclamar a divindade do Messias.

Quanto dóe, quanto faz sangrar a ingratitude!... Como nos entristece e nos acabrunha vêr que os nossos amigos se envergonham de nós e de nós se afastam no momento da dôr e do oprobrio...

O Coração sensibilissimo de Jesus experimentou este tormento.

Depois de passar pelo tribunal de sua nação, é levado ao pretorio de Pilatos e ao palacio de Herodes, coberto de baldões, feito o **homem das dores**.

Maior humilhação restava a padecer, ver-se posto a Barrabás, sedicioso, ladrão e homicida.

De iniquidade em iniquidade, o Cordeiro de Deus recebe, a cada passo, novos insultos e suporta novas injustiças, inclusive a condenação á morte, embóra o juiz o reconhecesse inocente de toda culpa.

Desse modo Jesus, vítima imolada pelos pecados da humanidade, ofereceu a Deus verdadeira expiação de todas as desordens do espirito humano.

* * *

Os Evangelistas não encontraram palavras capazes de descrever, pormenorizadamente, o que se passou no alto do Calvario.

“E crucificaram-No”. Está tudo dito, uma vez que a pena humana é incapaz de narrar o que se não póde contar.

O Calvario era uma colina tristemente celebre, porque lá se realizavam as execuções capitais.

A crucifixão era o suplicio destinado aos escravos.

Nada faltou á ignominia da morte do Homem-Deus.

Quatro agudos pregos cravam as mãos e os pés, atravessando musculos, rasgando nervos, abrindo veias.

Suspensão entre o céu e a terra, no cimo de uma montanha, Jesus era bem o simbolo do resgatador da humanidade, vitima oferecida á justiça infinita.

Cumpriu-se á risca o tremendo oraculo do profeta: “Desde a planta dos pés ao alto da cabeça, não ha parte alguma sã; não ha em nenhum de seus membros senão feridas, contusões e chagas vivas, que ninguem quis ligar e que ninguem suavizou com oleo”. (2)

Reduzido ao mais lastimoso estado, parecendo mais um verme calcado aos pés do que um homem, Jesus quis assim expiar todos os pecados da carne, todas as desordens da sensualidade.

(2) Isaias, I. 6.

A imagem sagrada do Crucificado proclama á consciencia cristã a malicia que ha nos desregramentos dos sentidos.

Esgotado, até ás fézes, o calice das amarguras, realizadas as profecias todas, não restava a Jesus senão morrer, entregando ao Pai o espirito que Lhe animara a existencia, na terra do exilio,

Tudo está consumado.

A misericordia e a justiça deram-se o osculo; o sacrificio do Filho de Deus e a Redenção do genero humano estavam completos. Jesus podia morrer e morreu mesmo.

Deu um grande brado, inclinou a cabeça e exhalou o ultimo suspiro.

“Cristo morreu. Morreu na cruz, segundo a vontade dos homens, pela escolha do Filho, com o consentimento do Pai”. (3)

Estava consumado o grande misterio da reconciliação.

(3) Giovanni Papini — Historia de Christo — Tradução por Lindolfo Esteves.

**MARIA, CORREDENTORA DA
HUMANIDADE**

Na religião católica, ha um vulto de mulher, que se apresenta excelsa e sublimada sobre todas as creaturas humanas: é Maria Santissima.

Depois de Jesus Cristo, Homem-Deus, a quem devemos, humildes e submissos, as nossas adorações, a Virgem Maria é a grande figura do cristianismo. Para ela se voltam, em todos os tempos, os olhares suplices da humanidade.

De outro modo não podia nem devia ser, em virtude da posição eminente, que a Virgem Imaculada ocupa na ordem da graça sobrenatural.

Chegada a plenitude dos tempos e realizados os oraculos dos antigos profetas, cumpria ao Verbo Eterno abandonar o seio de seu Pai, descer á terra e consumir o grande misterio da Encarnação. O mensageiro celeste baixou das regiões do empireo para saudar á **Virgem cheia de graças** e pedir-lhe o consentimento para ser Mãi do Filho de Deus.

E a **escrava do Senhor**, tomada de arroubos profeticos, entoou o cantico de ação de graças, em que annunciava suas glorias futuras, através das gerações, que lhe abençoariam a memoria.

Os seculos da historia cristã não cessaram, até hoje, de proclamar as glorias da Mãi de Deus e, por todos os rincões aonde chegou a luz do Evangelho, soberbas catedrais e modestas capelinhas assinalam

a piedade dos povos para com a grande bemfeitora da humanidade.

E' que esta soberana imperatriz do céu e da terra dispõe de todo valimento e de todo prestígio junto ao trono do Altissimo. O poder da Virgem Maria está ao serviço de seu coração ternissimo, toda bondade e todo amor para com os pobres pecadores.

* * *

Nas Sagradas Escrituras encontramos numerosas cousas, que prefiguram a Santissima Virgem.

Entre a Mãe de Deus e a arca de Noé podemos encontrar quatro analogias, segundo o sabio comentador Cornelio á Lapide:

1) — A arca salvou a familia de Noé e, desse modo, o genero humano; Maria salvou a humanidade por Jesus Cristo.

2) — A arca flutuava sobre as aguas; Maria ficou acima e imune da concupiscencia e do pecado.

3) — Todos aqueles que se abrigaram na arca escaparam do diluvio; os que recorrem á Maria são preservados do naufragio das paixões e do pecado.

4) — Depois do diluvio, a terra povoou-se de novo pelos que haviam sido salvos pela arca; o paraíso é povoado pelos fieis servos de Maria. (1)

O arco-iris, na Biblia, recorda a aliança que Deus celebrou com Noé e a promessa de que não haveria mais diluvio, que inundasse a terra.

Maria é para o mundo cristão o sinal da aliança entre o céu e a terra, penhor seguro de salvação e de bonança.

(1) Comment. in Gen.

A misteriosa **escada de Jacó**, que assentava na terra e se elevava ao céu, representa Maria Santíssima, que, pela natureza humana, pertence ao numero das filhas de Eva e pelos privilegios, de que foi adornada, ascendeu ao mais alto dos céus.

A **sarça**, que Moisés viu arder sem se consumir, figura a Virgem preservada das chamas do pecado, que consome os filhos de Adão.

O prodigio do **vêlo de Gedeão** oferece figura perfeita da Mãe de Deus, ornada de todas as virtudes e plena de todas as graças. (2)

A **arca da aliança**, pelos tesouros que encerrava e pelos prodigios de que foi instrumento, no sentir dos comentadores das sagradas letras, apresenta a mais perfeita analogia com a Virgem Mãe.

Os Santos Padres descobrem muitas outras figuras e muitos outros simbolos de Maria através das paginas inspiradas da Biblia.

* * *

Não somente cousas, mas tambem pessoas, nos livros sagrados, simbolizam e prefiguram a excelsa creatura, destinada a ser Mãe de Deus.

Abgail, cuja liberalidade aplacou a justa cólera de Davi, representa Maria Santíssima, cuja mediação poderosa junto de Deus nos alcança o perdão dos pecados.

Débora, que contribuiu poderosamente para a victoria, que libertou o povo escolhido, é figura de Maria, que nos concede a vitoria contra os inimigos de nossas almas.

(2) Juizes — VI.

Judite, a gloriosa heroína de Betulio, lembra o papel maravilhoso, que a Mãe de Deus representou na libertação espiritual do genero humano.

Ester, que salvou da morte os judeus da Assiria, representa a poderosa mediação de Maria ante o trono do Altissimo, em favor dos que choram e gemem neste vále de lagrimas e de miserias.

A Biblia, no livro do Canticos dos Canticos, cujas palavras se applicam á Mãe do Unigenito de Deus, usa de expressões, que denotam verdadeiro arrebatamento triumphal.

No Cap. 6 v. 3, encontramos semelhantes dizeres:

“Quem é esta que se aproxima como a aurora nascente, bela como a luz, brilhante e luminosa como o sol, terrivel como um exercito em linha de batalha?”

Louvores tais perfeitamente se applicam á eleita, desde toda eternidade, para Mãe do Verbo Divino.

Depois da união hipostatica, a maior dignidade conhecida, na ordem espiritual, é a da maternidade divina.

Maria Santissima, concebendo e dando á luz, no tempo, ao Filho de Deus, gerado pelo Pai, desde toda a eternidade, constituiu-se cooperadora e participe da grande obra da redenção do mundo. E as consequencias deste misterio são tão numerosas e tão grandes que nos assombam.

A Virgem Imaculada contraiu com as pessoas augustissimas da Santissima Trindade relações especiaes e afinidades intimas.

Tornou-se participante da fecundidade infinita do Padre Eterno, porque gerou, no tempo, Aquele que Deus gerára desde toda a eternidade. Contraiu para com o Verbo Divino uma afinidade especial, em virtude do contacto intimo da Encarnação. Tem, de certo modo, direito ao amor e ao reconhecimento da Se-

gunda Pessoa da Trindade Santissima. E o Evangelho, registando os anos que Jesus passou na obscuridade e na modestia da officina de Nazaré, declara que o Messias viveu em perfeita submissão a José e Maria.

O misterio da Encarnação foi realizado por obra e graça do Espirito Santo, que desceu do céu sobre aquela que era chamada ás honras da maternidade divina. Por esta razão a Virgem Mãi tornou-se a esposa e o talamo do Espirito Santo.

E' Maria o templo vivo e o sacrario da SS. Trindade.

Esta é a dignidade excelsa a que foi elevada por Deus.

* * *

Todos nós sabemos qual o poder e a influencia que as mãis exercem sobre o coração dos filhos.

Um exemplo, tomado da historia da antiga Roma, historia tão cheia de ensinamentos, tão rica de casos extraordinarios e edificantes, documenta o prestigio materno.

Coriolano, general illustre e valente, após luzidas vitórias e gloriosas conquistas, caiu no desagrado publico e foi condenado ao exilio. Perseguido pelos tribunos de Roma, foi encontrar refugio e acolhimento entre os volscos, que o constituíram seu general e chefe. A fortuna sorriu, novamente, ao grande capitão, que, de vitoria em vitoria, chegou ás portas de Roma, para tomar desforra das ingratições e injustiças sofridas.

O senado romano, espantado com os rapidos e fulminantes triunfos de Coriolano, enviou-lhe sucessivas embaixadas e representações, que lhe supplicaram cessar a guerra contra a patria.

Coriolano, desdenhoso, desprezou todos os emisarios e voltou as costas a todas as deputações. Vai então Veturia, mãe do conquistador, ao encontro do grande guerreiro e lhe pede que poupe Roma, a cidade do mundo.

E Coriolano desarma a propria cólera e cede aos rogos da autora de seus dias, e declara: "Mãi, salvas Roma, mas perdes o teu filho, pois os vols-cos não o pouparão".

E Roma foi salva...

A tanto chega o poder que as mãis exercem sobre o coração dos filhos.

* * *

Calebrava-se em Caná de Galiléa uma festa de bodas.

Convidado, Jesus compareceu, acompanhado de seus discipulos e amigos. Como a familia era pouco abastada e de modestos haveres, ia faltar vinho para o banquete, o que constituiria motivo de grande vergonha e publica humilhação para aquela gente boa e simples.

Prevendo o vexame dos donos da casa, Maria aproxima-se de seu Divino Filho e segreda-lhe estas palavras: "Eles não têm vinho".

A resposta do Mestre pareceria, á primeira vista, uma recusa formal: "Mulher, que vem a mim e a ti neste negocio? A minha hora ainda não é chegada".

Apesar disso, Maria contou com a intervenção poderosa de seu Filho, pois disse aos serventes: "Fazei tudo quanto ele vos mandar".

Havia ali, proximo á sala do banquete, seis talhas de pedra, que serviam para as abluções e purificações usuais entre os judeus. Jesus ordenou aos servos que as enchessem de agua... e esta agua,

por simples ato da vontade onipotente do Senhor, transformou-se em vinho generoso.

Foi este o primeiro milagre da vida publica de Jesus, operado pela interferencia da Virgem Santissima.

Tal é o poder que Maria exerce sobre o coração de seu Divino Filho.

* * *

Maria Santissima tomou parte saliente e importante na grande obra da Redenção do genero humano.

Encontramo-la **na preparação, na execução e na aplicação** desse acontecimento capital para a salvação da humana especie. (3)

Podemos dizer que esta Virgem excelsa foi prometida aos patriarcas, louvada pelos profetas, ansiosamente esperada pelos justos da Antiga Lei e constituiu, no sentir do grande S. Bernardo, **a preocupação incessante dos seculos**. Desse modo co-operou na **preparação** da grande obra reparadora.

Na **execução** perfeita do plano divino não foi menor a sua participação, pois viveu estreitamente associada ás supremas humilhações, aos penosos trabalhos e aos crueis sofrimentos do Salvador do mundo.

Participou da penuria e do abandono, no estabulo de Belém; suportou o exilio e os perigos do Egito; atravessou os humildes e recolhidos dias de Nazaré; palmilhou as estradas da Palestina, durante as excursões evangelicas; culminou no Calvario, onde, como estatua viva de dor, assistiu a Paixão e Morte de seu Divino Filho.

(3) Maria ensinada á mocidade — Pags. 161 - 164

No cimo do Calvario, quando o Cordeiro de Deus derramava a ultima gôta de sangue, em prol do resgate da humanidade, Maria, ao pé do lenho do sacrificio, unia-se, totalmente e incondicionalmente, aos designios do Eterno e oferecia a vitima celeste, supremo holocausto, que devia redimir a humanidade.

O sangue de Jesus e as lagrimas de Maria misturaram-se no sacrificio supremo da cruz.

Eis o motivo pelo qual Maria é chamada, com toda justiça, a **Corredentora** da humanidade.

Aquela que, neste mundo, tanto sofreu pelo nosso resgate e, ainda hoje nos esplendores da gloria eterna, continúa a velar por nós e é a **medianeira de todas as graças**, em cujas mãos estão depositados todos os tesouros dos meritos infinitos da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Coópera Maria Santissima na **aplicação** dos frutos da Redenção, intercedendo por nós junto do trono de Deus.

* * *

O genero humano, por um titulo de doação, pertence á Mãi de Deus, que, no alto do Calvario, foi constituida Mãi de todos aqueles que foram resgatados pelo sangue de Jesus Cristo.

E' esse o motivo pelo qual, nos momentos de aflicção e nas horas de pesar e tristeza, os olhos supplices e confiantes dos filhos de Eva se voltam, constantemente, para a Virgem Mãi.

A proteção maternal da Virgem Imaculada nunca desmentiu a confiança na mesma depositada por todos os homens.

As gerações passadas, que hoje dormem o sono eterno da paz do sepulcro, inclinaram-se, reverentes e agradecidas, ante o altar da Mãi de Deus. Cada ge-

ração, que passa, entoa novo cantico de amor e constróe mais um altar á soberana do universo cristão. Cada seculo oferece-lhe novo diadema e nova coroa.

Cumprem-se, em nossós dias, a profecia da Escrava do Senhor:

“Todas as gerações me chamarão bemaventurada”.



O VENCEDOR DA MORTE



A Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao terceiro dia, após a morte de cruz, apresenta-se como acontecimento unico e exclusivo na historia da humanidade. Este fato unico e exclusivo, nos fastos humanos, reveste-se de importancia muito superior a todos os prodigios e milagres operados por santos e taumaturgos.

Efetivamente, um cadaver frio e gelado retomar o calor e o movimento, erguer a pesada lousa do sepulcro por suas proprias forças e reencetar o curso ordinario da vida é cousa inédita e considerada como absolutamente impossivel, na ordem natural das cousas.

A divindade, porém, não conhece o termo **impossivel** e naquilo mesmo em que falecem os poderes ordinarios e as forças naturais, Deus manifesta a sua onipotencia.

A Ressurreição de Jesus Cristo ocupa o ponto central da doutrina católica e sobre este milagre repousa todo o edificio da nossa crença religiosa. De tal modo os nossos sentimentos religiosos descansam sobre este misterio, como sobre sua propria base, que o grande Apostolo das gentes, S. Paulo, preferiu estas palavras, sentença formidavel, que o Novo Testamento conservou: "Se Cristo não ressuscitou, inutil é a nossa pregação, inutil é tambem a vossa

fé, baldada é a vossa crença, porque ainda estais em vossos pecados". (1)

No rapido estudo, que pretendemos fazer deste portentoso acontecimento, consideraremos três cousas: a) a realidade da morte de Cristo, no suplicio do Golgota; b) os prodigios que acompanharam a morte do Senhor; c) a veracidade da Ressurreição de Jesus.

* * *

A veracidade da morte de Jesus, no cimo do Calvario, não oferece contestação séria nem apresenta circumstancias obscuras, por onde se lhe pegue.

Testemunhas diversas verificaram que o Divino Mestre exhalára o ultimo suspiro, quando ainda suspenso do madeiro infamante.

O centurião romano e os soldados, que montavam guarda ao local das execuções capitais, o Apostolo S. João e as piedosas mulheres foram testemunhas de que Jesus, **após haver soltado um grande brado**, expirára... O proprio Pilatos só permitiu que se desse sepultura a Jesus depois que teve ciencia de sua morte. (2)

Afim de que não restassem duvidas sobre a execução da sentença capital, os soldados, que quebraram as pernas dos companheiros de suplicio de Jesus, não lhe fizeram o mesmo, porque o reconheceram como já morto. Apesar disso, porém, um dos soldados, com a lança, **abriu o lado** do divino Crucificado. (3)

(1) I Corintios, XV, 17.

(2) Marcos, XV.

(3) João, XIX.

Só então foi o sagrado corpo entregue a José de Arimatéa e a Nicodemos, que, acompanhados das santas mulheres, o depositaram no sepulcro. Finalmente, os principes da Sinagoga, que tão solícitos se mostraram em obter a sentença de morte, não permitiriam que os discipulos do profeta de Nazaré levassem a Cristo ainda com vida.

Além de historicamente falsa, a hipótese de que Jesus sobrevivesse aos tormentos da Paixão é fisicamente impossivel.

Com efeito, os sofrimentos suportador pelo Cordeiro de Deus foram tais que, sem a minima duvida, seriam mais que suficientes para lhe causarem a morte.

Moido de açoutes, coroado de espinhos, submetido a incriveis tormentos, teve as forças, completamente, esgotadas, de tal modo que só com supremo esforço conseguiu arrastar-se até o Calvario, levando o pesado lenho do sacrificio. Sofre, em seguida, as dores atrozes da crucifixão e pende do patibulo três longas horas, até que, á vista de todos, expira. Se um alento de vida lhe restasse, ter-se-ia extinguido quando o soldado lhe atravessou o lado com a lançada.

Mãos piedosas recolheram os sagrados despojos do Mestre querido, embalsaram o cadaver á maneira dos judeus e cobriram o sepulcro com uma grande pedra.

Jesus, pois, morreu, verdadeiramente.

* * *

Os racionalistas e negadores da divindade de Jesus Christo, observa conceituado autor, guardam prudente reserva e absoluto silencio acerca dos aconte-

cimentos prodigiosos, que se desenrolaram após a morte do Filho de Deus. (4)

Ao expirar Jesus, a natureza inteira comoveu-se e experimentou espantoso abalo. Verificou-se um eclipse do sol, o que constitúe fato inexplicavel em dia de lua cheia. Tremeu a terra e obscuridade intensa a envolveu, do meio dia até as três horas da tarde. A ordem cosmica alterou-se; partiram-se os rochedos, fenderam-se as pedras; abriram-se muitas sepulturas e não poucos mortos reapareceram entre os vivos.

Tais fenomenos encontram-se registados pelos escriptores mais notaveis dos tempos primitivos da Igreja. Autores pagãos, dentre os mais conceituados, fizeram referencias e descreveram os acontecimentos extraordinarios, que se passaram na Judéa, durante o reinado do imperador Tiberio.

Mais ainda. Jesus quis morrer não como homem, vencido pela morte; sua morte foi a do senhor da morte. Ao expirar, não soltou o gemido fraco do moribundo, que se despede da vida, mas deu um grande brado, que encheu de pavor aos circunstantes. Desse modo ele afirmava que morria porque assim era de sua vontade.

A rocha do Calvario, que se abriu por ocasião da morte do Homem-Deus, oferece á geologia um documento palpavel e indiscutivel do que narram os santos Evangelhos, os escriptores ecclesiasticos e os historiadores pagãos.

Ilustre geologo inglês, que visitou a Palestina, deu o seguinte testemunho:

“Fiz um demorado estudo das leis fisicas e cer-

(4) Darras — *Histoire Generale de l'Eglise*, tom. V.

tifiquei-me de que as aberturas deste rochedo (o Calvario) não foram produzidas por um terremoto natural e ordinario. Um abalo deste genero teria separado as diversas camadas de que a massa é composta, mas seguindo as veias que as distinguem e quebrando a sua ligação pelos pontos mais fracos. Aqui é uma cousa inteiramente diversa; o rochedo é partido transversalmente, a ruptura cruza-se com as veias de um modo extranho e sobrenatural. Para mim está demonstrado que é feito de um milagre, o qual não podia ser produzido nem pela arte nem pela natureza. Dou graças a Deus por me ter conduzido até aqui para contemplar este monumento de seu maravilhoso poder, este testemunho lapidar da divindade de Jesus Cristo”. (5)

Hoje, como nos primeiros tempos da era cristã, os rochedos despedaçados do Calvario atestam a Ressurreição do Filho de Deus.

* * *

Ao terceiro dia, após a tragédia sanguinolenta do Golgota, o sepulcro de Jesus foi encontrado vazio.

Este acontecimento sensacional e naturalmente inexplicavel foi verificado por amigos e inimigos do divino suppliciado. Os mais fervorosos admiradores e os mais encarniçados adversarios do Mestre confessaram que o cadaver do Senhor já não se achava no lugar onde o haviam depositado.

“Resumindo, com efeito, escreveu conceituado autor, todas as particularidades narradas pelos quatro Evangelistas, vemos que as santas mulheres (S. João

(5) Addisson — De la Religion Chréticene, tom. II.

só nomeia Madalena) foram dar com o sepulcro vazio, e foram (segundo S. Mateus e S. Lucas) levar esta noticia aos discipulos (a Pedro e a João, diz este); Marcos diz que elas foram com medo de dar esta noticia. Correram Pedro e João ao sepulcro (diz este ultimo); e o mesmo equivalentemente diz Marcos: "Foram alguns dos nossos ao sepulcro e acharam **ser verdade**, quanto as mulheres tinham contado". Assim, que a averiguação de que o sepulcro estava vazio foi feita pelos discipulos e apóstolos e pelas mulheres; e todos os amigos do Senhor a tiveram por certissima".

Os inimigos do Mestre, que tanto se haviam interessado pela sua condenação e morte, verificaram tambem o desaparecimento do cadaver, daquele que morrera na cruz.

Durante quarenta dias Jesus se manifestou, resuscitado, aos Apóstolos, ás santas mulheres e a numerosos fiéis, que haviam abraçado a doutrina do Evangelho.

Ante os rumores, que o acontecimento despertou, os escribas e fariseus empregaram todos os meios para empanar o brilho da verdade dos fatos.

Após o sepultamento do Mestre, os principes da Sinagoga, bem lembrados do que Jesus prometera, haviam subido á presença do governador romano e disseram-lhe: "Aquele impostor predisse que havia de ressuscitar ao cabo de três dias. Vimos, pois, rogá-vos que deis as vossas ordens para que o tumulto seja guardado até ao terceiro dia, para que não aconteça que venham seus discipulos, roubem o corpo e proclamem, em seguida, a pretensa ressurreição. O segundo erro seria então pior que o primeiro".

A's ordens dos principes dos sacerdotes, um pos-

(6) W. Devivier — Curso de Apologetica Christã.

to de dezesseis soldados veio montar guarda ao sepulcro. De três em três horas, rendiam-se as sentinelas.

Cumprе observar que a disciplina do exercito romano era rigorosissima e o soldado que se deixasse adormecer no seu posto era punido de morte.

Os senhores do Sinhedrio empregavam todas as cautelas, com o fito de evitar-se qualquer embuste futuro: não sabiam eles que, involuntariamente, dispunham as cousas de tal modo que as gerações vindouras não podessem duvidar da Ressurreição do Senhor. Eram títeres nas mãos da Providencia.

Os principes da Sinagoga, quando não poderam abafar as vozes, que proclamavam a veracidade dos fatos, compraram os guardas, para que dissessem que o corpo de Jesus havia sido roubado; desculparam os soldados perante Pilatos e não mais quiseram averiguar o que se passára no tumulto do Salvador do mundo.

* * *

A impiedade, por varios modos, apresenta objecções á narrativa evangelica e ás tradições cristãs sobre o grande milagre.

Em primeiro lugar, declara que, durante o sono das sentinelas, vieram os Apostolos e roubaram o corpo de Jesus.

Esta afirmação, inteiramente gratuita, aliás, cái pela base.

Na verdade, como explicar que um posto de dezeseis soldados, renovados de três em três horas, adormeceria tão profundamente, que fosse possivel virem os Apostolos, removerem a grande pedra, que fechava o tumulo, e levarem o cadaver do Mestre.

Dizem outros que os amigos de Jesus vieram,

altas horas da noite, e, á mão armada, conseguiram levar os sagrados despojos.

Basta considerar um pouco o estado psicológico dos Apostolos, a atitude fraca e pusilanime deles, durante as diversas fases da Paixão, e ver-se-á que semelhante hipótese não possúe fundamento algum.

Aqueles que não ousaram arrancar o Mestre ás mãos dos algozes, teriam coragem de afrontar a morte para roubarem seu cadaver.

Santo Agostinho, em dilema proposto aos guardas, responde, magistralmente, ás duas objeções precedentes: "Se dormieis, diz o grande doutor da Igreja, como sabeis que furtaram o corpo? Se não dormieis, porque o deixastes furtar?"

Ha, finalmente, quem afirme que os Apostolos compraram, a bom dinheiro, o silencio e a cumplicidade dos guardas, para depois proclamarem que Jesus ressuscitára dentre os mortos.

São afirmações estas inteiramente gratuitas, que não resistem á analyse séria dos acontecimentos.

Em primeiro logar, os Apostolos, pauperrimos pescadores, não dispunham de recursos suficientes para o suborno de todas as sentinelas. Em segundo logar, abatidos e desalentados, como então se achavam, não teriam animo para tanto. Contentavam-se com deplorar e chorar a perda do Mestre querido...

Os Evangelhos mostram quanto os Apostolos relutaram em acreditar em Jesus Cristo redivivo.

Comentando essa attitude dos melhores amigos do Senhor, escreveu alguém:

"Quanto á obstinada incredulidade dos Apostolos, tem certamente o seu quê misterioso e que ultrapassa os limites da razão. A causa dela está menos na enfermidade deles, diz S. Gregorio, do que nas nossas necessidades. Das suas duvidas sobre a Ressurreição, da qual exigiram tantas provas, bro-

tam as luzes, que robustecem a nossa fé. Aqueles homens, em cuja palavra devia crêr o mundo inteiro, foram os mais difíceis de persuadir. Jesus ressuscitado não venceu a sua resistencia senão pondo-se-lhes antes os olhos e, por assim dizer, nas mãos”. (7)

Aqueles homens rudes e simples só acreditaram na Ressurreição do Mestre, quando obtiveram provas palpaveis que afastaram, de vez e por completo, todas as possibilidades de engano ou fraude.

Os Apostolos, pois, não se enganaram, quando afirmaram que Jesus ressuscitou, mais ainda, não quiseram enganar. Sim. O homem só engana ao proximo movido por algum interesse. Tal movel, porém, faltou a homens que selaram seu testemunho e confirmaram suas afirmações pela efusão do proprio sangue.

* * *

A Ressurreição é um fato historico, um acontecimento verificado e evidenciado por varios modos. A humanidade encontra-se diante de um caso unico na historia universal: um morto voltar á vida por suas proprias forças, de conformidade com o que o mesmo afirmára anteriormente.

As objeções e os argumentos apresentados contra este acontecimento não resistem a critica serena do que contam os Evangelhos.

A impiedade poderá blasfemar ante o incompreensivel, mas a unica atitude logica do homem de bom senso é dobrar os joelhos e professar o que ensina a Igreja.

“Creio em Jesus Cristo, o qual foi crucificado, morto e sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dos mortos”.

(7) Louis Veuillot — A Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.

O PODER DAS CHAVES

Jesus Cristo, ao consumir a fundação de sua Igreja, e ao estabelecer o Reino de Deus entre os homens, concedeu aos Apostolos e aos seus legítimos sucessores o poder de abrir e fechar as portas do céu, por meio de um sacramento especial, que se denomina penitencia ou confissão.

Existe na religião católica um sacramento pelo qual os fieis alcançam o perdão dos pecados cometidos depois do santo batismo.

Contra esta sublime invenção da misericórdia divina levantam-se inimigos sem conta, desejosos todos de impugnar e destruir o que Deus instituiu.

Os protestantes negam a este sacramento o necessario fundamento evangelico. Os filosofos céticos encaram-no como terrivel e insuportavel escravidão das consciencias. Os falsificadores da historia e forjadores de lendas attribuem-lhe origem humana e classificam-no de invenção do cléro católico. Os libertinos e escravos das paixões mais baixas combatem-no, porque não admitem diques e barreiras contra as inclinações desregradas.

Apesar de todos os ataques e de todas as blasfemias, o sacramento da penitencia continúa de pé, porque a verdade revelada por Deus está acima de todas as insanias e desvarios da humanidade.

A confissão é de instituição divina e ninguem

o pôde contestar sem que seja necessario dilacerar varias paginas do Evangelho e mutilar, por completo, toda a historia da Igreja.

Os fundamentos evangelicos do sacramento da penitencia apresentam-se claros demais; só os preconceitos os pôdem obscurecer.

Algum tempo depois do milagre da transfiguração, que teve logar no monte Tabor, Jesus propôe aos seus discipulos a parábola da ovelha perdida e, ao concluir a lição daquelle dia memoravel, disse aos Apostolos: "Em verdade, em verdade vos digo que tudo que ligardes na terra será ligado nos céus e tudo que desligardes na terra será desligado nos céus".

Estas palavras estabelecem, é claro, uma jurisdicção extraordinaria, que confere poderes extraordinarios sobre as consciencias.

Em outra oportunidade, quando Pedro proclamou, resolutivo, a divindade de Jesus, este lhe disse: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E eu te darei as chaves do reino dos céus e tudo que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus".

Finalmente, depois de ressuscitado e prestes a deixar este mundo, Jesus aparece aos Apostolos e diz-lhes: "A paz seja convosco. Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós". Pronunciadas estas palavras, soprou sobre elles e disse mais: "Recebei o Espirito Santo. Aos que perdoardes os peccados, ser-lhes-ão perdoados; aos que os retiverdes, ser-lhes-ão retidos". (1)

(1) João, XX. 19 - 23.

Estas ultimas palavras são clarissimas; encerram o poder de perdoar os pecados. Não ha fugir.

As palavras de Jesus indicam, evidentemente, que ha pecadores que podem e devem ser perdoados, e pecadores que não podem nem devem ser perdoados. E' necessario, pois, que o ministro e distribuidor do perdão tenha conhecimento da causa e saiba a quem deve perdoar e a quem deve negar a absolvição. Jesus Cristo estabeleceu um ministerio externo para perdoar os pecados e este ministerio, para agir racionalmente, deve conhecer do estado de alma de quantos lhe vêm bater ás portas. O meio unico de se conhecer a consciencia de alguém é a confissão, isto é, a declaração franca e leal daquele que abre a alma ao seu semelhante.

Assim o entendeu e pôs em pratica a Igreja, que introduziu a confissão auricular, desde os tempos primitivos. Gregos e latinos ajoelharam-se nos confessionarios. Entre os povos orientais, separados de Roma, pelo cisma e pelas heresias, encontramos tambem a mesma disciplina, que vigora entre os católicos.

Dizer que a confissão foi inventado pelos padres é cousa facil, mas provar semelhante asserção é o que ninguem até hoje conseguiu. Inovação de tal monta não teria sido possivel introduzir sem levantar a grita geral; os bons protestariam contra esta novidade; os máus não suportariam que se lhes onerasse ainda mais a consciencia culpada. De qualquer modo a promulgação deste novo dever, qual o de confessar os pecados, suscitaria protestos gerais de todas as classes e de todos os fieis.

Citam-se os nomes dos grandes inventores e descobridores; conhecem-se as origens das maiores obras da intelligencia humana; nomeam-se os autores dos

principais codigos; falta, porém, o nome do inventor e o lugar de origem da confissão.

E' que a origem da confissão é divina; Deus é seu inventor.

* * *

Durante quatorze seculos, na Igreja existiu o sacramento da penitencia, sem que alguém lhe contestasse a origem divina. Finalmente, vem Lutero, frade apóstata e perjuro, que pretendeu descobrir as origens historicas desta invenção dos Papas: a confissão. Quer o fundador do protestantismo alemão que a penitencia haja sido inventada pelo Papa Inocencia III, no IV Concilio de Latrão.

Ora, nada mais falso, nada mais contrario á veracidade dos fatos.

Existem, felizmente, as atas do IV Concilio de Latrão e quem quiser poderá manusear tais documentos e verificará o que então se prescreveu. O citado Concilio universal não inventou nem podia inventar uma cousa existente na Igreja, desde os tempos primitivos. Esta assembléa apenas declarou que era **necessario confessar-se ao menos uma vez cada ano**. E só.

* * *

Aqui reproduziremos algumas citações e testemunhos dos autores mais autorizados, que provam a existencia da confissão entre os cristãos, em todos os tempos e no seio de todos os povos.

Os compendios de teologia dogmatica indicam as fontes donde foram extraidas as palavras, que ora transcrevemos.

O IV Concilio Lateranense reuniu-se em Roma, no ano de 1215.

S. Bernardo, que faleceu em 1153, deixou o seguinte depoimento sobre a confissão: “De que serve dizer uma parte dos pecados e suprimir outra, purificar meia consciencia e ficar com a outra metade manchada. Por ventura não vê Deus tudo. Que! ou-sais ocultar alguma cousa áquele que faz as vezes de Deus em tão grande sacramento?”

S. Anselmo, que morreu no começo do seculo XII, assim falou na **Homelia sobre os dez leprosos**: “Patenteai fielmente aos sacerdotes, por meio de uma humilde confissão, todas as nodoas da vossa lepra interior, a fim de serdes limpos dela. Assim como o pecado original se perdoa pelo batismo, diz o mesmo santo doutor, assim os pecados atuais são perdoados na confissão, que é um verdadeiro juizo. Porque ha dois juizos em Deus; um que se faz neste mundo pela confissão; outro que se fará no ultimo dia, naquele exame em que Deus será o juiz e o demonio o acusador. Mas no juizo da confissão, o sacerdote, fazendo as vezes de Jesus Cristo, é o juiz; o homem é ao mesmo tempo acusador e criminoso; e a penitencia imposta é a sentença”.

S. Gregorio Magno, falecido em 604, tratando da ressurreição de Lazaro, disse estas palavras: “Para que guardais vós os vossos pecados no fundo da consciencia? Saí do abismo pela confissão, e sereis desligados pelo ministerio dos sacerdotes, como Lazaro o foi pelas mãos dos discipulos do Salvador”.

S. Agostinho, o grande bispo do norte da Africa, no seculo V, falou desta maneira: “Ninguem diga lá consigo: “Eu faço penitencia ás occultas e perante Deus; Deus bem conhece tudo, bem sabe o que se passa no meu coração. Logo, a ser assim, foi em vão que se disse: Tudo que desligardes na terra, será

desligado no céu; foi em vão que á Igreja se entregaram as chaves. Não basta confessarmo-nos a Deus; cumpre tambem que nos confessemos áqueles que receberam o poder de ligar e desligar”.

S. Jeronimo, cuja morte ocorreu no ano de 420, trata, claramente, da necessidade da confissão e assim se expressa: “Se a serpente infernal, diz ele, tivesse feito a alguém uma ferida oculta; se, ás escondidas e, sem testemunhas, lhe houvesse insinuado o veneno do pecado, e o desgraçado teimasse em não descobrir sua ferida ao seu irmão e mestre, este que possui palavras de salvação, não lhe será mais util que o medico ao doente, que se envergonhe de lhe manifestar o seu mal; porque a medicina não cura o que ignora”. Diz ainda: “Foi aos bispos e aos sacerdotes que foi confiada a administração do sacramento da penitencia. Eles têm as chaves do reino dos céus, e julgam, de alguma maneira, antes do dia de juizo; porque foi a eles que Jesus Cristo disse, na pessoa de Pedro: “Dar-vos-ei as chaves do reino dos céus; tudo que ligardes na terra, será ligado no céu; tudo que desligardes na terra, será desligado no céu”.

S. João Crisostomo, falecido nos primeiros anos do seculo V, teve estas palavras: “Aquele que se tornou culpado de um pecado grave, não poderia extinguir o remorso no fundo de sua consciencia. Ainda que o crime fosse ignorado dos demais homens, ele o conhece; e basta isso para o sujeitar a continuas agitações. O meio de se aproveitar desses remorsos de uma consciencia acusadora, de aplacar essa chaga consumidora, de calar esse algoz interior, que vos castiga noite dia, qual é? E’ confessa-lo humildemente, deposita-lo no seio de um homem, que vo-lo não exprobará; que vos dará o remedio; é confiar-lhe o segredo, dizer-lhe tudo com rigorosa exatidão.

Ide mostrar a vossa chaga ao medico espiritual, e ele vos subministrará os meios de curá-la. Confessar os pecados é apagá-los”.

S. Ambrosio, célebre arcebispo de Milão, que morreu em 379, declara, nestes termos, a necessidade da confissão: “Nada ha oculto, que não deva ser revelado um dia. O que não querem descobrir a esses homens sentados na cadeira de Moisés, será manifestado á face do universo. Aparecerão ali essas amizades criminosas, cobertas pelas falsas apparencias de devoção... Pois se quereis sepultar em um eterno esquecimento essas prevaricações continuas, ide confessa-las com humildade aos sacerdotes; é o meio de conserva-las sempre occultas”.

S. Gregorio Naziazeno, no seculo IV, escreveu: “A confissão e a fuga do pecado são otimos remedios contra o vicio. Uma das maiores graças, que devemos pedir a Deus é a de nos corrigirmos pela confissão”.

S. Cirilo de Jerusalém, no mesmo seculo, exhortava os fieis aos exercicios de penitencia e dizia: “Confessai os pecados que cometestes por palavras e por obras, quer de noite, quer de dia”.

S. Efrem, da cristandade da Siria, declarava: “Vós vos envergonhais de confessar os vossos pecados; envergonhai-vos antes de os haver cometido”.

S. Basilio, falecido em 379, usou desta linguagem: “E’ absolutamente necessario declarar os pecados áqueles que são os dispensadores dos mysterios de Deus”.

S. Atanasio, que morreu em 373, tratando da confissão, exprimiu-se nestes termos: “Da mesma sorte que o homem batisado pelos sacerdotes é iluminado pelo Espirito Santo, assim o que confessã os seus pecados na penitencia, obtem o perdão pelo sacerdote”.

Lactancio, o célebre apologista, que foi denominado o **Cicero cristão**, deixou-nos este testemunho: "O destintivo da verdadeira Igreja é o uso da confissão e da penitencia, pela qual são remidos os pecados de nossa fragil natureza".

S. Cipriano, falecido nos meados do seculo III, censurava os que não queriam fazer penitencia pelos seus pecado se dizia: "Quanto mais louvaveis são os que, posto que não hajam sacrificado nem pedido bilhetes aos magistrados, (para não serem perseguidos como cristãos) contudo, porque tiveram somente o pensamento de o fazer, vêm confessar-se disto aos sacerdotes de Deus, com dor e simplicidade, e aliviam a sua alma do pêso de suas culpas". Noutra passagem, diz o grande doutor: "Confesse cada um os seus pecados, em quanto está nesta mundo, e a remissão, que lhe conceder o sacerdote, pôde ser aceita pelo Senhor".

Tertuliano e Origenes, quase da mesma época que S. Cipriano, deixaram-nos seus valiosos testemunhos, que aqui reproduziremos. Diz o primeiro: "Se nos arrependermos dos nossos pecados e os confessarmos não somente a Deus, mas também áqueles que podem dar-lhes o remedio, estes pecados serão perdoados".

O segundo declara: "Muitos evitam confessar os seus pecados, porque cuidam mais da propria honra que da salvação. Estes são semelhantes aos enfermos, que, tendo uma doença oculta, escondem ao medico o seu mal e se deixam assim morrer. Qual vos será mais conveniente, condenar-vos por esconder os vossos pecados, ou salvar-vos, declarando-os?" Afirma ainda que só aos padres se deve fazer a accusação dos pecados, porque só aos sacerdotes foi concedido o poder de absolver".

S. Clemente, de Roma, discipulo e sucessor de

S. Pedro, assim tratou da necessidade do sacramento da penitencia: “Em quanto estamos neste mundo, convertamo-nos de todo o nosso coração; porque depois que sairmos dele, não poderemos confessar-nos nem fazer penitencia”.

Em face dos numerosos e fidedignos testemunhos, que acabamos de aduzir, ninguém, em boa logica, poderá sustentar que a confissão foi inventada pelo clero católico.

* * *

Efeitos salutaes e graças especiais acham-se ligados ao tribunal da penitencia.

A confissão auricular, qual se pratica entre católicos, constitúe para a alma crente fonte inesgotavel de consolações.

Não ha quem possa dispensar, por completo, o desabafo junto a um amigo, a quem se abra a propria alma, nos momentos dificeis, nas horas sombrias, nos transes angustiosos da vida.

O espirito humano experimenta verdadeira sêde, pura ansia, de comunicar a outrem seus pesares, suas duvidas, suas tristezas.

A necessidade de expandir-se, de revelar segredos acabrunhadores, manifesta-se mui frequentemente.

Infelizmente, porém, não raro, as melhores amizades falham, justamente, nas ocasiões mais dificeis, nos momentos mais criticos.

Para remediar esta condição de nossa fragil natureza e para atender aos mais justos reclamos do coração humano, Jesus Cristo estabeleceu o tribunal da penitencia, onde a alma póde extravassar os pesares intimos, as dores secretas. E' aí que enxugam as lagrimas do coração e as chagas do espirito re-

cebem as gotas salvificas do balsamo divino, que conforta os animos abatidos.

Se o coração necessita de conforto e de alento, a alma precisa de luzes e de esclarecimentos.

Todos nós sentimos duvidas, que fazem perder a tranquillidade do espirito, que ocasionam angustias sem conta. As relações em sociedade, a vida em familia e a propria existencia privada apresentam certos pontos obscuros, encerram certas particularidades delicadas e situações embaraçosas, que perturbam a paz da consciencia e oferecem ensejos a inquietações profundas e acabrunhadoras.

Por mais réto que seja o individuo, por melhor que conheça os deveres do proprio estado e por melhores disposições que alimente, encontrará sempre algo duvidoso, que não poderá resolver por si mesmo.

E Jesus Cristo, que veio á terra trazer a paz aos **homens de bôa vontade**, deixou, na Igreja verdadeiro farol, que esclarece e ilumina as almas sedentas de verdade e de justiça. E' no tribunal da confissão, onde se dissipam as duvidas, se esclarecem pontos obscuros, se definem situações equivocadas. Basta somente que o confessando procure o sacramento da penitencia com as disposições convenientes.

Depois do conforto, que sustenta o coração, depois da luz, que aclara as verêdas da alma, o homem necessita do perdão, que tranquiliza a consciencia.

O mal praticado, o erro cometido e a injustiça feita deixam no espirito um sulco de tristeza mui profundo, um travo de amargor estiolante.

O homem sincero e verdadeiro, quando se sente culpado de qualquer falta e responsavel por qualquer delicto, experimenta a dor e confusão oriundas do reconhecimento da propria fraqueza.

Mais ainda. Ha certos males irreparaveis, prejuizos de tal ordem que não admitem compensação

alguma, nem material nem moral. E' então que o homem se sente execravel e mesquinho aos seus proprios olhos.

Por mais intensa que seja a dor, por mais sincero que seja o arrependimento, por mais profundo que seja o seu pesar, o homem não póde ter a certeza de haver recebido o perdão de Deus e de reabilitar-se perante a propria consciencia, que o proclama culpado.

Ainda uma vez a misericordia infinita teve piedade da fragilidade humana e estabeleceu no tribunal da penitencia o recurso necessario para o homem ter a certeza absoluta do perdão divino.

No momento em que o sacerdote ergue as mãos e diz: "Eu te absolvo", Deus, no céu, ratifica esta sentença e declara: "Eu te perdôo as tuas culpas".

Invento tão maravilhoso e tão benefico, como a confissão, sómente Deus o poderia crear.

* * *

Fala-se, em nossos dias, com a maxima insistencia, acerca da educação da vontade, da formação do caráter, do dominio de si proprio, da correção dos defeitos e de outras tantas cousas, que constituem a perfeição do individuo.

Educadores laicistas pretendem formar a sociedade e aperfeiçoar a individualidade humana.

Desconhecem estes reformadores modernos de quê tudo quanto propõem, como alta novidade, a Igreja o possui e põe em pratica, no sacramento da penitencia, ha longos seculos.

Conhecer a si proprio é cousa que os sabios e os oradores da antiguidade proclamaram como absolutamente necessario á quem desejar viver dignamente. Ora, o sacramento da penitencia, obriga-

do o fiel a examinar-se e penetrar bem dentro de sua propria consciencia, dá-lhe o perfeito conhecimento de suas virtudes e de suas fraquezas, facilitando, destarte a correção das falhãs do proprio character.

A delicadeza de consciencia é absolutamente necessaria e indispensavel aos que querem viver uma vida nobre e acima das miserias e fraquezas ordinarias, que se encontram na sociedade hodierna. A confissão incentiva e incrementa a delicadeza de consciencia, porque obriga o homem a recordar todos os deveres de estado e as obrigações a que está vinculado para com Deus, para com o proximo e para consigo mesmo.

A firmeza de character e o dominio de si proprio são qualidades morais que altamente recomendam áqueles que as possuem. Por isso não admira que se faça, hoje em dia, tanto alarde desses dotes morais. Ao passo que os educadores leigos recorrem á sugestão e a outros meios, a Igreja, no tribunal da penitencia, ensina o homem a vencer-se a si proprio, a dominar o orgulho e a conter as paixões desordenadas. Desse modo o penitente encontra aberta a escola da formação do caráter e da perfeição moral.

O sacramento da penitencia não transige, não pactúa com fraquezas morais, não concéde satisfações ilicitas, nem ao menos permite que pensamentos e afétos se liguem, voluntariamente, a cousas proibidas por Deus.

Não admira, pois, que haja tantos inimigos e tantos adversarios deste sacramento, que é, como verdadeira barreira, oposto ás ondas revoltas das paixões.

Seja-nos apenas permitido registrar aqui ligeira e simples observação.

Sempre que um católico praticante quer entregar-se á dissolução dos costumes e satisfazer os appetites desregrados, começa por abandonar o confis-

sionario, porque ele sabe que não póde obter a absolvição sacramental, vivendo em pecado habitual: a penitencia não se concilia com uma vida irregular.

Quando, porém, o homem, tocado pelo remorso de consciencia, deseja, firmemente e sinceramente, reparar os erros do passado e retornar ao bom caminho, volta a frequentar o tribunal da penitencia, que lhe facilita a regeneração.

Esta experiencia, verificada constantemente nos meios catolicos, oferece o melhor atestado e a prova mais convincente dos beneficios que a confissão presta aos individuos.

* * *

Apesar de administrado sob o mais inviolavel sigilo, o sacramento da penitencia presta os mais assinalados serviços á sociedade.

Sobre quatro grandes virtudes, como sobre bases, assenta o equilibrio social; a humildade, a pureza de costumes, a caridade e a justiça.

Da humildade procede o respeito á autoridade publica e ao patrio poder, que garantem a ordem.

Da pureza de costumes originam-se a santidade da familia, a inviolabilidade do lar e o respeito á dignidade humana. Os costumes puros formam as gerações fortes e respeitadas, segundo consta do testemunho da historia.

A caridade para com o proximo assegura a verdadeira fraternidade e faz que o homem saiba amar e socorrer a seus semelhantes, em que deve vêr seu igual e seu irmão.

A justiça, finalmente, é a mantenedora do equilibrio social e a força que impêle o homem a respeitar os direitos e a propriedade de outrem. Sem justiça não pode haver lei, ordem e progresso. A

própria vida perde suas garantias, quando falta a distribuição da justiça.

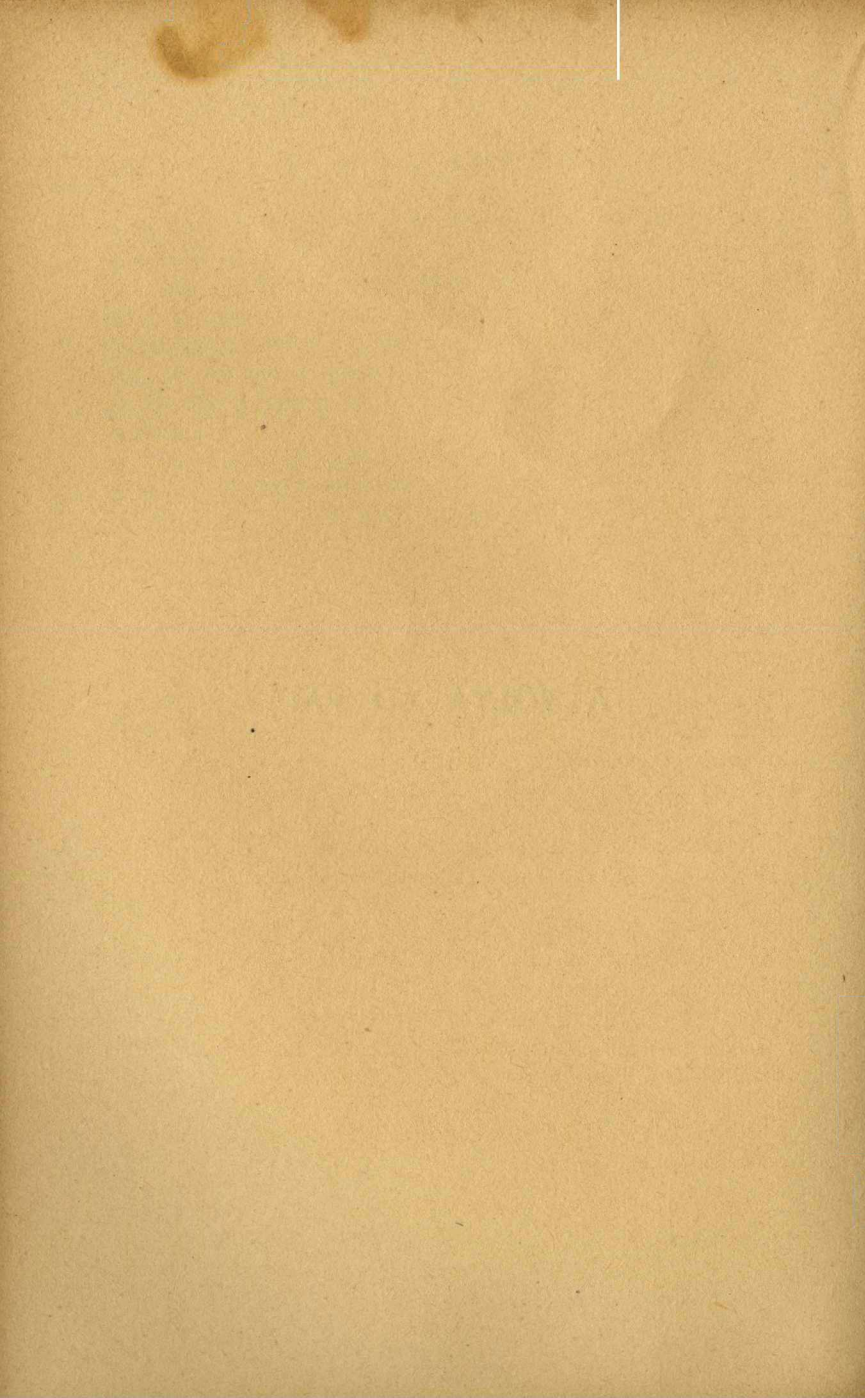
No confissionario oferece-se asado ensejo ao ensino destas virtudes e o ministro do perdão lembra ao homem todos os deveres de estado e emprega todos os esforços para que o penitente se desvie da senda do crime e do vicio, que degradam e que deshonram.

Se todos os que se confessam não se regeneram, por completo, é que não se aproximam deste sacramento com as disposições necessarias.

* * *

As blasfemias e os sofismas não resistem ás passagens evangelicas, ás tradições apostolicas, aos testemunhos dos fatos e aos salutaes feitos, que proclamam a origem divina do sacramento da penitencia:

A VOLTA AO PAI



A existencia terrena do Salvador do mundo, assinalada sempre por acontecimentos miraculosos, devia acabar por algo de extraordinario, que ficasse gravado na memoria dos povos.

E assim aconteceu.

O Verbo Eterno havia cumprido a missão que lhe fôra cometida sobre a terra.

Assumira a natureza humana para prégear a **bôa nova**, implantar o reino de Deus e resgatar, á custa do proprio sangue, a humanidade decaída, e estabelecer na terra, a sociedade santa dos predestinados á gloria eterna.

Em verdade Jesus podia exclamar: "Pai, eu te glorifiquei sobre a terra; consumêi a obra que me deste a fazer". (1)

S. Gregorio Magno assim resume e compendia a vida do Redentor: "Do céu veio ao seio da Virgem, do seio da Virgem ao presepio, do presepio á cruz, da cruz ao sepulcro, do sepulcro regressou ao céu".

Era mistér que assim acontecesse, porque o Filho de Deus devia receber a corôa e tomar posse do reino da gloria, que lhe pertencia por duplo titulo: a filiação divina e o direito de conquista sobre as potestades infernais.

* * *

(1) João, XVII, 16.

Depois da Ressurreição, Jesus passou entre os seus amados discipulos quarenta dias, durante os quais os confirmou na fé e lhes deu a certeza absoluta de que o Mestre havia surgido do sepulcro.

As frequentes e variadas aparições de Jesus Cristo foram destinadas a dissipar as duvidas e hesitações dos contemporaneos, de modo que as gerações futuras não pudessem estabelecer contestação séria acerca desse fáto averiguado de modo a não deixar margem aos sofismas.

Quarenta dias após as festas da Pascoa, Jesus appareceu aos Apostolos, que se achavam reunidos no Cenaculo de Jerusalém. Fez-lhes algumas recomendações e participou, pela ultima vez, de uma refeição com os seus intimos e familiares, conversou com eles, exhortando-os com paternal bondade.

Depois Jesus conduziu seus discipulos para fóra da cidade, para os lados de Betania.

Cerca de cento e vinte pessoas formavam o sequito do divino triunfador, que caminhou para o vale de Josafá, atravessou a torrente do Cedron e subiu pelas encostas do monte das Oliveiras, deixando á esquerda o jardim, que fóra o cenario da mortal agonia, na vespera da Paixão e Morte de Cruz.

Chegados ao cimo da montanha das Oliveiras, Jesus lançou um derradeiro olhar de amor aos entes queridos, que ficavam ainda peregrinando por este vale de lagrimas e de miserias. As vistas do Mestre abrangeram, de relance, o reino estabelecido sobre toda terra e a multidão inumeravel dos filhos de Deus, resgatados no Calvario.

Joelhos em terra e olhos voltados para a face adoravel do Senhor, a piedosa assembléa recebeu, mais uma vez, a benção de Jesus Cristo, que, pela força de seu divino poder se desprendeu da terra e tomou vôo direto para o céu. Viram-no todos ele-

var-se mais e mais, até que uma nuvem branca o envolveu, subtraindo-o ás vistas mortais.

* * *

O Antigo Testamento, que encerrava os símbolos e as profecias das humilhações do Messias, também encerrava os arcanos de glorificação do Verbo.

O Profeta-Rei, em linguagem pomposa, cantou as glorias da chegada do Filho de Deus aos céus.

Do mesmo modo que os anjos montaram guarda ás portas do paraíso terrestre, afim de que Adão prevaricador não pudesse mais penetrar no jardim de delicias; assim também as coórtes celestes acolheram triunfalmente o novo Adão, que acabava de resgatar a humanidade. As falanges angelicas montavam guarda á eterna Sion, quando ouviram as aclamações victoriosas das almas eleitas, que formavam o sequito brilhante de Jesus, vencedor da morte e do inferno.

O cortejo do Homem-Deus clamava, imperiosamente: “— Principes, abri as vossas portas; abri-vos, ó portas eternas, e entrará o Rei da gloria.

— Quem é o Rei da gloria?

— E’ o Senhor, responderam os santos, é o Deus forte e poderoso, é o Deus invencivel nas batalhas. Abri-vos, portas eternas, é ele, é o Deus das virtudes”. (2)

Este oraculo de Davi teve cabal cumprimento no dia glorioso, em que Jesus Christo deixou a terra e ascendeu aos tabernaculos celestes do Altissimo.

“E as portas do céu, escreve um autor, abriram-se e Jesus atravessou entre as fileiras dos exercitos

(2) Salmo 23.

celestiais, que, por sua vez, o aclamaram como a um chefe desde longo tempo esperado. Pelo Cristo, com efeito, é que as nossas adorações e louvores devem subir para o Eterno mais dignas de sua majestade santa; por ele também é que se encherão as lacunas abertas entre as suas fileiras com a queda dos máus anjos. Jesus entrou, pois, no Céu, tanto como Rei dos anjos, quanto como Rei dos homens". (3)

* * *

A Igreja católica celebra com especial solenidade e demonstrações de particular jubilo o dia glorioso, em que Jesus Cristo subiu ao céu, por sua própria virtude, em presença e á vista dos Apostolos e dos discipulos.

E' a festa da Ascensão do Senhor.

Esta celebração é antiquissima na Igreja; foi estabelecida pelas constituições apostolicas e, segundo Santo Agostinho, foi instituida pelos proprios Apostolos, desejosos de conservar sempre viva a memoria desse dia triumphal.

No dia da Ascensão, em nossos templos, apaga-se o cirio pascal, a fim de lembrar aos fieis que o Salvador, depois de ter permanecido pelo espaço de quarenta dias entre os discipulos, desde a sua Resurreição, deixou a terra para voltar ao céu.

* * *

Os comentadores dos misterios da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo apontam e enumeram três pode-

(3) P. Berthe — Jesus Christo, sua vida sua paixão, seu triumpho, Pag. 430.

rosos motivos, que justificam a Ascensão triunfante do Divino Mestre.

Em primeiro lugar, dizem, Jesus subiu ao céu para gozar, como homem, da gloria que mereceu pelos seus sofrimentos. Sacrificára a vida, derramára todo o seu sangue e suportára as humilhações supremas do patibulo da cruz.

Que gloria não mereceriam tão grande e tão atrozes sofrimentos?

A justiça divina devia chamar Jesus Christo ao céu para receber lá a merecida corôa. Sentado á direita do Pai, de posse do reino eterno, recebe ele as adorações dos espiritos bemaventurados, dos habitantes felizes da celeste Jerusalém.

Em segundo lugar, de acordo com o sentir dos escritores ecclesiasticos, Jesus subiu aos céus para preparar lá habitação e morada para os seus discipulos fieis. Ele mesmo o disse: “Na casa de meu Pai ha muitas moradas; vou-me a preparar-vos um lugar”. (4)

O Redentor devia subir ao céu por um terceiro motivo: ser nosso advogado junto ao Pai. Colocado ao lado direito do Altissimo, Jesus não cessa de orar e de interceder em nosso favor. Pede á justiça divina o perdão dos nossos inumeraveis pecados; implora o esquecimento de nossas ingratições; oferece seu sangue preciosissimo em satisfação dos nossos crimes; finalmente, ora sem cessar em prol de nossas necessidades temporais e espirituais.

* * *

A exaltação de Nosso Senhor Jesus Christo constitue para seus filhos motivo de grande jubilo e de

(4) João, XIV, 2.

grandes consolações e esperanças, porque o intercessor, que temos no céu, não descançará até que entre-mos na posse do reino da gloria eterna.

Entre as tribulações e trabalhos da miseravel vida terrena, a antevisão da bemaventurança futura oferece alivio e consolo para as maguas deste mundo.

Santo Agostinho faz este feliz paralelo: “Se a Ressurreição de Cristo é a nossa esperança, a sua Ascensão é a nossa glorificação”.

* * *

Jesus subiu aos céus, mas continúa ainda entre nós. Vive presente no sacramento do altar e móra em nós pela sua graça inefavel.

“O Filho de Deus, escreve celebre autor contemporaneo, está ainda entre nós, no mundo que quis libertar, atento ás nossas palavras, quando nascem do profundo da alma; ás nossas lagrimas, quando antes de serem uma agua amarga, nos nossos olhos, foram o sangue do nosso coração; hospede invisivel e benevolente que jamais nos abandonará, porque a terra, por sua vontade, é uma antecipação do Reino dos céus e desde então faz parte do céu. A rude terra, nutriz nossa, a esfera, ponto no infinito, mas contendo a esperança do infinito, foi conquistada por Cristo, permanecendo ele tão ligado a nós hoje, como quando comia o pão dos nossos campos. Nenhuma promessa divina pôde ser esquecida: as gotas da nuvem de Maio, que o escondeu, não reabsorveram ainda e, cada dia, levantamos os nossos olhos a este mesmo céu, para onde se ergueu e donde deve descer de novo, no tremendo brilho de sua gloria”. (5)

(5) Giovanni Papini — *Historia de Christo* — Tradução de Lindolfo Esteves. Pag. 422.

A PASCOA DE FOGO

Cincoenta dias eram passados, após a festa da Pascoa, comemorativa da saída do Egito. Era o dia em que os hebreus celebravam a solenidade de Pentecostes, instituida para recordar a inauguração da lei, promulgada no Monte Sinai. Por essa ocasião, ofereciam a Jeová as primicias das colheitas.

Havia dez dias que os Apostolos, após a ascensão do Senhor, se achavam recolhidos no Cenaculo, onde aguardavam a vinda do Paráclito, o Consolador prometido por Jesus.

Em oração e praticas de piedade, os amigos e asseclas do Divino Mestre, esperavam que o Espirito Santo descesse sobre eles.

E assim aconteceu.

Cêrca das nove horas da manhã, ouviu-se um grande estrondo e apareceram chamas, que, divididas em linguas de fogo, pousavam sobre as cabeças dos que compunham a piedosa assembléa.

Descera o Espirito Santo.

* * *

Que é o Espirito Santo?

O Espirito Santo é a terceira pessoa da Santissima Trindade, verdadeiro Deus, como o Padre e o Filho.

Em varios livros das Sagradas Escrituras encontramos passagens claras e insofismaveis, que se referem á terceira pessoa da Santissima Trindade.

Os comentadores das letras sagradas encontram afirmações da existencia de um só Deus em três pessoas nos livros do Genesis, do Exodo, dos Numeros, em Isaias, no livro da Sabedoria, em Daniel, nos Proverbios e em diversos outros profetas.

No Novo Testamento, as manifestações da Trindade tornaram-se mais claras e as afirmações de Nosso Senhor Jesus Cristo a esse respeito são categoricas. Em varios passos do Evangelho, encontram-se franca e especialmente, nomeadas as três pessoas augustissimas e a distinção entre as mesmas é manifesta e evidentissima.

Não poucas vezes o Messias fez menção e prometeu, formalmente, a vinda da terceira pessoa da Santissima Trindade, para consolar e iluminar os discipulos e fieis da Igreja nascente.

No Evangelho de S. João, em particular no capitulo XIV, ha afirmações tão explicitas, que para sofisma-las ou arranca-las do texto geral, seria preciso rasgar tudo quanto a Aguia de Patmos escreveu.

A pregação dos Apostolos, que veio completar o anuncio e o advento da **Bôa Nova**, veio confirmar a personalidade distinta do Pai, do Filho e do Espirito Santo. O grande misterio da Trindade foi afirmado e ensinado pelos continuadores da pregação messianica.

No livro dos Atos dos Apostolos ha a descrição do Paráclito, conforme Jesus prometera.

A tradição e a praxe geral da Igreja, antes e depois do célebre concilio de Nicéa, confirmam a crença na unidade e na trindade das pessoas divinas.

Este dogma acha-se tão fundamentalmente radi-

cado no cristianismo primitivo que é impossivel negar a sua revelação pelo proprio Deus.

* * *

O Espirito Santo desceu sobre o Cenaculo como um globo de luz vivissima, que se dividiu em linguas de fogo. Fogo suavissimo, que não queimava, antes inundava o coração de inefavel alegria, fogo celeste, sobrenatural, que produziu nos circunstantes efeitos salutaes, decisivos e perênes.

O fogo natural tem a propriedade de purificar, iluminar e transformar as substancias. E' por meio do fogo que se fundem os metais expurgando-os das escorias, que os desvalorizam. E' o fogo o grande produtor da luz e da claridade, que alegam a nossa existencia. E' ainda esse elemento o grande transformador das substancias materiais.

Esses maravilhosos efeitos o Espirito Santo produziu sobre os que estavam congregados no Cenaculo.

Uns poucos ignorantes pescadores do mar da Galiléa tornaram-se abalisados teologos e profundos filosofos. Timidos discipulos, que se trancavam em casa, por causa do temor que lhes infundiam os judeus, saíram imediatamente á arena do combate e, em plena praça publica e no recinto das sinagogas, lançaram em rosto dos mesmos judeus o crime horrendo do deicidio. Humildes filhos da plebe, que mal se expressavam no idioma de seu povo, falavam em todas as linguas e faziam-se compreender por ouvintes de todas as nacionalidades.

Essa transformação estupenda, que maravilhou os mais encarniçados inimigos do Evangelho, foi obra do Espirito Santo, que baixara sobre os Apostolos e

discipulos, que oravam, em companhia da Virgem Santissima, no Cenaculo de Jerusalém.

* * *

O Espirito Santo foi enviado pelo Pai Eterno e pelo Filho para vivificar e fecundar a Igreja. E' ele quem a governa, inspira e sustenta, para que a religião de Jesus Cristo seja infalivel nos seus ensinamentos, fecunda em santos e boas obras e invencivel contra todos os assaltos dos inimigos.

A santificação das almas, como todas as obras exteriores de Deus, é comum ás três pessôas da Santissima Trindade; apesar disso a santidade é especialmente atribuida ao Espirito Santo, porque Ele é o amor reciproco do Pai e do Filho, e a perfeição cristã consiste na difusão do amor divino nos corações humanos.

A terceira pessôa da Trindade recebe muitas vezes e com justiça o nome de Espirito Vivificador, porque, de fâto, constitúe a vida da sociedade fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Habita nas almas em estado de graça como em seu proprio templo, confere-lhes a vida sobrenatural, do mesmo modo que a alma é o principio da vida corporal. Pode dizer-se que, se o homem se compõe de alma e corpo, o cristão é composto de corpo, alma e Espirito Santo.

O Paráclito confere aos fieis a vida sobrenatural e lhes facilita a pratica de boas obras e applica aos membros da Igreja os meritos da Paixão e Morte do Filho de Deus.

* * *

Diante da inyasão do erro, da dissolução dos costumes e do arrefecimento da crença, talvez alguém julgue que o Espirito Santo deixou de atuar na Igreja.

Puro engano. Erro manifesto. Hoje, como na **Pascoa de Fogo**, em Jerusalém, a terceira pessoa da Santissima Trindade não cessa de atuar no seio da cristandade, iluminando as inteligencias, movendo as vontades, corrigindo o erro e difundindo a verdade.

O que falta, em nossos tempos, é a correspondencia aos influxos divinos e ás graças sobrenaturais.

Falta respeito á autoridade, que nos fala; docilidade ao mestre, que nos instrúe; atenção ao amigo, que nos aconselha...

No turbilhão estonteante da vida moderna, tão intensa e tão sobrecarregada de occupaões, as almas não escutam a vóz interior, que fala no recesso das consciencias...

Por isso o autor do livro da **Imitação de Cristo** chama bemaventurados os que se desligam do mundo e só prestam atenção ao que é de ordem sobrenatural.

Falta obediencia ao espirito de Deus; docilidade ás inspiraões da graça; submissão aos imperativos da consciencia.

* * *

Leão XIII, em uma de suas memoraveis enciclicas, queixava-se, amargamente, de que “os cristãos, em geral, conhecessem muito pouco o Espirito Santo. Servem-se muitas vezes do seu nome nos exercicios de piedade, mas a sua fé está envôlta em espessas nuvens”. (1)

Infelizmente, ainda em nossos tempos, esta censura do pai comum da cristandade, não deixa de ser oportuna.

* * *

(1) *Divinum illud munus*. — 9 de maio de 1897.

Apesar de tudo e de todos, a despeito da audacia dos inimigos e das infidelidades dos proprios católicos, a Igreja continúa firme, de pé.

E' que não cessou, não cessa, nem cessará jamais a assistencia do Espirito Santo.

O PRIMADO DE PEDRO

Jesus Cristo instituiu sua Igreja sob a forma de uma sociedade visível, destinada a reunir todos aqueles que abraçassem a luz da revelação e recebessem a doutrina do Evangelho.

Toda sociedade requer, necessariamente, um poder centralizador, e unificador, que coordene as atividades e contenha a dispersão das energias. Do contrario, desaparecerá a associação e teremos apenas individuos sem traço algum de sociabilidade.

O que se diz das comunidades humanas, applica-se tambem ás coletividades religiosas, onde se manifesta a tendencia dispersiva dos egoismos e das opiniões pessoais.

Fundando uma sociedade, Jesus havia de fundar uma sociedade perfeita, como perfeitas são todas as suas obras. Não póde faltar á sociedade cristã o ponto de apoio e o centro de unidade, que é a ordem hierarquica, chefiada pelo sumo pontifice, vigario de Jesus Cristo, sucessor de S. Pedro, — o Papa.

Esta verdade elementar, e sumamente de accordo com as tendencias humanas, acha-se contida nos santos Evangelhos; foi aceita pela Igreja desde os tempos primitivos e, até nossos dias, continúa a ser admitida pelos católicos do mundo inteiro.

Em vão os inimigos da religião católica investem contra a rocha de Pedro e procuram negar ou de-

turpar o sentido das palavras divinas; o dogma do primado de Pedro, sobre o collegio apostolico, continúa a impôr-se á consciencia cristã.

* * *

Depois de annunciar a **bôa nova** pelas paragens da Galiléa, nas vespervas de retornar á cidade santa de Jerusalém, o Divino Mestre, congrega seus discipulos, em Cesaréa de Filipe, e faz-lhes a revelação de sua divindade.

Jesus interpelou os ouvintes:

“— Que dizem por aí do Filho do homem?”

Os Apostolos citam as versões correntes entre o povo acerca do Messias.

“E vós quem dizeis que eu sou?” perguntou Jesus.

E Pedro, divinamente inspirado, toma a palavra e declara:

“Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo”.

A' confissão publica e solene da divindade do Mestre, Jesus replicou:

“Bemaventurado és tu, Simão, filho de Jonas, pois a carne e o sangue não foram os que te revelaram quem eu sou, mas meu Pai, que está nos céus. E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo que ligares na terra será ligado no céu, e tudo que desligares na terra será desligado no céu”. (1)

Recordando o dia memoravel, em que Jesus cons-

(1) Mateus, XVI, 16 - 19.

tituiu a Pedro chefe e fundamento da Igreja, que é o reino de Deus neste mundo, escreve um autor:

“E prometeu (Jesus) que esta Igreja, edificada sobre aquella rocha indestrutivel, ficaria de pé, não obstante todas as potencias do inferno contra ela conjuradas. Esta segurança foi por Jesus de Nazaré dada a Pedro, o pescador do lago, um dia em que viajavam juntos pelos suburbios de Cesaréa de Filipe. E que de montões de ruinas desde que estas palavras foram proferidas! Filipe com o seu principado, e Tiberio com o seu imperio não são mais do que umas recordações. A famosa Cesaréa desaparece sem deixar vestigio; apenas umas tantas pedras, enterradas na areia do deserto, relembram aos caminhantes que ali se elevava, noutras eras, a capital de um reino. De seculo em seculo desabam os imperios, uns após outros; e só o Reino de Pedro subsiste com o seu chefe, em virtude daquela promessa: “As portas do inferno nunca prevalecerão contra ela”. (2)

* * *

Em diversas circumstancias da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pedro toma parte saliente como amigo particular do Mestre.

No monte Tabor, no ato glorioso da Transfiguração, lá estava Pedro, como testemunha da exaltação do Filho de Deus. Igualmente, no horto de Getsemani, assistiu ás agonias indiziveis do Redentor.

Foi da barca de Pedro que Jesus dirigiu as palavras da vida ás turbas que acampavam ás margens do lago.

(2) R. P. Berthe — Jesus Christo, sua vida sua paixão, seu triumpho.

Depois da pesca miraculosa, Jesus declarou a Pedro: "De agora em diante serás pescador de homens".

A Pedro concedeu Jesus o poder de caminhar sobre as aguas. O mesmo Apostolo teve o privilegio de pagar o imposto por si e pelo Mestre. Era ele que interrogava a Jesus em nome dos outros discipulos.

Os evangelistas, sempre que enumeram os discipulos e amigos de Jesus, conferem a Pedro a primazia e o logar de honra sobre todos os outros.

Segundo lemos em S. Lucas, Jesus orou em particular em favor de Pedro, afim de que ele não desfalecesse na fé. (3)

Em toda a narrativa evangelica Pedro desempenha papel saliente, ocupando o primeiro logar entre seus pares.

* * *

A promessa formal, que Jesus havia feito nos arredores de Cesaréa de Filipe, não podia deixar de ser cumprida.

Efetivamente, após a ressurreição, prestes a voltar para o Pai, Jesus exigiu do chefe do collegio apostolico uma triplice confissão de amor, para apagar as três negações feitas por Pedro no pateo do pontifice.

Sómente a Pedro Jesus dirigiu estas palavras, que o Evangelho regista:

"Apascenta as minhas ovelhas".

Aos Apostolos Jesus conferiu o pastoreio dos

(3) Lucas, cap. XXII, 32.

cordeiros, isto é, do comum dos fieis; a Pedro investiu do mando sobre as **ovelhas**, isto é, daqueles que geram almas para a vida eterna. A Igreja forma o **rebanho** de Jesus Christo e este rebanho está sob a guarda vigilante de Pedro, a quem compete cuidar de todos os resgatados no Calvario.

Foi este o sentido que a Igreja inteira sempre atribuiu ás citadas palavras do Redentor.

* * *

Além dos Evangelhos, que narram a vida do Divino Mestre, no livro dos Atos dos Apostolos, que história os começos da Igreja, encontramos documentos comprobatorios da primazia conferida a Pedro.

Foi este Apostolo, quem convocou e presidiu a assembléa, que elegeu São Matias para ocupar o lugar de Judas. Foi ele, igualmente, o primeiro a pregar o Evangelho aos judeus e quem recebeu o dom de batizar Cornelio, abrindo assim aos gentios as portas do reino de Deus. Pedro castigou a mentira de Ananias e de Safira; confundiu Simão Magno; vindicou, perante os juizes de Israel, o direito de pregar a religião de Cristo e, em testemunho de sua missão, opera o primeiro milagre.

Estes fatos, por si sós, bastariam para atestar que Pedro era, realmente, o chefe da Igreja e dos Apostolos.

Ha, no entanto, um acontecimento de transcendente importancia, que revela a ascendencia de Simão Pedro sobre os seus companheiros de apostolado.

No seio da Igreja nascente, surgiram serias controversias acerca da observancia dos ritos da lei mosaica e da admissão dos gentios ao batismo. Estas questões, de vital importancia, poseram em perigo a paz da comunidade cristã.

Em circumstancias tão delicadas e numa situação tão difficil, vemos Pedro usar de sua autoridade, no concilio de Jerusalém, para resolver as questões que agitavam os espiritos. (4) -

A' voz de Simão Pedro, cessaram as disputas e voltou a paz á assembléa dos filhos de Deus.

* * *

Através dos seculos, encontramos a interpretação legitima e a applicação racional das passagens evangelicas e das tradições apostolicas.

Os livros dos doutores da Igreja, os manuais liturgicos, as assembléas gerais, em todos os tempos, reconheceram e proclamaram o primado de Pedro sobre seus irmãos de apostolado, primado este transmitido aos bispos de Roma, sucessores directos do vigario de Jesus Cristo.

Os vultos mais notaveis do pensamento cristão, publica e abertamente, muitas vezes, admitiram e defenderam a supremacia de Pedro e de seus successores sobre a Igreja.

Entre os escritores orientais, que defenderam o primado pontificio dos bispos de Roma, podemos citar: Origenes, Epifanio, Gregorio Nazianzeno, Gregorio Nisseno, Cirilo de Alexandria, Nilo, Teofilato e João Crisostomo. Entre os latinos: Tertuliano, Cipriano, primaz da Africa, Agostinho de Hipona, Ambrosio, Jeronimo, Maximo, Optato de Milevio e Leão Magno. Entre os padres da Siria, citamos o grande Efrem.

A's vozes individuais desses luzeiros da Igreja

(4) Atos dos Apostolos, XV.

de Deus, vêm juntar-se as declarações formais e expressivas dos concílios gerais, reunidos em Efeso, Calcedonia, Nicéa, Lião, Constança e Florença, que afirmaram, sem discrepâncias e sem vacilações, o primado de Pedro.

Jesus Christo deu á Igreja, por Ele fundada, a missão de pregar a verdade e ensinar os dogmas e os preceitos, que constituem os elementos fundamentais da justiça.

A Igreja recebeu o direito de anunciar a *bôa nova* e conduzir, ao redil do Mestre, as ovelhas desgarradas de Israel. E esta sublime missão tem sido levada a efeito desde os primeiros dias do cristianismo até hoje.

Para o perfeito adimplemento da finalidade da Igreja é mistér que exista um **magisterio infalível**, que guarde a pureza da verdadeira doutrina e não permita que mude ou se corrompa o ensino que os fieis recebem. Alem disso, se não houvesse o **magisterio infalível**, seria impossivel manter-se a unidade do ensino, havendo ainda risco da Igreja afastar-se das fontes da revelação e induzir os cristãos ao erro e á mentira.

Felizmente, porém, tas perigos não existem, pois, Jesus, prestando assistencia perêne á Igreja, concedeu a Pedro e a seus legitimos sucessores o privilegio da infalibilidade, quando se trata de definir as verdades, que devem ser ouvidas, e os preceitos, que devem ser praticados.

Por ignorancia ou má fé, alguns confundem impecabilidade com infalibilidade, que são cousas muito diversas.

O Papa é infalível quando fala **ex cathedra** ou profere definições dogmaticas, no exercicio da chefia espiritual do rebanho de Jesus Christo.

Objeto primario do **magisterio infalível** são as

verdades de fé e as regras de moral; as verdades de ordem natural só, secundariamente, podem relacionar-se com as definições da cadeira de S. Pedro.

* * *

Os católicos estão obrigados, não somente a admitir estes principios doutrinaes e estas verdades dogmaticas, mas devem proceder de acordo com a crença que professam.

Amor, respeito e veneração á pessoa augusta do Santo Padre constituem sinais distintivos do verdadeiro católico.

Do Papado recebemos inestimaveis dons, incalculaveis beneficios, como sejam: a integridade da doutrina, a unidade da crença e a segurança da consciencia.

O trono de Pedro é o centro que irradia para o mundo inteiro a verdade, a justiça, a santidade e a civilização.

Após o milagre de Pentecostes, os Apostolos, plenos do Espírito Santo, sentiram-se inteiramente transformados; começaram então a falar diversas linguas, conforme lhes permitia a inspiração divina.

A efusão miraculosa da graça sobrenatural, que conferia aos Apostolos o dom das linguas, não podia passar despercebida e, dentro em pouco, os anunciantes da **bôa nova** viram-se cercados de imensa multidão, sequiosa de escutar os oráculos do Espírito Santo, que falava por intermedio daqueles homens simples, mas possuidos da inspiração divina.

Os ouvintes dos Apostolos não se contiveram sem que dissessem: "Não são todos estes homens Galileus? Como succede que os ouçamos falar as linguas dos diversos países em que nascemos? Ha, entre nós, Partos, Médos, Elamitas, Judeus, Capadocios, habitantes da Mesopotamia, da Asia, do Ponto, da Frigia, da Pamfilia, do Egipto, da Cirenaica, Romanos, Cretenses e Arabes; e todos nós os ouvimos celebrar, em nossas linguas, as maravilhas de Deus!"

Como não houvesse quem explicasse semelhante prodigio, alguns judeus, obstinados no odio ao Messias, procuraram explicar o extranho prodigio, attribuindo-o á embriaguez.

Deste miseravel insulto, tirou Pedro a oportunidade de dirigir um discurso á turba, que o cercava.

**A PREGAÇÃO DOS APOSTOLOS E A
DIFUSÃO DO EVANGELHO**

“Varões da Judéa e todos os que habitais em Jerusalém, disse o chefe do collegio apostolico, ouvi minhas palavras: Não; o que presenciais não é efeito da embriaguez, mas a realização das antigas profecias. O Senhor Deus disse: “Nos ultimos dias, derramarei o meu espirito sobre os meus servos.” vós sois depositarios desta profecia e a vêdes cumprida. Varões israelitas! ouvi... Deus confirmára entre vós a Jesus Nazareno, com virtudes e prodigios, que operou por Ele, em meio de vós. Não obstante isso, vós tirastes-Lhe a vida, crucificando-O por mãos iniquas; mas Deus O ressuscitou. E’ este Jesus, que Deus ressuscitou, e de que nós somos testemunhas, que derramou sobre vós o Espirito Santo, e é o Espirito Santo que opéra e fala em nós”. (1)

As palavras do Apostolo abalaram os corações de muitos israelitas sinceros, que se mostraram prontos a receber a nova doutrina e perguntaram o que deviam fazer.

“Fazei penitencia, disse-lhes Pedro, e receba o batismo cada um de vós”. Obtereis, desse modo, o perdão dos vossos pecados e os dons do Espirito Santo, segundo foi prometido a vós e a vossos filhos e aos estrangeiros e a todo o que Deus se dignar de chamar a Si”.

Depois de desenvolver, largamente, as provas da missão divina de Jesus, Pedro converteu três mil homens, que receberam o batismo.

Estava fundada a cristandade de Jerusalém. Estavam lançados os fundamentos da Igreja de Jesus Cristo.

* * *

(1) Atos dos Apostolos, II.

Poucos dias depois desta primeira prédica ao povo, Pedro e João subiram ao templo, afim de tomarem parte nas orações publicas.

A' porta, dita **Especiosa**, estava sentado um homem, que era côxo de nascença, e esmolava. Quando passavam os Apostolos, o mendigo estendeu-lhes a mão, implorando auxilio.

“Olha para nós, disse Pedro; não tenho ouro nem prata; mas o que tenho te dou. Em nome de Jesus Christo Nazareno, levanta-te e anda”. E, ao mesmo tempo, Pedro tomou o paralitico pela mão e levantou-o.

Este milagre provocou grande ajuntamento de povo e Pedro aproveitou-se da oportunidade para anunciar a doutrina de Jesus e prégar o Evangelho.

“Homens de Israel, disse Pedro, estais olhando para nós com admiração, como se por nosso proprio poder houvessemos curado este homem; mas enganai-vos por completo. O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus dos nossos pais fez este milagre para glorificar Jesus, aquele Jesus que vós entregastes a Pilatos e fizestes condenar, ao passo que este O queria pôr em liberdade. E vós ao Santo de Deus preferistes vil assassino; déstes a morte ao Autor da vida, mas Deus O ressuscitou; disto somos nós testemunhas. A fé no seu nome é que fortaleceu os pés deste homem, que tendes diante de vós”.

O ruido, que estes acontecimentos ocasionaram, e as conversões, operadas pela pregação dos Apostolos, inquietaram seriamente os principes da sinagoga, que procuram deitar mão sobre os discipulos do Crucificado.

Começou então encarniçada perseguição contra os fieis. Disso a Providencia se serviu para levar o Evangelho aos confins do mundo.

Iam cumprir-se aquellas palayras do Divino Mestre: "Recebereis a virtude do Espirito Santo, que descerá sobre vós e sereis testemunhas de mim em Jerusalém e em toda a Judéa e Samaria e até as extremidades da terra". (2)

* * *

Grandes vitorias e extraordinarios triunfos Deus reservára á Igreja nascente.

Na estrada de Damasco, o poder divino abateu e prostrou em terra áquele que deveria ser o Apostolo das gentes. Saulo, que respirava iras e ameaças contra os servos de Jesus, abriu os olhos á verdade e tornou-se um dos seus mais ardentes e operosos propagadores.

"A conversão e instrução de S. Paulo, escreve um autor, devidas á intervenção visivel de Jesus Cristo, são a ultima obra, que o Senhor fez, por assim dizer, pessoalmente. Por meio deste milagre, mais admiravel do que a ressurreição, deu o Filho de Deus ao mesmo tempo á sua Igreja, não só o maior dos seus doutores, senão tambem a mais irrecusavel das suas testemunhas. A inteligencia nada póde opôr ao testemunho de S. Paulo, tocando a plena verdade da historia evangelica.

Este não é um simples ignorante, que pudesse ser enganado pelas apparencias de prodigios ou subjugado pelo encanto e ascendente de uma natureza superior, nem de um homem, que crêsse de leve no que ouvia contar, nem um filosofo a quem a sedução do pensamento levasse ao mundo ás idéas, que havia concebido.

(2) Atos dos Apostolos, I. 8.

E' um contemporaneo, um sabio, um doutor da lei, um fariseu, um inimigo. Resistiu aos milagres e á palavra candida e cordial de Pedro, á ciencia e á eloquencia de Estevam, e ás perturbações do seu proprio coração, tão grande e generoso. Nem o sangue dos martires o converteu, nem as lagrimas dos fieis o moveram. Humanamente, nada tinha que ganhar, e tinha tudo que perder, fazendo-se cristão. E' derribado; a formosura glorificada de Jesus passa-lhe ante os olhos como um relampago, aprende o que queria ignorar, levanta-se o contrario do que era, e incorpora-se áqueles que ia proscreever". (3)

Transformado, por completo, aquele coração e esclarecida aquela inteligencia superior, Saulo mudou-se em Paulo, o Apostolo dos gentios.

* * *

Depois de três anos de perseguições sangrentas, a Igreja respirou alguns dias de paz e tranquillidade.

No livro dos **Atos dos Apostolos**, encontramos as missões e conversões operadas pelos emissarios do Divino Mestre. Em dois anos, apenas, a verdade evangelica fôra annunciada aos povos da Palestina, Siria, Ponto, Capadocia, Bitimia, Galacia e outras provincias da Asia Menor.

A segunda perseguição contra os cristãos, foi movida por Agripa, foi o meio providencial de que Deus se serviu para estender a todas as gentes e a todos o Reino dos Céus.

Mesopotamia, Libia, Etiopia, Armenia, India, Fri-

(3) Louis Veuillot — **A Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.**

gia, E'feso, Macedonia e a Grecia receberam os ensinamentos da verdade, e Pedro, deixando a séde de Antioquia, foi levar á Roma dos Cesares o nome e a doutrina do Crucificado.

* * *

Ao Apostolo S. João, o **discipulo a quem Jesus amava**, estava destinado a pregar o Evangelho e revelar os misterios de Jesus á alma grega, alma propensa ás sutilezas e quiméras.

S. João escreveu o seu Evangelho como palestiniano, que narra o que viu, testemunhou e observou. (4)

As primeiras palavras da primeira epistola deste Apostolo revelam, bem claramente, os intuitos, que o levaram a escrever a historia da vida terrestre do Divino Mestre. Com efeito, diz ele: "O que foi desde o principio, o que com os nossos olhos contemplámos, e as nossas mãos tocaram, do Verbo da vida; porque a vida se manifestou, nós a vimos e damos testemunho dela, e a anunciamos; a vida eterna, que estava no Pai, e se nos mostrou; o que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos, para que vós tambem tenhais comunhão conosco, e a nossa comunhão seja com o Padre e com o seu Filho Jesus Cristo". (5)

Estas palavras de uma como introdução revelam a finalidade do IV Evangelho: mostrar na pessoa de Jesus Cristo a manifestação do Verbo, luz e vida do mundo. Certo que os Sinoticos e os escritos de S. Paulo já haviam revelado o carácter da missão do Filho de Deus, neste mundo. S. João veio juntar os

(4) Joseph Huby — **Christus** — Gabriel Beauchesne, Editeur — Paris.

(5) I S. João, I, 1 e seguintes.

tezouros de suas observações pessoais e de suas inspirações sobrenaturais ao que os outros Apostolos tinham anunciado.

O discípulo, que reclinára a cabeça no peito do Divino Mestre, bebeu na fonte da ciencia infinita, luzes que ainda hoje ofuscam os olhos protanos dos que o lêem por méra curiosidade. As paginas do **Apo-calipse**, onde a doutrina e as profecias se entrecruzam, encerram sublimes verdades, que só no decorrer dos seculos se desvendarão.

* * *

As potestades do inferno não podiam sofrer caladas as vitorias da cruz de Cristo. E, na impossibilidade de dar a morte ao que ressuscitára ao terceiro dia, atiraram-se, com insano furor, contra os mensageiros da **bôa nova**.

Dos Apostolos, somente S. João morreu de morte natural; os demais pereceram violentamente, ás mãos de algozes e carrascos.

As ondas de sangue rubro e generoso, derramado em confissão da verdade, suscitaram legiões de martires e de confessores, que abraçaram a lei de Jesus Christo.

São Paulo, que era cidadão romano, foi decapitado em Roma, no ano 67 da éra cristã. Sua morte teve logar no caminho de Ostia, que era a grande estrada, que conduzia a Roma, metropole do mundo pagão, convertida por São Paulo em capital da Igreja.

S. Pedro foi crucificado e crucificado de cabeça para baixo.

Faz dezenove seculos, que tal aconteceu e, até hoje, fieis do mundo inteiro vão prostrar-se ante o altar, que guarda os despojos mortais do primeiro Papa.

Na Basilica Vaticana, a piedade cristã gravou aquelas palavras de Jesus: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela".

* * *

A prégação triunfal dos Apostolos e a propagação mirífica do Evangelho constituem milagres de primeira ordem. Somente o espirito deformado pelos preconceitos poderá tentar explicar naturalmente tais fatos.

Se as causas naturais não explicam suficientemente o estabelecimento do cristianismo sobre a terra, menos ainda explicam a conservação da Igreja através dos seculos.

E' manifesto que a religião cristã estava, naturalmente, condenada á morte, desde o seu nascimento, a não ser que a intervenção divina a sustentasse e conservasse.

Ligeiro golpe de vista sobre a historia da humanidade, durante dezenove seculos de civilização cristã, basta para fazer avultar as lutas e as crises, que o cristianismo teve de vencer.

Depois de três seculos de perseguições sangrentas, vieram as heresias e os cismas, que tentaram dividir e retalhar o Reino de Deus. As transformações politicas e sociais dos povos, juntamente com a evolução dos sistemas filosoficos, destruiriam a Igreja, do mesmo modo que assinalavam o ocaso de poderosos imperios e de florescentes nações. O contrario foi o que sucedeu á religião cristã. Ao passo que todas as instituições humanas cederam logar á ação destruidora do tempo, a Igreja soube tirar vida nova e nova seiva daquilo que parecia constituir germe de morte.

A' penetração da verdade evangelica faltavam todos os recursos humanos, que lhe poderiam assegurar feliz exito: as riquezas materiais, o favor publico, o valimento dos poderosos, o prestigio do saber e a força das armas. A' mingoa destes recursos todos a religião do Crucificado conseguiu implantar-se e vencer.

Mais ainda. A Igreja não somente subsistiu a todos os golpes contra ela desferidos, mas se tem conservado substancialmente a mesma, quer nos dogmas e no culto, quer na disciplina e nos costumes.

Sem concessões aos interesses dos potentados, sem contemplos com as fraquezas do publico, a Igreja tem sabido adaptar-se a todas as necessidades do tempo, sem sacrificar cousa alguma do que lhe era essencial e proprio.

Podemos rematar com o dilema de Santo Agostinho: "Ou a religião de Jesus Christo superou somente á custa de milagres, todos os obstaculos, e, neste caso, é força reconhece-la como divina; ou ela se estabeleceu sem milagres e, nesta hipotese, a conversão do mundo seria por si só o maior de todos os milagres".

O CRISTIANISMO E A CIVILIZAÇÃO

O sangue de Cristo, derramado do alto do madeiro infamante do Calvario, trouxe á humanidade beneficios incalculaveis, de que ainda hoje usufruimos.

No mundo antigo, na meia idade e nos tempos modernos, as maiores e melhores conquistas da humanidade partiram do Evangelho, que suavizou os costumes e transformou a vida social.

Os fatos dizem bem alto da grande revolução operada no mundo, após a morte de Jesus.

A morte de um Deus foi o sinal da libertação do homem, que aprendeu a ser casto, manso, humilde e pobre, sempre resignado aos decretos da Providencia.

O Crucificado suscitou e continúa a suscitar através dos seculos, legiões e legiões de apóstolos, que prégam o seu Evangelho; de martires, que proclamam a sua divindade; de virgens, que lhe consagram toda a existencia.

O suplicio capital, que levou Jesus á lastima do Calvario, apagou os pecados do mundo e abriu o caminho que milhares de almas generosas sabem trilhar, no meio do egoismo e da sensualidade dos tempos de transição e decadencia.

Em nossos dias, vemos, a cada passo, esta grande realidade: os que fitam o Cristo e procuram reproduzir em sua vida moral os traços principais do

Redentor do mundo, estes se transformam a olhos vistos, sabem amar aos seus semelhantes, desprezam as riquezas e vaidades terrenas, crucificam as proprias paixões e concupiscencia, e elevam-se acima da vulgaridade dos contemporaneos. Os que ignoram e desconhecem o misterio do Golgota permanecem apegados ao orgulho e á sensualidade e rastejam entre as miserias desta vida corrutivel.

Tudo que de sublime, de grande e de generoso se encontra no mundo tem sua origem na verdade cristã e no exemplo sublime que Jesus nos deixou.

* * *

O espetaculo de decadencia moral, que a sociedade romana oferecia ao tempo do advento do cristianismo, era verdadeiramente contristador. Ao fastigio exterior, ao prestigio militar do imperio, ao progresso das letras e das artes correspondia lamentavel decadencia dos costumes.

A deordem moral começava na propria religião.

Trinta mil deuses, segundo o catalogo de Varrão, eram oficialmente reconhecidos pelos romanos, que associavam á corrupção dos senhores, do Olimpo a todas as superstições e a miseria da corrupção do povo. O proprio culto admitia ceremonias e solenidades degradantes para a especie humana.

As relações entre os membros da sociedade regiam-se pelas célebres palavras de Cesar: "A humanidade é uma presa que pertence ao mais forte".

Verdadeiros monstros subiam ao trono imperial e vestiam a purpura. Elevados ao supremo poder, estes tiranos não se pejavam de cometer todas os crimes e praticar todas as baixezas. E o senado, diante de tantos atentados, conferia honras divinas aos imperantes e sacrificava-lhes vitimas humanas.

Tiberio, Caligula, Claudio, Nero e outros imperadores de igual estofa receberam as adorações dos senadores e dos nobres de Roma.

Os filosofos e os moralistas falavam de virtudes, mas ninguem lhes dava credito nem acreditava nas belas palavras, que acobertavam, não raro, procedimento indigno.

Seneca, preceptor de Nero, escrevia lindos tratados sobre o amor da justiça, o desprezo dos bens temporais e o perdão das injurias. E, apesar dos belos ensinamentos que traçou, em quatro anos de favoritismo do imperador, adquiriu uma fortuna, que ainda hoje, seria verdadeiramente formidavel. Nem uma vez sequer dirigiu a mais leve recriminação ao imperial discipulo.

Para conciliar a estima da plebe e satisfazer aos caprichos do populacho de Roma, os senhores do mundo faziam correr em torrente o sangue das inocentes vitimas das crueldades dos cesares.

A condição dos escravos era a que havia de mais miseravel e desgraçada.

Olhados como um **corpo**, uma **cousa**, viviam despojados de todos os direitos da humanidade. Eram triste pasto das sevicias dos barbaros proprietarios. Muitos patricios empregavam os escravos na mendicancia, industria essa então muito em voga. Os senhores de escravos mutilavam-nos com engenhosa crueldade, afim de que mais facilmente aqueles miseros excitassem a compaixão publica e obtivessem melhores esmolos. Quando o senhor perecia de morte violenta, todos os seus escravos eram exterminados, para escarmento do grande rebanho humano. Assim foram degolados de uma vez os quatrocentos escravos de Pidanio Secundario, assassinado por um dos seus servos.

A condição da mulher e da criança, na socieda-

de romana, era tambem digna de lastima e compaixão.

A doutrina evangelica veiu implantar a humildade no reino do orgulho, a castidade no centro da lascivia e a liberdade no imperio do arbitrio.

* * *

No decurso dos seculos, a Igreja nunca deixou de prestar á humanidade os mais assinalados beneficios.

Não faltou, em tempo algum á sua missão divina de instruir, santificar e salvar as almas. Igualmente, não se descurou da ordem material e tem prestado os maiores serviços á causa da verdadeira civilização.

Por verdadeira civilização entendemos o desenvolvimento harmonico e constante do progresso material, intelectual e moral do homem e da sociedade.

Debaixo destes três aspetos a Igreja apresenta tantos e tão grandes serviços á humanidade, que nenhuma instituição á póde igualar.

O desenvolvimento cabal deste assunto constituiria alentado volume da historia da civilização. Não é esse o nosso intuito. Apenas indicaremos, em linhas gerais, os fatos mais importantes e salientes.

* * *

A Igreja, em todas as épocas, procurou o bem estar razoavel do corpo e o melhoramento das condições de vida de toda a humanidade.

O trabalho é a fonte de todas as riquezas. Dele procedem os objetos necessarios e uteis á vida do homem; é ele tambem que promove invenções nota-

veis e importantes. Estimular o trabalho é incrementar o progresso material.

Apesar disso, os pagãos olhavam o trabalho como indigno do homem livre. Gregos e romanos negavam ao operario o titulo e os direitos de cidadania.

A Igreja, rehabilitando o operario e considerando o trabalho digno de honra e de apreço, operou a revolução social maior e mais profunda que consta da historia humana.

A revelação divina promulgou a grande lei: “Comerás o teu pão com o suor de teu rosto”. Assim falou Deus no Eden. (1)

O Novo Testamento renova o conceito do Senhor e S. Paulo diz: “O que não quer trabalhar não merece comer”. (2)

Jesus Christo nos oferece o exemplo de uma vida consagrada em grande parte ao trabalho manual, pois ele mesmo angariou a propria subsistencia no exercicio da profissão de carpinteiro.

Os Apostolos e os primeiros discipulos do Divino Mestre eram pobres pescadores, homens do povo, modestos operarios.

Os Padres da antiga Igreja, em seus discursos e escritos, sustentaram, em face da sociedade pagã, a necessidade e a dignidade do trabalho humano e enalteceram a pessoa do operario.

O monaquismo cristão foi a maior e a melhor escola de trabalho que jamais se conheceu. Os monjes do Oriente uniam ás praticas asceticas e á vida penitente a cultura dos campos e fabrico dos utensilios e objetos indispensaveis á vida. A oração, a meditação das Sagradas Eserituras e o trabalho ma-

(1) Genesis, III, 19.

(2) II Tessalonicenses, III, 10.

nual enchiam-lhes as horas. No Ocidente, as cousas não se passaram diferentemente. As ordens religiosas, os beneditinos em particular, consagraram-se á oração, ao estudo e ao trabalho manual. Secaram pantanos, canalizaram rios, derribaram florestas, plantaram os campos e, por toda parte, favoreceram o desenvolvimento da industria, do commercio e da agricultura.

Na Idade Media, quando floresceram as industrias, a Igreja tratou de amparar os operarios pobres e organizou as célebres **Corporações**, que protegiam os fracos contra os fortes e mantinham estreitos os laços da caridade cristã entre os trabalhadores.

A Revolução destruiu esta organização modelar e deixou a classe proletaria entregue á exploração do capitalismo.

Em 1919, após a Grande Guerra, o Tratado de Versalhes proclamou os direitos da classe operaria: a dignidade do trabalho; o direito de associação; o direito ao salario conveniente; as horas de trabalho diario; o repouso semanal; a supressão do trabalho dos menores.

Desde 1891 o Santo Padre Leão XIII havia publicado a enciclica **Rerum Novarum**, a carta cristã do trabalho, que estatúe: a dignidade do trabalhador; a utilidade das corporações; o direito ao salario conveniente; a limitação das horas de trabalho; o repouso dominical; a regulamentação do trabalho das crianças.

Em nossos dias, Pio XI, na enciclica **Quadragesimo Anno**, recorda e atualiza os ensinamentos de seu glorioso predecessor. E, deste modo, mais uma vez a Igreja se afirma a defensora dos pobres e dos humildes filhos do trabalho.

O catolicismo, em todos os tempos, dispensou sempre cuidados excepcionais á intelligencia, a mais nobre das faculdades do homem.

Instrução popular, literatura, ciencias e artes receberam favores e proteção da Igreja e seus mais altos representantes foram grandes prototores dos sabios e dos homens de estudo.

Até o advento da religião cristã não existia a instrução popular. A cultura da intelligencia era reservada aos favoritos da fortuna. Os seculos aureos de Pericles, na Grecia, e de Augusto, em Roma, não estenderam ás massas populares as luzes das letras e os beneficios da instrução.

A Igreja não se contentou com ministrar ao povo a instrução religiosa e os rudimentos da doutrina, o catecismo, chamado com razão a filosofia do povo; apenas saída das catacumbas e liberta das perseguições, começou a religião a abrir escolas ao lado de cada templo e de cada mosteiro, onde o ensino era absolutamente gratuito; gratuito de verdade e não como o é o dos governos modernos, que lançam impostos extorsivos sobre o povo e depois proclamam a gratuidade de alguns serviços publicos.

A Reforma e a Revolução, apoderando-se dos bens ecclesiasticos, aniquilaram a organização escolar da Igreja, pois arrancaram-lhe os recursos com que se mantinham os estabelecimentos de ensino.

Quando as invasões dos barbaros destruíram os imperios e desarticularam-lhes as províncias, os conventos salvaram as obras primas da antiguidade classica e conservaram tezouros de artes e de ciencias, que deviam iluminar e engrandecer a nossa civilização. Os monjes transcreveram e multiplicaram as copias dos autores mais célebres do mundo antigo.

Até mesmo escritores anticatólicos reconhecem os

serviços que o monaquismo do Ocidente prestou ao progresso intelectual do mundo.

O racionalista Gibbons declara que um só convento prestou mais serviços ás letras de que as célebres Universidades de Oxford e Cambridge, da Inglaterra.

Quando Carlos Magno quis civilizar o seu império e instruir seus subditos mandou da Italia padres e religiosos, que fundassem escolas nas Galias e na Germania. Era de Roma, centro do catolicismo, que se irradiava o movimento cultural da Idade Media.

Os concilios gerais e provinciais, então reunidos, de par com assuntos proprios á organização e á disciplina eclesiastica, não cessavam de estabelecer dispositivos favoraveis á instrução popular, decretaram a abertura de escolas e estabeleceram os graus de bacharel, licenciado e doutor.

Entre os concilios, que se ocuparam da instrução das massas populares, citaremos os de Aix-la-Chapelle, em 789; de Thionville, em 805; de Moguncia, em 813; de Roma, em 826; de Paris, em 829; de Valença, em 855. De modo particular o III e IV de Latrão muito concorreram para o progresso não só do ensino popular, mas tambem dos estudos superiores e universitarios.

E. Randu proclama que "o catolicismo enchera a Alemanha como o **resto da Europa**, de escolas **populares**; decretava que o clero admitisse nessas escolas os filhos **dos escravos** e dos livres; que todo sacerdote encarregado da cura das almas exercesse o magisterio ou por si ou por meio de um clerigo; que os bispos nas suas visitas procurassem abrir escolas onde não existissem; que o pastor de cada parochia subministrasse aos pobre o ensino **gratuito**...

A Igreja Católica fizera mais. Antecipando o pensamento de S. João Batista de la Salle, os discipulo

los de Gerardo von Groote ensinavam aos pobres a lêr e escrever, a religião e as artes mecánicas. Dos Países Baixos, onde havia sido fundada a Ordem, levaram estes irmãos, no século XIV, a luz da ciência e, os benefícios da caridade a ambas as margens do Reno, á Westfalia, á Saxonia, á Pomerania, á Prússia e á Silesia. No mesmo tempo os mosteiros de religiosas subministravam ás filhas do povo as professoras **que a Reforma lhes havia de tirar...** Destarte o catolicismo havia lançado a pedra angular do ensino, constituindo assim para o povo como para os literatos a **base da civilização germanica.** (3)

Podíamos citar vários outros documentos e invocar numerosos testemunhos, que provam quanto a Igreja fez em pról da cultura intelectual dos povos. Alongariamos, porém, indefinidamente, este nosso trabalho.

Depois de abrir o templo das letras ás massas populares, a Igreja tratou de organizar o ensino superior e criou as Universidades, de que tanto se orgulham as nações mais cultas do mundo moderno. Cumpre ainda notar que as escolas superiores católicas primavam, não sómente pela excelencia e notabilidade dos mestres, mas também pelo numero e frequencia dos alunos.

Que dizer da obra civilizadora da Igreja na America, na Africa, na Asia e na Oceania?... Basta lembrar o que os jesuitas e os missionarios católicos fizeram em pról da catequese e libertação dos indios do Brasil. Os fatos são recentes e pertencem á nossa historia patria.

Os países latino-americanos permanecerão atra-

(3) Leonel Franca — **Catolicismo e Protestantismo**, pags. 253 - 254.

vés dos tempos, como documento vivo do quanto o catolicismo tem feito em favor da verdadeira civilização.

Ainda em nossos dias, a admiravel Obra da Propagação da Fé trabalha para chamar á luz do Evangelho e do progresso povos que jazem na decadencia fisica, na ignorancia intelectual e no abastardamento moral. Religiosos e religiosas ensinam a verdade, abrem escolas, fundam hospitais, ensinam a arte e incrementam o progresso das tribus selvagens.

Em pleno século XX, apesar dos entraves que lhe opõem, a Igreja continúa a favorecer a cultura da intelligencia humana e, para esse fim, mantem, por toda parte, um sem numero de estabelecimentos de ensino primario, secundario e superior.

* * *

A civilização e o progresso humanos não se contam apenas pelo numero de automoveis, arranha-céus, estradas de ferro e linhas de navegação. Tudo isso é muito bom e até mesmo necessario, mas cumpre associar ás conquistas materiais e intellectuais o adiantamento moral do individuo, da familia e da sociedade.

Nesse particular a influencia e a atuação do cristianismo se mostram maiores e mais eficazes do que as de todas as seitas religiosas e de todos os sistemas filosoficos.

O progresso moral da humanidade consiste no melhoramento dos costumes, na suavização das relações entre os individuos, no alevantamento dos espiritos.

O cristianismo transformou, radicalmente, os individuos, as familias e a sociedade, quer no que tóca ás idéas, como no que se refere aos costumes, levan-

tando a humanidade a um nível de perfeição jamais atingido nos tempos anteriores á prgação do Evangelho.

A verdade cristã promoveu a regeneração dos individuos, combatendo, sem tregoa e sem transigencia, as paixões desordenadas, que perturbam a tranquillidade do espirito e roubam a paz ao coração.

A soberba, a avareza e a luxuria, os vicios que maiores devastações produzem no mundo moral, foram particularmente visados e atingidos pela moral promulgada por N. S. Jesus Christo.

Não é possivel transformar a vida publica do cidadão sem que, primeiro, se lhe retifiquem as idéas e o convençam de que deve mudar de proceder. Assim fez o cristianismo: ensinou seus principios doutrinarios e impôs ao fiel a obrigação de seguir a diretriz traçada pela lei divina.

A' reforma dos particulares seguiu, bem cedo, a transformação da vida da familia.

O cristianismo proclamou a santidade do matrimonio, que foi elevado á dignidade de sacramento e fundamentado sobre duas leis basicas: a unidade e a indissolubilidade. Extinguiu a poligamia, aboliu o divorcio, restringiu o poder arbitrario do esposo. Elevou a mulher á posição de companheira do homem e senhora do lar.

Ainda em nossos dias podemos observar que, onde se faz sentir, eficazmente, a influencia da moral cristã não existem as miserias, que desmoralisaram a civilização antiga: o divorcio, poligamia e escravidão. Quando os povos começam a desprezar os principios exarados no Evangelho, decaém os costumes publicos e reaparecem as miserias do paganismo, embóra mascaradas com as galas da civilização e do progresso.

A Igreja estendeu suas influencias beneficicas e moralizadoras á propria sociedade civil.

Na sociedade pagã o Estado absorvia, completamente, o individuo. O chefe do país era tudo; em face dele não havia direitos; seus caprichos eram leis absolutas, pois ninguem lhe podia pedir contas dos atos.

O espirito cristão proclamou que **todo o poder vem de Deus** e, desse modo garante e sustenta o principio de autoridade; mas declara tambem que os governantes devem decretar **leis justas e sabias**. Assim estabelece as garantias da liberdade.

Dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar constitúe o justo equilibrio entre o poder espiritual e a autoridade temporal.

A atuação civilizadora da religião cristã fez-se sentir até mesmo nas relações entre as diversas nações.

Ai dos vencidos! Era este o direito das gentes que os pagãos conheciam. Não havia compaixão alguma para com os vencidos, que eram espoliados dos seus bens e reduzidos á condição de escravos.

O final das guerras decidia da sorte dos povos.

O cristianismo procurou aplicar ás relações entre os povos as leis da caridade, que devem vigorar entre os filhos de Deus.

Mais ainda. Sempre que os povos submeteram suas divergencias ao arbitrio dos Sumos Pontifices, deixou de correr o sangue cristão, solucionando-se, pacificamente, questões delicadissimas.

* * *

Estes fatos, que acima recordamos, nos fazem considerar o sentido destas palavras de Montesquieu: "Cousa admiravel! A Religião cristã, que parece não ter outro fim senão a nossa felicidade na outra vida, assegura tambem a nossa felicidade sobre a terra".

CRISTO, O GRANDE REI

Ante a impiedade do século, ante as investidas de toda sorte de inimigos, a Igreja afirma a realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Apesar dos progressos incontestaveis do espirito democratico, que tem abatido os tronos e enfraquecido as instituições monarchicas, a realeza continúa a ser o simbolo do poder, da majestade e da gloria. Quer na historia profana, quer na historia sagrada, a realeza constitúe a representação legitima da autoridade soberana.

Reis houve que encheram século e que, ainda hoje, revivem nas paginas dos ánaes da humanidade. Todas essas realezas, porém, são passageiras e transitorias, pequenas e mesquinhas, em face da realeza augusta, eterna e absoluta de Jesus Cristo, cujo dominio universal se acha justificado por todos os titulos.

* * *

Herança, conquista e aclamação — eis os titulos que podem justificar uma realeza.

Conhecemos reis por direito de hereditariedade. São aqueles principes que, em virtude do direito consuetudinario, ascendem ao trono, em sucessão legitima de seu pai. Esta forma de realeza é a mais comum e mais conhecida entre os povos civilizados.

Existem reis que subiram ao trono e cingiram a corôa, assumindo o poder supremo, em virtude da força das armas. São guerreiros valentes, destemidos, que á frente de legiões armadas ou de hordas ferozes, invadem países fracos e nações desarmadas, impondo-lhes jugo e sujeitando-as ao proprio dominio.

A historia guarda os nomes dos grandes conquistadores e guerreiros, que se impuseram ás nações vencidas.

E' Alexandre Magno, que dilatou as estreitas fronteiras da Macedonia e conquistou quase todas as nações do mundo antigo. E' Cesar que, depois de vencer os inimigos de Roma, vence a propria Roma... e assenhoreou-se do imperio. São os chefes poderosos dos barbaros, que occuparam provincias e mais provincias do imperio romano, e fizeram-se reis absolutos. E' Napoleão, o genio das batalhas, que, nos tempos modernos, realizou façanhas dignas dos maiores e mais audazes generais da antiguidade.

Ha tambem monarcas que foram elevados ao trono por aclamação dos povos, gratos e reconhecidos aos beneficios liberalizados por algum principe magnanimo.

Muitos dos antigos imperadores da Alemanha e os ultimos reis da Polonia cingiram a corôa em virtude de eleições, de conformidade com os usos do respectivo país.

Todas essas realezas, todas essas formas e modalidades do poder supremo foram legitimadas e admitidas no correr dos tempos, na sucessão ininterrupta dos seculos.

Mas todas essas realezas, todas essas especies de monarquias são efémeras, temporarias, passageiras.

Quando o tufão revolucionario não arranca cetro e corôa ao soberano, quando algum conspirador não

apeia do trono e não despe ao rei a sua púrpura, a morte, o nivelador supremo da humanidade, se encarrega de despojá-lo dos aparatos majestaticos e das regalias pessoais. Perante a morte, perante o silencio do tumulto e a escuridão do sepulcro, não ha reis nem súditos, nobres nem plebeus, senhores nem escravos. Equilibram-se todas as fortunas, igualam-se todas as condições sociais.

Esta é a grande lição da historia. -

* * *

A realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo justifica-se por todos os titulos.

Ninguém lhe pôde contestar os titulos de seu dominio. A Escritura Sagrada chama de rei ao Messias e o povo de Deus, no decorrer de muitos séculos, esperou o grande rei, que devia estender seu poderio sobre todas as nações da terra. Chamavam-no "O Dominador que ha de nascer da estirpe de Daví".

Filho Eterno do Pai Onipotente, a Jesus cabiam, em herança, todas as gentes do universo.

Algumas passagens do Antigo Testamento justificam, plenamente, êste modo de sentir.

Assim é que lemos em Daví:

"Teu reino é o reino que se estende a todos os séculos, e teu imperio a toda geração e geração... E dominarás de mar a mar e desde o rio até os confins da redondeza da terra". (1)

O salmo segundo do profeta-rei canta o poder e o dominio de Cristo sobre Sion.

Isaiás celebrou desse modo a realeza do Filho de Deus:

"Um pequenino já se acha nascido para nós, e um Filho nos foi dado a nós e foi posto o princi-

(1) Salmos 71 e 144.

pado sobre seu ombro: e será chamado o Admiravel, o Conselheiro, o Deus Forte, o Pai do futuro século, o Príncipe da paz... Sentar-se-á sobre o trono de Davi e possuirá o seu reino para o firmar e consolidar, fazendo reinar a justiça e a equidade desde então e para sempre". (2)

Jeremias, o profeta das **Lamentações**, celebrou também a realeza do Messias, com estas palavras:

"Suscitarei a Davi um germe justo: e reinará um Rei que será sabio e julgará segundo a justiça e equidade na terra". (3)

Daniel afirmou que "o seu reino nunca será destruido e seu poder passará á eternidade... Todos os povos, todas as tribus e todas as linguas o servirão; o seu poder é um poder eterno, que lhe não será tirado e o seu reino é tal que não será jamais corrompido". (4)

Aos titulos sagrado e incontestaveis de verdadeira filiação divina, Jesus Cristo ajunta o direito de conquista sobre toda a humanidade.

O sacrificio augusto do Calvario, os tormentos padecidos para resgate da humanidade, o sangue derramado pela redenção dos pecadores e a morte ignominiosissima de cruz formam os titulos de conquista, que Jesus póde reivindicar sobre o genero humano.

A nossa raça constituia presa de guerra do demonio, que a conservava sob o jugo de aviltante cativo, não somente durante a vida terrena, senão também por toda a eternidade.

Os dons superiores da graça, os direitos e pri-

(2) Isaías, IX, 6 - 7.

(3) Jeremias, 23, 5.

(4) Daniel, 6, 26; - 7. 14.

vilegios da obra prima da criação haviam sido perdidos, em consequencia do peccado e da prevaricação dos protoparentes, no Eden.

Não mais os privilegios da filiação divina, não mais a familiaridade condescendente do Creador, não mais a herança feliz da gloria sempiterna. Ao invés de tudo isso, pesava sobre a posteridade de Adão e Eva a sentença tremenda da maldição divina, proferida no paraíso terrestre.

E veio o Filho de Deus reunir as ovelhas tresmalhadas, salvar o que perecera, restaurar o que fôra arruinado.

O sangue de Nosso Senhor Jesus Christo resgatou a humanidade e fomos conquistados pela morte do Redentor, que nos arrancou ao poder das potestades infernais.

Esta doutrina encontra-se, claramente, no Novo Testamento.

O principe dos Apostolos assim fala, tratando da obra da Redenção:

“Sabendo que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, recebida de vossos pais, não a preço de cousas corruptiveis, de ouro ou de prata, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro immaculado e sem contaminação, designado por Deus para nosso Salvador, antes da criação do mundo e manifestado nos ultimos tempos por amor de vós”. (5)

E o grande Apostolo das gentes não hesita em declarar que a Redenção do genero humano custou a Paixão e Morte do Senhor. Diz S. Paulo:

“Porque fostes comprados por grande preço”. (6)

Se, pois, os antigos conquistadores firmaram seu

(5) I Epistola de S. Pedro, I, 18 a 20.

(6) I Corintios, VI, 20.

domínio e fundaram imperios sobre os povos vencidos e derrotados, Jesus Cristo, pela vitoria alcançada sobre as potestades infernais, estabeleceu seu domínio e imperio sobre as almas resgatadas pelo sacrificio do Gollgota.

Ainda mais outro titulo pôde Jesus Cristo apresentar á humanidade: a aclamação e o reconhecimento de todos os povos.

Ninguem contestará o direito de reinar e a soberania de um principe, que haja sido aclamado ou eleito monarca de um povo.

Quando uma nação elege ou aclama um principe como reinante e a ele se submete inteira e espontaneamente, este principe torna-se legitimo soberano, e todos lhe devem obediencia e acatamento.

E' o caso de Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja soberania, tem sido reconhecida e proclamada por todos aqueles que professam a sua doutrina e praticam a moral que ele ensinou. Os beneficios prestados á humanidade pela civilização cristã legitimam, perfeita e cabalmente, a realeza de Jesus sobre todas as nações do orbe terraqueo.

* * *

A realeza de Jesus Cristo existe e afirma-se sobre as inteligencias e sobre as vontades, sobre as almas, nuna palavra.

Pela fé, Jesus Cristo reina sobre as inteligencias.

A fé consiste na adesão de nossa mente ao que alguém nos diz ser verdadeiro. Aceitamos, desse modo, o testemunho daqueles que nos falam. Essa é a fé humana; indispensavel á vida social.

Fé, no sentido teologico da palavra, é a virtude sobrenatural, pela qual crêmos tudo que Deus nos revelou e manda crêr ou praticar, por intermedio da

Igreja. Por esta virtude cristã acreditamos em todos os misterios da revelação divina e vencemos as relutancias da razão, inclinada a admitir somente aquilo que ella pôde comprehender. O cristão professa as verdades da fé e, a ellas, submete a propria intelligencia, porque coloca a palavra do Divino Mestre acima do testemunho dos proprios sentidos. Nisso consiste a soberania e o dominio de Jesus Christo sobre a intelligencia humana.

Enquanto os sistemas filosoficos desaparecem ou se modificam, no decorrer dos séculos, a doutrina de Jesus Christo permanece sempre a mesma e continúa a receber a adésão da fina flôr do pensamento humano.

Os maiores genios, os expoentes maximos da ciencia, da literatura, da filosofia e das artes renderam e continuam a render fervorosas homenagens á palavra do Filho de Deus.

No decurso de dezenove seculos, as mais lúcidas intelligencias, as cerebrações mais cultas não se pejarão de prestar submissão perfeita á divindade e á sabedoria de Jesus Christo.

O sublime e augusto Redentor do genero humano reina tambem sobre os corações.

Emquanto as criaturas mais amaveis apenas conseguem afeições transitorias, Jesus se faz amar, **como Deus, sobre todas as cousas**, durante dezenove seculos.

Jesus Christo tem recebido da humanidade o tributo de **um amor imenso por sua extensão**, pois muitos milhões de pessoas o amam e adoram, em todo o mundo, sem exclusão de categoria social ou de estado. Conta fervorosos adoradores de todas as idades e de todas as condições.

Homens têm existido, que receberam homenagens e lisonjas de seus semelhantes. Os potentados da

terra recebem grandes demonstrações de afeto e respeito da parte dos suditos e dos que lhes imploram favores. E' certo. Mas tambem é certo que, fóra da estima sincera de alguns verdadeiros amigos, nenhum dos senhores deste mundo consegue deixar após sua morte afeições sinceras e duradouras. As gerações contemporaneas guardam-lhes os nomes, mas, em breve tempo, ficam estes por completo e para sempre, olvidados.

Jesus Cristo conquistou **um amor imortal em sua duração**, pois, ainda hoje ha milhões de criaturas que curvam a frente ante a imagem do Crucificado do Gólgota.

Jesus Cristo recebe ainda, em nossos dias de ceticismo e descrença, a homenagem verdadeira de **um amor sem igual em sua profundeza**.

Sim, por amor do Divino Mestre milhões e milhões de homens não trepidam, em pleno seculo de materialismo pratico e historico, diante de todos os sacrificios e de todas as renunciás; não recuam diante da própria morte.

Incontestavelmente, Jesus Cristo exerce verdadeira realeza sobre os corações da humanidade.

Jesus Cristo reina tambem sobre as almas. Impôs sua doutrina a todas as inteligencias; curvou á sua as vontades das criaturas; faz-se adorar como verdadeiro Deus.

* * *

O Santo Padre Pio XI, gloriosamente reinante, consagrou uma de suas luminosas enciclicas á exposição da doutrina catolica sobre a realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O pai comum da cristandade define, explica e reivindica os direitos sacro-santos e incontestaveis do Filho de Deus sobre todas as criaturas.

A Soberania de Jesus Cristo compreende os tres poderes organicos da sociedade civil: legislativo, executivo e judiciario. Pertence-lhe, de pleno direito, promulgar leis, que obrigam em consciencia. Assiste-lhe a faculdade de pôr em execução os decretos emanados da autoridade religiosa: cabe-lhe punir as transgressões e os delitos, applicando-lhes salutaes castigos.

Cumpre, porém, evitar lamentaveis confusões de idéas, e determinar os traços caracteristicos da realza social do Homem-Deus.

Ouçamos os luminosos conceitos de S. S. Pio XI, na supracitada enciclica:

“Todavia é antes espiritual esta realza. Diz respeito, principalmente, ás cousas espirituais. E’ o que aparece, patente, dos lembrados textos da Biblia. Aliás, os modos de proceder do proprio Cristo, Nosso Senhor, claramente o demonstram. Vemos que os Judeus e os proprios Apostolos alimentavam esperanças falazes, illusorias, de que, algum dia, o Messias havia de reviver as liberdades nacionais, havia de restaurar o reino de Israel. Jesus, diversas vezes, desfaz essas opiniões, desmancha esses calculos, destróe tais esperanças. Na hora em que está para ser proclamado rei pela multidão, que o cerca, rendida e entusiasmada, Jesus fóge, oculta-se para escapar ao titulo de rei e ás honras. Perante o proconsul romano, declara que não é deste mundo o seu reino. Consoante os ensinamentos dos Evangelhos, sabemos que os homens, querendo entrar no dito reino, devem preparar-se por meio da penitencia, e nele terão ingresso somente pela fé e pelo batismo. Este, posto seja um rito exterior, indica e produz uma regeneração interior. O unico inimigo desse reino é Satanaz, soberano das trévas e da mentira. E que é que Jesus pede a seus suditos? Que renunciem ás rique-

zas e aos bens temporais; que pratiquem extrema mansidão; tenham fome e sede de justiça. Sim, tudo isto e mais: que façam abnegação de si próprios e carreguem a sua cruz após ele.

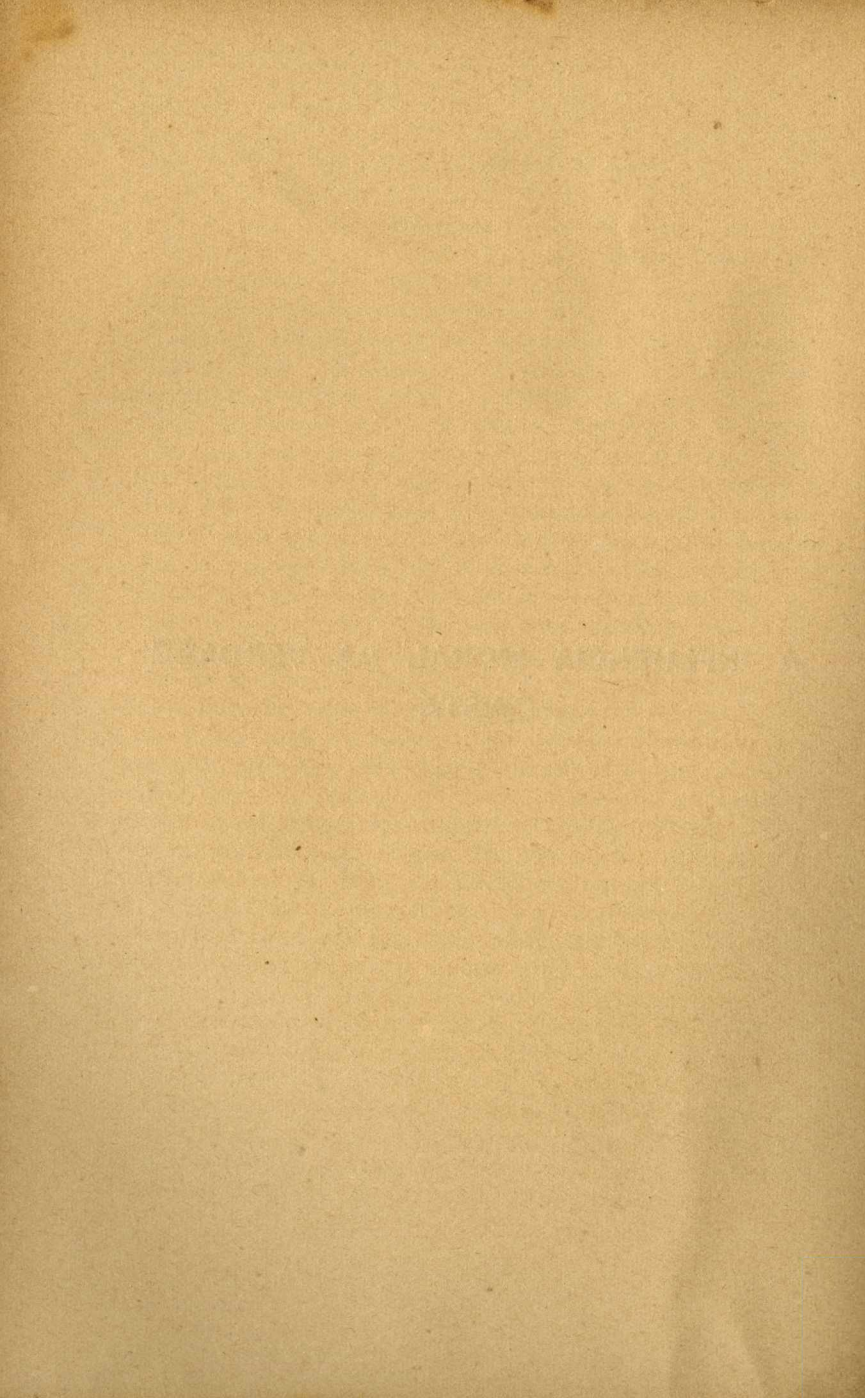
Dois títulos de posse conquistou Nosso Senhor Jesus Cristo. O primeiro, o direito de Redentor, adquirindo, por seu sangue, a Igreja. O segundo, o direito de Sumo Pontífice, que se ofereceu e continúa oferecendo-se perpetuamente como vítima por nossos pecados. Ora, quem não vê que sua dignidade real deve ser adequada á natureza dessa duplice missão e dela participar? Entretanto, seria erro lamentável e vergonhoso negar a Cristo, feito homem, a soberania nas cousas civicas, sejam elas quais forem. Recebeu, com efeito, do seu Pai, direitos absolutos, de forma tal que tudo está sujeito a sua vontade. Assim mesmo, durante sua vida terrestre, deixou por completo de exercer esta autoridade. Não quis saber da posse nem do governo das cousas humanas. Entregou isto aos detentores efémeros e que se sucedem uns aos outros. E' esta verdade que encontramos magnificamente expressa nestes versos: "**Non eripit mortalia qui regna dat coelestia**". Não arrebatará tronos da terra, os destribúe no céu".

O longo e belo trecho, que acabamos de citar, constitúe a melhor, a mais clara afirmação da realidade espiritual de Jesus Cristo sobre todos os povos e sobre todas as nações do genero humano.

Afim de que o dominio soberano de Deus se exerça sobre toda a terra, antes de se consumir no céu, a Igreja estabeleceu a festa de Cristo-Rei.

Gravar na consciencia católica estas sublimes verdades e estes proveitosos ensinamentos é a finalidade das comemorações liturgicas, que se celebram no ultimo domingo de outubro de cada ano.

**A INFLUENCIA MORAL DA VERDADE
CRISTÃ**



Quando consideramos a desordem geral dos costumes e a decadencia moral da humanidade, surge logo uma objecção bastante séria: a falencia do cristianismo.

Si o cristianismo é, na verdade, a religião divina, si ele é obra de Deus, como não produz maiores frutos, como ainda não transformou, não regenerou a humanidade?

Como explicar que os cristãos não constituam a maior parte dos homens e que os católicos não estejam em maioria entre os cristãos!...

Isso, quanto ao exterior da questão.

No interior da mesma Igreja, quantas fraquezas, quantas desordens e quantos escandalos não se registam através da historia, no decurso dos seculos!...

Ante a consideração de semelhantes fatos, os espiritos fracos e inclinados ao pessimismo desfalecem, perdem a fé ou, pelo menos, sentem duvidas sobre a eficiencia moral do catolicismo.

A dificuldade, que acabamos de apontar, parece, á primeira vista, insolúvel e mais importante do que o e, na realidade.

Deus criou o homem livre e respeita-lhe o dom da liberdade. A Providencia, no governo do mundo, serve-se, quanto possivel, dos meios ordinarios e dos agentes naturais. O plano divino é pois, deixar ao

homem a faculdade de cooperar com a graça ou recusar-lhe o concurso proprio, quando se trata de salvar a alma.

Não admira, pois, que os interesses pessoais, as paixões mesquinhas, a ignorancia culpavel, as ambições politicas, o egoismo de uns e a hostilidade de outros ofereçam obstaculos sérios e causem prejuizos graves á penetração da verdade cristã.

Deus não quer forçar a criatura humana; exige das almas a maior boa vontade, no que diz respeito á salvação e santificação.

O homem, que ainda hoje sofre as consequencias do pecado original, não cessa de opôr resistencias á vontade divina e de contrariar os designios providenciais.

Apesar de tudo isso, apesar das difficuldades oriundas da liberdade humana, a Igreja não cessa de combater em pról do Reino de Deus, mantendo a intransigencia de doutrinas e a pureza de costumes. Os erros e as fraquezas dos homens não atingem a essencia do catolicismo, que conserva sempre sua virtude sobrenatural.

Além disso, se os progressos da religião são lentos, não deixam de ser seguros e reais. Sob qualquer aspeto social que encaremos a nossa religião, os beneficios prestados pelo cristianismo são inumeros.

Suavizou a sorte dos escravos, para, mais tarde, conceder-lhes completa liberdade; sustentou os direitos da consciencia individual contra a prepotencia do poder civil; moralizou a instituição da familia; conservou as obras primas da antiguidade classica e favoreceu o desenvolvimento da instrução popular; protegeu as ciencias e as artes dando apoio material e moral aos homens de talento. A esta grande folha de serviços prestados á humanidade podemos ajuntar a obra civilizadora das grandes ordens reli-

gias e a intervenção eficaz e segura dos papas modernos na questão social. (1)

Esta influencia salutar, que a verdade cristã tem exercido e exerce ainda sobre a humanidade, pertence ao dominio da historia e todos a podem averiguar. Até mesmo escritores inimigos do catolicismo fazem justiça e reconhecem a atuação benefica da Igreja sobre a humanidade inteira.

* * *

Além da ação, por assim dizer externa, que a religião católica exerce sobre o mundo, em geral, ha outra, como interior, sobre as consciencias.

O individuo, a familia, a sociedade, as ciencias e as artes recebem da verdade cristã salutaes influencias.

O homem esclarecido pelo dogma católico recebe luzes especiais, que lhe permitem conhecer a propria natureza e suas prerrogativas e descobrir os caminhos da Providencia e razão de ser do sofrimento e do trabalho. Os problemas mais delicados e as questões mais dificeis acerca do primeiro principio e do fim ultimo receber a devida solução. Direitos e deveres, pensamentos e desejos, palavras e ações constituem objeto da doutrina revelada, que orienta o individuo sob todos os pontos de vista.

A inteligencia, uma vez influenciada por principios virtuosos e idéas sans, atuará sobre a vontade, guiando-a á pratica do bem e da virtude e á fuga do mal e do vicio.

Aos desvarios das paixões, aos impulsos desor-

(1) R. Aigrain — *Ecclesia* — Librairie Bloud et Gay — Paris, 1927.

denados do coração, a verdade cristã lembra ao homem a posse do céu, o premio eterno, que lhe está reservado se proceder bem; e aponta o castigo eterno, as penas do inferno, suplicio daqueles que se afastam dos preceitos do Senhor.

O homem, que orienta sua conduta pelos ditames da doutrina revelada, desfruta perfeita harmonia interior; equilibrio absoluto entre a intelligencia, que conhece o bem, e a vontade, que o pratica; consonancia perêne entre os desejos e as ações. Daí a tranquillidade da consciencia, que repousa na certeza do cumprimento de todos os deveres para com Deus, para com o proximo e para consigo mesmo. A certeza da proteção celeste dá-lhe coragem e serenidade em todas as ocasiões, por mais difíceis que pareçam.

* * *

A mulher exerce sobre a humanidade uma influencia da mais alta importancia.

Na vida publica do cristianismo tem desempenhado papel dos mais salientes. Maria S. S. é a correudentora do genero humano e a vencedora da serpente infernal. Piedosas mulheres acompanharam as excursões do Divino Mestre, seguiram o caminho do Calvario, assistiram á tragedia do Gólgota e depois contemplaram a gloria do Ressuscitado.

Os seculos da historia ecclesiastica apresentam grandes vultos femininos, alguns dos quais encheram épocas; virgens timoratas, martires intrepidas, rainhas poderosas e escritoras insignes demonstram o prestigio da mulher no seio da Igreja.

O dever da mulher cristã é auxiliar ao homem, ser-lhe fiel e dedicada companheira, suavizar-lhe as agruras da existencia, leva-lo á conquista e posse da verdade, incita-lo á prática da virtude, dar-lhe as ale-

grias da honestidade e preparar-lhe a recompensa eterna.

A figura excelsa da Virgem Maria constitúe o modelo perfeito e exemplar completo oferecido ao sexo fragil, que tanto necessita de amparo, incentivo e conforto.

O mundo pagão não conhecia a dignidade e a grandeza da mulher, que era considerada como um ser inferior, um vil objeto de prazer. Na infancia e mocidade vivia adstrita ao poder do pai, que podia vendê-la e escravizá-la; no estado matrimonial não melhorava de condição, pois das mãos do pai passava ás do esposo, a quem pertencia como propriedade movel; a maternidade, degradada pela poligamia e pelo divorcio, não lhe concedia nenhum direito, não lhe garantia nenhuma prerrogativa.

O matrimonio cristão, uno e indissolúvel, consagrou a dignidade da mulher, cujos direitos foram assegurados na sociedade conjugal.

O sexo fragil tudo deve á hierarquia social implantada pela religião de Jesus Christo e não podemos compreender como a mulher cristã e católica, principalmente, se esqueça de suas dividas de gratidão para com a Igreja.

Na crise moral, que avassala a nossa época, compete ao elemento feminino, levar a afeito a grande cruzada em pról da santificação individual, domestica e social, guardando-se a si propria da corrupção geral dos costumes e, pelo procedimento correto e exemplar, exercer salutar influencia moralizadora sobre o proximo. E, quando as circunstancias o exigirem e o dever o impuzer, abandonem a paz do lar e o silencio das igrejas e vão pugnar pelos direitos da religião, que as constituiu em logar tão elevado.

E' esta a razão de ser do apostolado social feminino.

* * *

O homem é um animal social.

Esta grande verdade pertence ao numero de fatos, que a experiencia verifica e a historia documenta.

A primeira sociedade a que o homem pertence, pelos laços sagrados do amor, do sangue e do interesse é a familia.

Contra a organização cristã da sociedade familiar o liberalismo tem desferido os golpes mais terriveis. O laicismo entrega a infancia e a juventude ás escolas sem religião, que lhes arrancam a crença em Deus. O industrialismo rouba á mocidade o amor da familia e atira ambos os sexos á promiscuidade das oficinas. A publicidade escandalosa da imprensa hodierna ridiculariza a vida intima da familia e, de par com o cinema e o teatro, desvenda as tranquilas e honestas expansões do lar e desse modo as cenas de alcova perdem seu carater reservado e discreto. Antros de perdição e de lubricidade procuram atrair o sexo forte, que aí se entrega a todas as fraquezas e aviltamentos.

Para enfrentar as forças e as investidas do liberalismo a Igreja apresenta ás familias cristãs o tipo e modelo do lar: Jesus, Maria e José, que constituem o perfeito exemplar da sociedade domestica, organizada de acordo com a lei divina. Na modesta casa de Nazaré rescendiam as mais perfumosas flores das virtudes cristãs: amor, humildade, submissão e tranquillidade, que não podem nem devem faltar no seio das familias catolicas.

O cristianismo elevou o contrato matrimonial á dignidade de sacramento e promulgou-lhe as grandes leis.

A lei fundamental do casamento, segundo a doutrina católica, é a fidelidade, que se prometem, mutuamente, os conjugues. Contra as veleidades e as inconstancias da vontade humana e dos sentimentos do coração existe a graça sacramental, que dá character sobrenatural á sociedade fundada pelos esposos. Quando falham os encantos da natureza, a lei divina garante a familia contra a volubilidade dos sentimentos.

A segunda lei do matrimonio entre os catolicos é a indissolubilidade. A fidelidade jurada aos pés do altar e o amor prometido na solenidade do casamento devem ser mantidos até a morte. As desigualdades de genio, as diversidades de temperamento, as enfermidades incuraveis e a ausencia diuturna não quebram os vinculos contraídos por meio do sacramento do matrimonio. Só a morte pode libertar aquelles que se ligaram em matrimonio.

A terceira lei fundamental da familia cristã é a lei do sacraficio. Os esposos são obrigados a auxilios mutuos e devem renunciar aos proprios gostos e ás proprias comodidades, afim de que se não enfraqueçam os laços da caridade e do sentimento.

Nas agruras da existencia, nas horas angustiosas e nas grandes dores é mister que os conjugues saibam sacrificar-se, de boa mente, um pelo outro, para não haver perturbação da tranquillidade, que deve reinar no lar domestico.

A familia formada segundo a verdade cristã torna-se um jardim de virtudes, um remanso de paz, um ninho de afetos.

* * *

Em todos os tempos existiu o peccado e a humanidade caiu em fraquezas e desfalecimentos morais.

Em cada época surgiram erros e heresias, que perturbaram a obra regeneradora da Igreja de Deus.

A heresia dos tempos modernos, o erro da presente época da historia é o desterro de Jesus Cristo.

O liberalismo e a impiedade procuram, por todos os meios, afastar a divindade de todos os atos da vida publica, de todas as atividades humanas.

Das escolas, dos tribunais, dos quartéis e de todos os edificios publicos arrancaram a imagem sagrada do Crucificado.

O sopro da impiedade tenta invadir todas as manifestações da vida social, buscando lançar o desprestígio sobre a idéa religiosa: cobrir de ridiculo o clero católico, caluniar os serventuarios do culto, falsificar a historia ecclesiastica e perverter o sentido dos preceitos divinos. Ha uma campanha energica em prol da rehabilitação das paixões humanas e afirma-se o direito de cada um satisfazer os proprios instintos.

E a sociedade parece afundar-se no bátrato de complicações sem fim: questões internacionais, sociais, politicas, agrarias e industriais. Governos ateus arruinam e empobrecem os desgraçados povos.

Tudo isso é fruto da falta de Jesus Cristo na vida da sociedade moderna. A sociedade repele Jesus e repelindo-o afasta de si o bem, a verdade, a propria salvação.

Apesar de todos os esforços em contrario, a verdade cristã conserva todo o seu poder, toda a sua efficacia.

Onde quer que a religião floresça e prospere, desenvolvem-se os bons costumes, os atos de magnanimidade tornam-se mais frequentes e a verdade conquista as melhores inteligencias.

O espirito cristão manda que os subditos obedecam aos governos e aos governos inspira solicitude e interesse pelo bem publico. A justiça ordena o res-

peito á propriedade alheia e a caridade provê ás necessidades dos pobres e desvalidos.

E quando os povos supercivilizados repelem a influencia benefica da verdade cristã, os missionarios vão levar as luzes da verdade e as diretrizes da moral aos selvicolas da America, aos aborigenes da Africa e aos canibais da Oceania. A expansão missionaria da Igreja traz aos povos evangelisados o progresso economico, o desenvolvimento cultural e o alevantamento moral.

Afim de evitar que se desencadeiem sobre a sociedade os males que sobre ela impendem, como espada de Damocles, é mistér que os catholicos envidem todos os esforços para que se estabeleça o reinado social de Jesus Christo.

* * *

O fim primordial da religião cristã é guiar o homem através dos escolhos da vida e abrir-lhe o caminho da felicidade eterna, por meio do conhecimento da verdade e da pratica da virtude.

Não obstante esta finalidade extra-terrena e sobrenatural, a Igreja procura desenvolver e aprimorar as tendencias do espirito humano, corrigindo e afastando o que se opõe aos fins ultimos da criatura racional.

Desse modo o catholicismo favoreceu sempre e ainda continúa a favorecer os progressos das letras, das ciencias e das artes, não permitindo apenas que, em nome da ciencia, se negue a verdade, se propague o vicio, se ensine o erro.

A accusação de que a religião é inimiga da ciencia está refutada pelos fatos que demonstram, justamente, o contrario.

As catedrais soberbas e os monumentos construi-

dos pela piedade dos seculos de fé; as maravilhosas télas e esculturas inspiradas em motivos religiosos; as harmonias solênes da musica sacra; os vôos altaneiros dos pensadores cristãos atestam que a crença em Deus, longe de tolher os surtos da intelligencia e estancar as fontes da inspiração, abre novos horizontes ao talento e lhe aponta os ideais sublimes do cristianismo.

* * *

Se todos estes efeitos não se fazem sentir em toda plenitude, não se póde dizer que o cristianismo faliu e que a Igreja não correspondeu aos intuitos de seu divino fundador. A culpa é daqueles que entram, por modos diversos, a influencia moral da verdade revelada.

OS TRIUNFOS DE JESUS CRISTO

Pouco antes de entregar-se ás mãos dos inimigos, para ser supliciado, Jesus dirigiu aos amados discipulos um discurso de consolação e de conforto, em que, prevenindo-se acerca do que havia de vir sobre o Filho de Deus, procurava infundir-lhes alento e prepara-los para a hora das provações supremas.

Neste verdadeiro testamento de amor, em que o Filho entregou ao Pai os eleitos e os resgatados, o Divino Mestre proferiu estas palavras, que os Evangelhistas recolheram: "Eu venci o mundo". (1)

Singular vitoria essa, que se iniciava pelo horrendo crime do deicidio, pelo crudelissimo sacrificio do Calvario.

Algum tempo antes, o Redentor do mundo, **significando de que morte havia de morrer**, fizera esta afirmação profetica: "E eu, quando fôr levantado da terra, atrairei tudo a mim". (2)

Desse modo, Jesus, entre os oprobrios e as ignominias, já antevia os triunfos de sua cruz e as glorias de seu reino.

E os seculos, decorridos de Cristo aos nossos dias, se encarregaram de demonstrar que o profeta de Nazaré não se enganára em seus vaticinios.

(1) João, XVI, 33.

(2) João, XII, 32.

Vai para vinte seculos que as conquistas e as vitorias do Senhor Jesus se sucedem, constantes e perenes, contra todos os inimigos e, se por alguns momentos a Igreja parece chegada ao termo de sua existencia terrena, é para ressurgir mais forte e mais gloriosa dentre os embates que a cercam.

Quando tudo vacila e a nova sociedade parece esboroar-se em ruinas, o cristianismo apresenta vida nova e demonstra possuir fonte inesgotavel de energias, seiva de constante renascimento.

Assim tem sido e ha de ser até a consumação dos seculos, porque o céu e a terra podem passar, **mas as palavras do Filho do Homem não passarão.**

* * *

A primeira vitoria de Jesus Cristo se afirmou ter-rivel e indelevel contra o mundo judaico.

O povo escolhido de Deus, a raça eleita pelo Eterno, traiu a propria vocação e não correspondeu aos intuitos misericordiosos do Senhor. Em lugar de reconhecer e adorar o Messias, deu-lhe morte horro-rosa de cruz e o cobriu de oprobrios.

Semelhante desatino não podia ficar sem casti-go e sem punição exemplar e as profecias de Jesus, relativas á destruição do templo, ruina da cidade san-ta de Jerusalém e dispersão dos filhos de Israel cum-priram-se á risca.

As particularidades tremendas do cêrco da cida-de santa e a mortandade de judeus, que então houve, acham-se registadas por historiadores de todo insus-peitos, entre os quais Flavio Josefo.

O proprio Tito, vencedor da nacionalidade judai-ca, recusou-se a cingir a corôa do triunfo, declaran-do: "Não sou eu o vencedor; eu não fiz mais que em-

prestar meu braço a Deus, que estava irritado contra os judeus”.

E os filhos de Israel, dispersos pelo mundo inteiro, sem patria, sem reis, sem sacrificios e sem altares, constituem o monumento vivo e o atestado perene do triunfo e da vitoria de Jesus contra o mundo judaico.

* * *

Depois de abater a cerviz da raça reprovada, Jesus ia prostrar aos seus pés divinos o mundo romano.

Doze perseguições sanguinolentas, no decorrer de três seculos, esgotaram todos os recursos da crueldade, todos os ardís da superstição e todos os empenhos do paganismo, no intuito de forçar os cristãos á apostasia.

Aos discipulos de Cristo não era concedido o direito de viver. Abraçar a lei do Evangelho, era votar-se aos verdugos e ás feras.

Venerandos anciãos, tenras crianças, virgens delicadas, homens robustos; nobres e plebeus, escravos humildes e membros da familia imperial — ninguem escapava da sanha implacavel dos algozes.

O sangue dos martires foi verdadeira sementeira de cristãos e a cada fiel, que tombava na arena, erguiam-se legiões compactas de adoradores de Cristo Jesus.

As perseguições não conseguiram deter a marcha vitoriosa da cruz, que, dia a dia, conquistava seguidos triunfos e obtinha adeptos em todas as camadas sociais e já ultrapassava os limites do proprio imperio.

A ascensão de Constantino ao trono de Roma

assinalou o advento de uma era nova de paz e de tranquilidade para os adoradores do verdadeiro Deus.

O novo imperador, em edito publico e solene, estabeleceu a liberdade da Igreja, reintegrou os fieis na posse dos bens confiscados, reconstruiu os templos arruinados e encheu de monumentos da fé cristã a capital do imperio. Fez mais ainda. Cedeu Roma para capital do mundo cristão e ergueu Constantinopla para capital politica e séde do poder temporal.

Já então cerca de cem milhões de fieis, nascidos do sangue de onze milhões de martires, povoavam o mundo civilizado.

A apostasia de Juliano, se bem que haja causado males inúmeros ao catolicismo, não conseguiu deter-lhe as conquistas nem restituir ao paganismo o prestigio perdido.

O mundo romano estava, efetivamente, vencido por Jesus Cristo, do mesmo modo que a Sinagoga havia cedido passo á Igreja.

* * *

Perigo maior que as perseguições ameaçava a religião: o arianismo.

Arío, patriarca heretico de Constantinopla, professava ser Cristo a primeira, a mais perfeita e a mais santa das criaturas, mas recusava-lhe a natureza divina. Este erro sutil minava pela base a religião divina e arrastava numerosos fieis á apostasia.

A Igreja, que enfrentára os perseguidores e os inimigos externos, não cedeu nem contemporizou diante do inimigo interno e sorrateiro, que tentava dilacerar a unidade cristã.

Em Nicéa, reúne-se solene e universal Concilio, em que trezentos bispos, muitos dos quais traziam as cicatrizes de confessores da fé, proclamaram Jesus

Cristo consubstancial ao Pai Eterno e anatematizaram a nova heresia e os seus fautores.

A reacção dos espiritos contra a novidade do erro não se fez esperar e logo os Santos Padres abriram cerrada campanha contra os inimigos da verdade. E surgiram, por esse tempo, os genios e os luminares de S. Atanasio, S. Hilario, S. Ambrosio, S. Jeronimo, S. Agostinho, S. João Crisostomo e S. Basilio, que vindicaram a doutrina da verdade e os ensinamentos da revelação.

E o erro, que ameaçava envolver toda a cristandade, foi vencido e debelado.

* * *

Depois de vencer a nação judaica e o imperio romano, o cristianismo ia conquistar o mundo barbaro.

Cerca dos fins do seculo IV da era cristã, as tribus que habitavam as vastas planicies que se estendem do Rêno ao Volga e do Volga ao centro da Asia, começaram a transpôr as fronteiras do imperio romano, cuja decadencia e cuja desorganização se acentuavam.

Principiaram as invasões dos barbaros e milhões de homens se precipitaram sobre os países do Ocidente da Europa.

Hunos, gôdos e germanos, uns aos outros, rechacaram as legiões romanas, desmantelaram fortalezas, arrasaram cidades, talaram os campos e, durante um seculo, cobriram o imperio de ruinas e de sangue.

O braço divino ia castigar o imperio, que tentava apagar o nome cristão.

Átila, rei dos hunos, invadiu as Galias á testa de setecentos mil barbaros .

Em poucos anos, os invasores conquistaram e es-

tabeleceram-se nas Galias, na Espanha, na Africa e em outras muitas provincias, que os imperadores de Roma não podiam defender.

Finalmente, em 476, Odoacro, rei dos herulos, invadiu a Italia, apoderou-se de Roma e depôs Romulo Augustulo, simulacro de imperador do Ocidente.

Assim acabou o dominio de Roma sobre o mundo civilizado de então.

Em breve o cristianismo começou a penetrar entre os barbaros e reduzi-los ao imperio da cruz.

França, Alemanha, Inglaterra, Espanha e outros paises receberam a luz do Evangelho e prestaram submissão á Igreja de Jesus Cristo.

Carlos Magno, aclamado e coroado imperador, na noite de Natal do ano de 800, assinala o inicio de novo periodo da historia e abre caminho para os esplendores e as grandezas do medievalismo cristão.

* * *

Vencidos os terriveis inimigos externos, que lhe punham em perigo a propria existencia, a Igreja completou, por assim dizer, a sua organização interna e desenvolveu inumeras obras de zêlo e apostolado.

Surgiram as grandes ordens religiosas, que, sob as regras dos santos patriarcas Bento, Bruno, Francisco de Assis, Domingos de Guzmão, formaram successivas gerações de santos e de sabios. Por toda parte ergueram-se mosteiros e foram lançados os fundamentos das soberbas catedrais, que ainda hoje constituem justo motivo de orgulho para a civilização cristã.

Estava a Igreja a desenvolver a obra portentosa de evangelização e civilização, quando as ondas avassaladoras do Islan, pondo em perigo a existencia das nações cristãs da Europa, suscitaram o grande mo-

vimento de fé, as cruzadas, que abalaram o mundo inteiro.

Reis, principes, nobres e humildes filhos do povo ergueram-se resolutos a lutar até á morte, na defesa da propria fé. E por todos os recantos dos países cristãos écouo o grito de guerra santa: “Deus o quer!”

As vitorias alcançadas nas aguas de Lepanto e aos pés dos muros de Viena, detiveram o avanço dos turcos e restituiram a paz ao mundo cristão.

Mais uma vez a Igreja salvou a Europa e preservou de ruina total a civilização do Ocidente.

* * *

O aparecimento do livro admiravel da **Imitação de Cristo**, os escritos inspirados de Santo Tomás de Aquino, as lições de espiritualidade de S. Bernardo e a erudição dos teologos não conseguiram deter os progressos do espirito anticristão, que se manifestava nos fins da Idade Media.

O movimento chamado Renascença marca assinalado e franco retrocesso ao idealismo pagão, nas idéas, nas ciencias, nas letras, nas artes e, consequentemente, nos costumes.

A sociedade, criada á sombra da Igreja e formada pelo Espirito Santo, começou a experimentar saudades do materialismo greco-romano e procurou restaurar as formas oriundas do paganismo. Este retrocesso espiritual faz-nos lembrar os israelitas saudosos das cebolas do Egipto...

Por esse tempo começou a apostasia das nações, que apresenta, em nossos dias, a maior amplitude. Parecia então que a influencia do Evangelho desapareceria em face desta restauração do paganismo.

Comentando este movimento intelectual e as ten-

dencias modernas do espirito humano, conceituado autor escreveu:

“Viram-na (a sociedade de então) erguer de novo, em face do Crucificado, as estatuas impuras dos deuses e das deusas da antiguidade, celebrar solenemente as saturnais dos pagãos, abandonar os misterios que representavam a Paixão de Cristo para refestear-se em lubricidades escandalosas, anatematizadas pelo Evangelho. Chamavam divinos aos poetas, oradores e filosofos de Roma e Atenas; e deram-se a estudar-lhes os livros com mais cuidados que os dos profetas e Apostolos. Os produtos mais maravilhosos da arte cristã, até as nossas sublimes basilicas, foram acoimadas de barbaras. Convencionaram que a luz e a beleza tinham desaparecido do mundo com o paganismo e que os dez seculos da Idade Media, alumados por genios sublimes, como os Agostinhos, os Jeronimos, os Crisostomos, os Bernardos e os Tomás de Aquino, ilustrados por chefes como Carlos Magno e S. Luis, e santificados pelas virtudes heroicas dos grandes fundadores de Ordens, com os seus inumeraveis discipulos, digo, que aqueles dez seculos se chamariam na historia os seculos de ignorancia e barbaria, o sombrio periodo das trévas, a noite da Idade Media”. (3)

* * *

Parecia que o cristianismo ia sossobrar nas ondas agitadas desse retrocesso á civilização greco-romana, quando Deus veio em auxilio de sua Igreja e

(3) P. Berthe — Jesus Christo, sua vida, sua paixão, seu triumpho.

suscitou pontifices e principes, que se constituíram protetores das letras, das ciencias e das artes, e orientaram, quanto possivel, no sentido cristão, o renascimento intelectual da Europa. De outra parte, os sentimentos profundamente religiosos das massas populares reagiram contra esse movimento geral de neopaganismo. A Igreja recuperou as posições, momentaneamente, perdidas e o idealismo pagão apenas conquistou limitada aristocracia de intellectuais. O humanismo classico tornou-se o classicismo inofensivo á religião e puramente literario. As reformas da pedagogia, no fim do seculo XVI, e os collegios catolicos collocaram ao serviço do cristianismo o estudo das humanidades.

Mais uma vez Jesus Cristo conquistou vitoria e alcançou triumpho contra os inimigos de sua religião.

* * *

Golpe mais rude e mais certo ia ser desferido contra a Igreja: a Reforma Protestante.

A decadencia dos costumes, a perversão das idéas e a paganização da sociedade organizaram a conjura de todos os erros contra o catolicismo. Espiritos turbulentos e ambiciosos empunharam as armas da revolta contra Deus e atearam o incendio da luta religiosa.

No seio da propria Igreja, havia almas sedentas de justiça e perfeição, que almejavam a reforma geral dos costumes e o estreitamento dos laços da disciplina ecclesiastica e queriam a repressão dos abusos. Ao lado dessas almas bem intencionadas havia elementos de desordem, que promoviam a apostasia sob o pretexto de reforma.

Reis e povos subtraíram-se á obediencia ao successor de S. Pedro.

Em menos de cem anos, grande parte da Alemanha, a Inglaterra, a Escóssia, a Suíça, a Holanda e os países escandinavos separaram-se de Roma, fundaram igrejas nacionais, aceitaram a heresia e perseguiram os católicos. Guerras de religião assolaram regiões florescentes e destruíram primores da civilização cristã.

Era de vêr que o catolicismo se esboroava e se decompunha...

Em circunstancias tão delicadas, em ocasião tão difícil, o socorro divino não se fez esperar e a assistência providencial não faltou á Igreja.

Ascenderam ao trono pontifício homens excepcionais, que prestaram os mais relevantes serviços á religião e á humanidade: Pio V, a quem se deve a victoria de Lepanto, que abateu o imperio mussulmano; Gregorio XIII, illustre por varios titulos, entre os quais se encontra a reforma do calendario; Gregorio XV, que enviou missionarios a todo mundo conhecido.

O Concilio de Trento, em 1545, condenou os erros e as heresias dos protestantes, expôs, em termos claros e precisos, a verdadeira doutrina e os verdadeiros ensinamentos das Sagradas Escrituras e o valor da tradição; o peccado original; a graça santificante; a predestinação; os sete sacramentos e o culto dos santos. Foi publicado o Catecismo de Trento, que encerra um perfeito compendio da doutrina cristã. A memoravel assembléa, depois de resolver e esclarecer as questões doutrinarias, procurou assentar, de vez, certos pontos da disciplina eclesiastica e corrigir muitos abusos, que, no correr dos tempos, se haviam introduzido.

Surgiram, ao mesmo tempo, diversas novas ordens e congregações religiosas, que prestaram assinalados serviços á causa católica. A Reforma trou-

xe o despertar das forças adormecidas, que se prepararam para manter as posições ainda ocupadas e reconquistar, na media do possível, o que já se perdera.

S. Caetano fundou a ordem dos **Teatinos**, que se propunham a restituir ao clero a primitiva pureza de costumes.

S. Antonio Maria Zacaria fundou os **Barnabitas**, que se consagram ao ensino e ás missões.

S. Filipe Neri organizou os **Oratorianos**, destinados á instrução religiosa das massas populares.

S. Inacio de Loiola, com o fim de combater os progressos do protestantismo e reparar os estragos feitos pela heresia, fundou a **Companhia de Jesus**, que tem dupla finalidade: a) combater o erro, por meio de solida e vasta erudição; b) cuidar da instrução e educação da mocidade.

S. João de Deus fundou uma ordem religiosa, destinada a tomar cuidado dos doentes, em geral, e dos loucos, em particular.

S. Teresa de Jesus, doutora da Igreja, empreendeu e levou a efeito a reforma da ordem carmelitana.

A beata Angela instituiu a congregação das **Ursulinas**, que se dedicam á educação da juventude feminina.

Varios outros institutos religiosos, então fundados, muito concorreram para a renovação cristã do mundo. As **Escolas Pias** e os estabelecimentos católicos de ensino preservaram a juventude do contagio do erro reformista.

Em breve tempo, santos e sabios missionarios partiram para as remotas plagas do Oriente e da America, levando a luz da verdade a todos os recantos do mundo. Desse modo a perda de algumas nações da Europa ficou, amplamente, compensada com o nascimento de florescentes cristandades.

O renascimento do catolicismo operou-se, rapido e constante, por toda parte, de modo que, nos fins do seculo XVI, o Papa Sixto V podia mandar gravar em uma lapide esta inscrição triumphal: **“Eis a Cruz do Senhor: fugi potestades inimigas; venceu o Leão da tribu de Judá! Cristo reina, Cristo impéra, Cristo vence!”**

* * *

A's investidas da Reforma sucederam os desatinos da Revolução.

Filosophos incredulos, como Voltaire, Rousseau e os demais enciclopedistas, promoveram a revolta dos espiritos contra as tradições do passado, quer em religião, quer em politica.

Livros e folhetos impios e obscenos, disseminados no seio das camadas populares, favoreceram a corrupção dos costumes e desacreditaram tudo quanto o passado tinha de grande e de veneravel.

As verdades mais augustas e os dogmas sublimes da religião eram objeto de desprezo e de blasfemia. De par com a incredulidade caminhava a libertinagem e a decadencia da familia, que apresentava sintomas de desagregação.

O trono, que representava o poder civil, e o altar, que representava a autoridade espiritual, eram o alvo predileto dos demolidores do passado.

Em consequencia da propaganda avassaladora de sistemas deletérios, formou-se no espirito publico uma onda de revolta contra a autoridade legitima.

Afinal rebentou a tempestade anarchica. Foi a Revolução Francesa.

Bispos, sacerdotes, simples fieis foram maltrata-

dos, encarcerados e martirizados. Cometeram-se todos os sacrilegios, perpetraram-se todas as profanações.

Passou a Revolução, mas ficou o espirito revolucionario, que implantou o falso principio da soberania de Deus. Decretaram-se e promulgaram-se, solenemente, os direitos do homem, mas os deveres ficaram relegados em completo olvido. Implantou-se nova ordem social, fundada sobre a verdade onipotente do povo e os ditames da moral foram postos á margem.

De então a esta parte vai pelo orbe inteiro formidavel trabalho de descristianização e de apostasia das nações.

Reis e povos ergueram-se contra Deus e tentaram quebrar o jugo imposto pela vontade do Senhor.

Procuraram fechar á religião, as portas das escolas, das oficinas, dos hospitais, dos cemiterios, dos quarteis, das academias e das casas de governo. Não ha mais logar para Deus.

Com a apostasia das nações appareceram religiões absurdas e caricatas: pulularam seitas contraditorias.

As sociedades secretas desenvolveram a maxima atividade e empregaram os maiores esforços para entrar a ação da Igreja e levar á apostasia as massas populares.

Das transformações politicas e economicas, por que o mundo tem passado, nestes ultimos tempos, surgiu a questão social, que assoberba a humanidade inteira e preocupa os responsaveis pelos destinos dos povos.

Apesar de tudo e a despeito dos esforços dos inimigos, a Igreja, sem renegar nenhum dos seus dogmas, sem abolir nenhum dos seus preceitos, sem alterar a substancia de sua disciplina, tem sabido enfrentar todos os obstaculos, resolver todos os proble-

mas e adaptar-se ás necessidades da civilização e ás exigencias da vida moderna.

Ciencias, letras e artes receberam amparo e auxilio dos poderes eclesiasticos, que trabalham em pro do desenvolvimento material, intelectual e moral da humanidade.

Cada erro, que aparece, cada questão suscitada, cada controversia, que sobrevem, recebe o necessario correctivo e o catolicismo continúa sua marcha vitoriosa e triumphal.

Os inimigos da Igreja dizem que ela se acha em plena decadencia e apresenta sintomas de morte proxima.

Nada mais falso, nada mais contrario á realidade dos fatos.

O catolicismo cresce, prospéra e faz novas conquistas, quer nas terras de Missões, quer nos paises mais cultos e civilizados do mundo.

O prestigio crescente da Santa Sé, as universidades e institutos catolicos e de ensino superior e de alta cultura, as obras de beneficencia e organização de operarios e os congressos eucaristicos nacionais e internacionais constituem documentos incontestaveis da vitalidade da religião católica.

Roma continúa a ser a cidade eterna, a cidade do mundo. No passado dominou pelas armas dos seus guerreiros, hoje domina pelo primado de Pedro. E' o centro moral do universo e o ponto de reunião de peregrinos e embaixadores de todos os povos.

Lourdes é a cidade da Virgem e dos milagres, que confundem a falsa ciencia que finge desconhecer o poder divino, mas que reconhece a impossibilidade de explicar os prodigios e os fenomenos de ordem sobrenatural.

Lisieux, a cidade de S. Teresinha, tornou-se o centro de verdadeiro e extraordinario renascimento

espiritual, poderosa reação contra o materialismo do século XX.

* * *

Diante de tudo isso, lembramo-nos das palavras do grande Apostolo S. Paulo: “Jesus Christo é sempre o mesmo, hontem e hoje; ele o será também por todos os seculos”. (4)

(4) Hebreus, XIII, 8.



INDICE

Introdução	9
A existencia de Deus	17
O fenomeno religioso	31
O Homem-Deus	45
O verdadeiro cristianismo	67
As verdades de fé	85
O espirito do cristianismo	95
O memorial do amor divino	105
O sacerdocio da Nova Aliança	129
O misterio da reconciliação	143
Maria, Corredentora da humanidade	157
O Vencedor da morte	169
O poder das chaves	181
A volta ao Pai	197
A Pascoa de fogo	205
O primado de Pedro	213
A pregação dos Apostolos e a difusão do Evangelho	223
O cristianismo e a civilização	235
Cristo, o grande Rei	249
A influencia moral da verdade cristã	261
Os triunfos de Jesus Cristo	273

Composto e impresso nas Off. Gr. de
O "LIVRO VERMELHO DOS TELE-
PHONES" — Rua Camerino, 89,
Telephone 4-1366

26. FEV. 1937

A LIVRARIA CATOLICA, no espaço de um ano e meio já editou, graças aos seus esforços próprios os seguintes livros:

I FIORETTI DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS	7\$000
POLITICA — Tristão de Athayde	12\$000
REPERCURSÃO DO CATOLICISMO — Tristão de Athayde	3\$000
SOLDADO DE CRISTO — Alcibiades Delamare ...	5\$000
ORDEM BENEDITINA — Arrufat O. S. R. ...	8\$000
ARITMETICA NA ESCOLA NOVA — E. Backheuser	6\$000
O "SIM" DE UMA CRENÇA — Berneville ..	6\$000
SELETA CRISTÁ — Odylo Costa Filho	5\$000
O PROBLEMA DA FAMILIA — Pe. Couillet ..	6\$000
CONTOS A LULITO — Luiz de Gongora	6\$000
VIDA DE SANTA IGNEZ — Helena Velasco ...	3\$000
ENSAIOS DE BIOLOGIA — Tristão de Athayde e Hamilton Nogueira ...	5\$000
FILOSOFIA DO DIREITO — Jonathas Serrano...	7\$000
O LIVRO DA CONFIANÇA — Abbade Tomas de St. Laurent	4\$000
O PROBLEMA DA DOR — Cong. Melo Lula	3\$000
A PROVIDENCIA DE MARIA — Lecourieux ...	6\$000
ALVO DE CONTRADIÇÃO — Pe. Gilberto Mooy ...	3\$000
DISCURSO AO POVO INFIEL — Tasso de Oliveira	3\$000
O CANTO DE CRISTO NO CORCOVADO — Idem .	2\$000
AÇÃO CATOLICA — D. Sebastião Leme	6\$000
O REI DOS SEMINOLAS — Mayne Reid	5\$000

BIBLIOTECA DE CULTURA CATOLICA

— DA —

LIVRARIA CATOLICA

Livros saídos :

- I — Pe. Paulo Lecourieux (barnabita) — A PROVIDENCIA DE MARIA.
- II — Pe. Schryvers, (redemptorista) — O DOM DE SI.
- III — Pe. J. Cabral — JESUS CRISTO - REI DOS REIS.
- IV — Jonathas Serrano — DEUS O QUER!

Livros a sair :

- V — Bougoud — A DOR.
- VI — L. H. Petitot, O. P. — A VIDA INTEGRAL DE SÃO TOMÁS DE AQUINO.
- VII — Abade J. Gaume — RESUMO DO CATECISMO DA PERSEVERANÇA.
- VIII — Voragine — A LENDA AUREA.

— - o - —

RUA RODRIGO SILVA, 7

RIO DE JANEIRO